



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANTÓNIO DA SILVA RAIMUNDO

Mistagogia em tempos de secularização
A experiência mistagógica do século IV e o caminho de fé
para a evangelização na contemporaneidade

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

Lisboa
2024

«É por isso que nós cristãos somos seres pascais, nascemos na Páscoa do batismo, vamos renovando essa Páscoa ao longo da vida, em todos os sacramentos, semanalmente ao domingo, anualmente a cada Páscoa [...]. E, depois temos a nossa última e definitiva Páscoa que é a nossa morte. Somos seres pascais. Andamos de Páscoa em Páscoa, até à Páscoa eterna».¹

(Cónego Luís Manuel Silva, presbítero da diocese de Lisboa)

¹ Luís Silva, *Nascemos da Páscoa: O memorial do mistério pascal*, ed. Carlos Pinto e Ricardo Jacinto, 1ª ed., Hodie 4 (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 315.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, Pai Filho e Espírito Santo, *culmen et fons* de toda a unidade e sapiência.

À minha família e amigos que acompanharam de perto este meu percurso académico e que tanto me apoiaram nas dificuldades da vida e do estudo da Teologia, bem como na realização deste trabalho.

Ao Seminário dos Olivais, casa que me acolheu ao longo destes cinco anos e que agora me acolhe neste sexto ano; à comunidade que aí reside e todas as outras com quem convivi; à Equipa Formadora que tanto me tem apoiado e ajudado a discernir a minha vocação, mas essencialmente ao meu curso que, sob o patronato de São Josemaría Escrivá, me apoiou desde a primeira hora na escolha do tema e que tanto me ajuda no meu crescimento humano e espiritual.

À comunidade do Pré-Seminário, comunidade esta em que estive durante dois anos, no meu estágio pastoral, que me ajudou a descobrir o gosto pela mistagogia, e à comunidade paroquial do Parque das Nações, onde pude tocar a mistagogia a efervescer e ser desenvolvida no seio de uma comunidade cristã.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho, que tão solícito foi ao meu pedido de orientação, bem como a encaminhar-me e a acompanhar-me na execução desta dissertação.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	8
SIGLÁRIO	9
ABREVIATURAS	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – AO ENCONTRO DO MISTÉRIO	12
1.1. INICIAÇÃO CRISTÃ E CATEQUESE	12
1.1.1. <i>Iniciação Cristã</i>	12
1.1.2. <i>Catequese</i>	16
1.2. CATECUMENADO COMO PROCESSO DE INICIAÇÃO CRISTÃ	17
1.3. MISTAGOGIA COMO PERCURSO DE FÉ	21
1.3.1. <i>Mistagogia</i>	22
1.3.2. <i>Evangelização</i>	26
1.4. A EXPERIÊNCIA CELEBRADA DO MISTÉRIO	33
1.4.1. <i>Conceito de Mistério na Sagrada Escritura</i>	34
1.4.2. <i>Mistério Sacramental</i>	36
1.4.3. <i>Do Mistério revelado ao Mistério vivido</i>	44
CAPÍTULO 2 – MISTAGOGIA NO SÉCULO IV: OS SEUS TEMPOS ÁUREOS	49
2.1. A IGREJA NOS SÉCULOS III E IV: CONTEXTO HISTÓRICO	49
2.2. O CATECUMENADO	50
2.2.1. <i>O século III: nascimento e o ponto alto do catecumenado</i>	50
2.2.2. <i>O século IV: a condensação e o início do desvanecimento</i>	53
2.3. A INSTRUÇÃO DOS CATECÚMENOS: A CATEQUESE NA IGREJA PRIMITIVA	56
2.3.1. <i>O século III e a introdução da catequese kerygmática</i>	56
2.3.2. <i>A catequese no século IV: formação de cristãos</i>	58
2.4. O APARECIMENTO DAS CATEQUESES MISTAGÓGICAS NA IGREJA NASCENTE	59
2.4.1 <i>Mistagogia cristã</i>	59
2.4.2 <i>Contributo das catequeses mistagógicas para a Igreja</i>	62
2.4.3 <i>Género literário e características das catequeses mistagógicas</i>	64
2.5. UM OLHAR PATRÍSTICO: TRÊS CONTRIBUTOS RELEVANTES	65
2.5.1. <i>Cirilo de Jerusalém</i>	65
2.5.2. <i>Ambrósio de Milão</i>	69
2.5.3. <i>Agostinho de Hipona</i>	75

CAPÍTULO 3 – MISTAGOGIA E EVANGELIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	84
3.1. A REDESCOBERTA CONTEMPORÂNEA DA MISTAGOGIA	84
3.1.1. <i>A mistagogia do Concílio Vaticano II aos nossos dias</i>	84
3.1.2. <i>A mistagogia como itinerário no RICA</i>	86
3.1.3. <i>Papa Francisco e a opção preferencial pela mistagogia em saída</i>	92
3.2. URGÊNCIA DE UMA PASTORAL MISTAGÓGICA EM TEMPOS DE SECULARIZAÇÃO	95
3.2.1. <i>Secularização e nova religiosidade</i>	95
3.2.2. <i>A “crise” da transmissão e a pastoral dos “recomeçantes”</i>	99
3.3. UMA PROPOSTA DE MISTAGOGIA NA CONTEMPORANEIDADE: A CATEQUESE DE ADULTOS .101	
3.3.1. <i>Um novo paradigma de evangelização: uma catequese de adultos de iniciação</i>	101
3.3.2. <i>Comunidade eclesial e a evangelização como pilares da catequese de adultos</i>	104
3.3.3. <i>Catequese de adultos como testemunho e compromisso em favor do Reino de Deus</i>	106
3.3.4. <i>Importância da catequese mistagógica hoje</i>	108
3.3.5. <i>Sugestões de realização da catequese de adultos</i>	109
3.3.6. <i>Síntese: Um encontro com os três modelos catequéticos</i>	114
3.4. O IMPACTO DA CATEQUESE DE ADULTOS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO	115
CONCLUSÃO	117
BIBLIOGRAFIA	120
FONTES E DOCUMENTOS	120
ESTUDOS E ENSAIOS	123
DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS	128

RESUMO

Este trabalho incide sobre a importância da revalorização da dimensão mistagógica no processo de transmissão da fé no contexto de secularização vivido na nossa sociedade hodierna, partindo especificamente do modelo de catequese mistagógica praticado principalmente no século IV.

Para isso, após um breve estudo dos sacramentos da Iniciação Cristã e do itinerário catequético que os prepara – primeiro capítulo, *Ao Encontro do Mistério* –, incide-se particularmente nas dimensões catecumenal e mistagógica que envolviam a receção desses sacramentos no entorno do século IV – segundo capítulo, *Mistagogia no século IV: os seus tempos áureos* – de modo a, posteriormente, ensaiar uma possível “recuperação do método”, nos seus aspetos essenciais, adaptando-o às características específicas da sociedade secularizada em que vivemos – terceiro capítulo – *Mistagogia e Evangelização na contemporaneidade*.

Palavras-chave: Mistagogia, catequese, Iniciação Cristã, secularização e contemporaneidade.

ABSTRACT

This work focuses on the importance of recovering the mystagogical dimension in transmitting faith in the context of secularization experienced in our modern society, specifically starting from the model of mystagogical catechesis practiced mainly in the 4th century.

To this end, after a brief study of the sacraments of Christian Initiation and the catechetical itinerary that prepares them – the first chapter, *Encountering the Mystery* –, we focus particularly on the catechumenal and mystagogical dimensions that involved the reception of these sacraments around the 4th century – second chapter, *Mystagogy in the 4th century: its golden times* – to later rehearse a possible “recovery of the method”, in its essential aspects, adapting it to the specific characteristics of the secularized society in which we live – third chapter – *Mystagogy and Evangelization in contemporary times*.

Keywords: Mystagogy, catechesis, Christian Initiation, secularization, contemporary times.

SIGLÁRIO

AAS – *Acta Apostolicae Sedis*

AG – Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja

CD – Decreto *Christus Dominus* sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja

CDC – Código de Direito Canónico

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CT – Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*

DC – Diretório para a Catequese

DCE – Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, sobre o Amor Cristão

DD – Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus

DGC – Diretório Geral da Catequese

DH – Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual

EM – Instrução *Eucharisticum Mysterium*, sobre o Culto do Mistério Eucarístico

EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

GE – Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja

MD – Encíclica *Mediator Dei* sobre a Sagrada Liturgia

PG – Patrologia Grega

PL – Patrologia Latina

PO – Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes

RICA – Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário

SaC – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia

SC – Constituição Conciliar *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia

UR – Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo

ABREVIATURAS

Ap – Apocalipse de São João

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

Col – Epístola de São Paulo aos Colossenses

Dn – Livro do Profeta Daniel

Ef – Epístola de São Paulo aos Efésios

Gl – Epístola de São Paulo aos Gálatas

Gn – Livro dos Génesis

Jo – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Lc – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Lv – Livro do Levítico

Mc – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Mt – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Pv – Livro dos Provérbios

Rm – Epístola de São Paulo aos Romanos

Sb – Livro da Sabedoria

Séc. – século

Sir – Livro do Ben-Sirá

Tb – Livro do Profeta Tobias

1Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios

1Jo – Primeira Carta de São João

2Mac – Segundo Livro dos Macabeus

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada *Mistagogia em tempos de secularização: A experiência mistagógica do século IV e o caminho de fé para a evangelização na contemporaneidade*, tem como objetivo explorar a relevância da prática mistagógica existente no século IV e aplicá-la, mediante adaptações, na evangelização contemporânea. A mistagogia, entendida como a inserção dos fiéis no conhecimento dos mistérios de Cristo, é um tema nevrálgico neste estudo e que será abordado ao longo deste trabalho. O que esta dissertação pretende trazer à reflexão da Igreja hoje é a revalorização da experiência mistagógica do século IV como um caminho de fé para a evangelização na contemporaneidade, enfatizando uma pastoral mistagógica que responda aos desafios atuais da sociedade e da Igreja.

Para este estudo irá ser usada, principalmente, a obra de Enrico Mazza – *As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método* e o compêndio de discursos da obra publicada pela Universidade Católica Portuguesa Editora - *A Iniciação Cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, pois sendo obras abrangentes irão guiar na escolha de bibliografia. Relativamente ao Magistério, irão ser usados documentos conciliares do Concílio Vaticano II. Perspetiva-se ser um trabalho que será de «despertar da fé, através do primeiro anúncio e evangelização» (Apresentação RICA).

Este estudo estará repartido por três capítulos, em que se abordará uma vertente conceptual do encontro com Cristo e qual o caminho a seguir para este encontro, baseado na catequese, Iniciação Cristã e mistagogia. Neste capítulo, *Encontro com o Mistério*, abordaremos a Iniciação Cristã e a catequese, destacando a importância dos sacramentos da Iniciação Cristã como pilares para a integração na comunidade cristã. A catequese será apresentada como uma pedagogia sistemática essencial para a educação cristã e vida sacramental.

No segundo capítulo, *Mistagogia no século IV: os seus tempos áureos*, aprofundaremos uma vertente mais histórica, principalmente a época patrística, em que se trataremos a mistagogia do século IV através do contributo que as catequeses mistagógicas tiveram para os fiéis dessa época. Assim, será analisado tanto o catecumenado como as catequeses mistagógicas, com destaque para as contribuições de Padres importantes da época como Ambrósio de Milão, Cirilo de Jerusalém e Agostinho de Hipona.

No terceiro capítulo, *Mistagogia e evangelização na contemporaneidade*, exploraremos a relevância da mistagogia na evangelização moderna, especialmente após o Concílio Ecuménico Vaticano II. Será também discutida a necessidade de uma pastoral mistagógica que responda aos desafios da secularização e da nova religiosidade, propondo um modelo de evangelização, não sendo algo estanque.

CAPÍTULO 1 – AO ENCONTRO DO MISTÉRIO

1.1. – Iniciação Cristã e catequese

Primeiramente, antes de considerar o caminho mistagógico que o Homem recebe na sua vida cristã, isto é, antes de falarmos de mistagogia e de Mistério, é preciso abordar e explicar o conceito de “Iniciação Cristã” e de “catequese”, nos seus sentidos etimológico e religioso. Dito isto, é necessário notar que o conceito de “iniciação” tem diferentes significados no seu uso corrente e uma dessas diferenciações é o significado cristão que passaremos abordar de seguida.

1.1.1 – Iniciação Cristã

Iniciação, etimologicamente, deriva do latim *initiatio* e, como o próprio nome indica, aponta para o começo, introduz num caminho, «indica um conjunto de ritos e de ensinamentos orais, cuja finalidade é produzir uma radical modificação no estatuto social e religioso da pessoa iniciada».²

A iniciação é um método que está presente em muitas religiões, sobretudo as religiões designadas “místicas”, pelo qual a pessoa é iniciada no mistério e admitido como membro, ou seja, «são os ritos pelos quais se entra num determinado grupo, associação, religião...».³

Na tradição cristã, o vocábulo “iniciação” significa «o conjunto de ações pelas quais alguém é admitido na comunidade dos cristãos, na Igreja de Cristo».⁴ Essas ações consistem nos sacramentos da Iniciação Cristã que são o Batismo, Confirmação e Eucaristia. E estes «são os ritos fundamentais da iniciação. Mas os ritos cristãos são sempre expressão da fé, e a fé vem pela palavra; por isso os ritos são sempre articulados pela palavra».⁵

Podemos afirmar, com Teresa Messias, que a Iniciação Cristã é uma experiência pedagógica comunitária de fé e que se manifesta de acordo com três pilares: celebrativo, ou por outras palavras a liturgia; testemunhal, o martírio dos santos; e serviçal, também designado por diaconia.⁶ Na dimensão litúrgica, onde tem o seu cume e ponto basilar no Mistério Pascal de Jesus, esta manifesta-se «na atividade cultural através da qual o crente, em comunhão com toda a comunidade, se dirige de forma ritual, simbólica e visível glorificando e adorando o Pai, por,

² Dionisio Borobio, *La Iniciación Cristiana: Bautismo, Educacion familiar, Primera eucaristia, Catecumenado, Confirmacion, Comunidad cristiana*, Tercera edicion, Lux Mundi 72 (Salamanca: Ediciones Siguime, 2009), 19. Todas as citações que fazemos de obras em língua estrangeira nesta dissertação são de tradução nossa, com auxílio de meios eletrónicos, salvo se houver indicação contrária.

³ Borobio, 18.

⁴ José Ferreira, *Os mistérios de Cristo na liturgia*, 2ª ed. (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 103.

⁵ Ferreira, 103.

⁶ Cf. Teresa Messias, «A fé como experiência existencial», em *A fé da Igreja*, ed. João Lourenço, Teologia portuguesa (Lisboa: Paulus, 2014), 359.

com e em união a Cristo».⁷ No que se refere ao pilar testemunhal, este incide, essencialmente, na profissão de fé dos mártires de Cristo «quer na sua vertente doutrinal»,⁸ quer na prática dos valores e conselhos evangélicos, numa relação íntima «entre profissão e atuação da fé, da qual faz parte integrante o compromisso social e político do mundo».⁹ Por fim, o pilar diaconal insere-se, sobretudo, nos ministérios e serviços que a Igreja foi estruturando ao longo da sua existência, como, por exemplo, o ministério ordenado e, de forma mais abrangente e muito focado no serviço diaconal na Igreja, o exercício da caridade para com todos. Logo, a instrução ao trabalho árduo desta tríplice dimensão adquire-se «no processo de adesão e resposta de fé à medida que o crente é levado ou posto em contato com a Igreja, com a comunidade dos que creem, testemunham, servem e prestam culto a Deus».¹⁰ Com efeito, a comunidade eclesial é essencial na vida do crente que se compromete, diante da Igreja e da própria comunidade. Dada a consciência existente na Igreja da essencialidade da comunidade para a aprendizagem e maturação na fé daquele que começa a crer, esta implementou um processo faseado como introito à «maturidade da fé no diálogo entre os seus vários membros e carismas»¹¹ para todo aquele que, de livre vontade, se sente chamado a percorrer este caminho de aprofundamento com Jesus. A essa pedagogia a Igreja deu o nome de “Iniciação Cristã” (cf. Preliminares RICA 1).

Para a entrada numa comunidade cristã é imprescindível a passagem por um processo de integração, a Iniciação Cristã, pelo qual a pessoa é introduzida no grande mistério de Cristo e na vida da Igreja, através de mediações sacramentais que acompanham a mudança de vida e de atitude da pessoa iniciada, isto é, a sua nova identidade como uma pessoa cristã¹² que «consiste em amadurecer a conversão, viver a liturgia, descobrir a comunidade cristã e orientar o compromisso».¹³ Essa iniciação é também realizada a partir do anúncio da Palavra de Deus até ao aprofundamento dessa mesma palavra nas catequeses subsequentes, às quais conduzem à fé e à conversão.¹⁴

⁷ Messias, 359.

⁸ Messias, 360.

⁹ Messias, 360.

¹⁰ Messias, 360.

¹¹ Messias, 360.

¹² Cf. Borobio, *La Iniciación Cristiana*, 33. Toda a informação consultada em obras de língua estrangeira com a finalidade de redação de conteúdos nesta dissertação é de tradução nossa, com auxílio de meios eletrónicos, salvo se houver indicação contrária.

¹³ Casiano Floristán, *Para compreender o catecumenado*, trad. Abílio Cardoso e Jorge Cardoso (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995), 270.

¹⁴ Cf. Ferreira, *Os mistérios de Cristo na liturgia*, 103.

Não tomando como um exagero, a chamada disciplina do “arcano”¹⁵ fazia com que os ritos de iniciação fossem secretos. As catequeses pregadas pelos Padres da Igreja, chamadas catequeses mistagógicas, que iremos abordar posteriormente, mostram que a explicação, em pormenor, dos ritos eram já depois dos catecúmenos terem passado pela «experiência vital dos sacramentos da iniciação».¹⁶

No que concerne ao Novo Testamento, este não nos apresenta qualquer tipo de definição ou disciplina relativas à Iniciação Cristã. Apenas São Paulo nos oferece alguns dados, dos quais se deduz uma certa gradualidade na iniciação nas comunidades crentes da altura. É evidente que, para a pertença a uma comunidade de discípulos de Cristo, é necessária a evidência de uma mudança na vida, uma *μετάνοια*¹⁷ - “metanóia”. Após a introdução inicial da pessoa no mistério de Cristo, sucedia-se o processo do anúncio da doutrina e mistérios cristãos – *kerygma*.¹⁸ Com a introdução dos fiéis no mistério de Cristo, através da administração dos sacramentos da Iniciação Cristã, e sucessiva participação na vida da comunidade crente, é então pregada a catequese necessária para a transformação da vida do fiel, pregação esta que, através de um rito, opera a Iniciação Cristã do fiel.

Ao longo do tempo este processo iniciático foi sofrendo desenvolvimentos vários, como podemos observar, na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, datada do século III. Hipólito descreve pedagogicamente este processo em três etapas nas quais o catecumenado foi organizado, fazendo coincidir, na Vigília Pascal, a celebração dos três sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia.¹⁹

Através destes três importantes sacramentos, o Homem é libertado da escuridão das trevas e é regenerado por Cristo através do Batismo com o sinal do Espírito Santo e, por fim, alimentado pela Eucaristia (cf. Preliminares RICA 1-2). Segundo Tertuliano, na sua obra *A ressurreição da carne*,

o corpo é lavado, para que a alma seja purificada; o corpo é ungido para que a alma seja consagrada; o corpo é assinalado para que a alma seja fortificada; o corpo é

¹⁵ A Igreja estabeleceu, por prudência, no tempo das perseguições, a proibição de revelar os mistérios sagrados àqueles que ainda não tinham sido admitidos ao sacramento do Batismo. Para além da fé, a disciplina do arcano abrangia, também, os sacramentos, principalmente, o sacramento da Eucaristia.

¹⁶ Adrien Nocent, «Iniciação Cristã», em *Dicionário de Liturgia*, ed. Domenico Sartore e Achille M. Triacca, trad. Isabel Fontes Leal Ferreira, Dicionários EP (São Paulo: Edições Paulinas, 1992), 593.

¹⁷ *μετάνοια* – No contexto das discussões teológicas, foi traduzido como “arrepender-se”. Pode compreender-se à luz da noção de conversão, uma transformação completa do pensamento. Tal mudança não se limita a uma mudança de mentalidade, mas também de comportamento, de atitude e de vida.

¹⁸ *κήρυγμα* - Significa proclamação. O *kerygma* cristão é o que a Igreja crê, confessa e proclama em relação a Jesus. É também o chamado primeiro anúncio da Boa Nova aos não convertidos para que possa suscitar neles a fé.

¹⁹ Cf. Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, Exsultet 13 (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020), 63–66.

sombreado para que a alma seja iluminada pelo Espírito Santo; o corpo é alimentado com o corpo e sangue de Cristo para que a alma se nutra de Deus.²⁰

Durante cerca de quatro séculos a Iniciação Cristã foi um procedimento agregador dos três sacramentos que culminava, como referimos acima, na Eucaristia. Contudo, com o passar do tempo, este método foi-se degradando até ao seu desaparecimento no século V. No Ocidente, esta problemática é mais visível, uma vez que o Batismo é administrado nos primeiros meses de vida; mais adiante, a Confirmação, passa para o múnus do Bispo, e torna-se praxis que a Eucaristia seja recebida pela primeira vez apenas na idade da razão.²¹ Atualmente, por razões pastorais e históricas, na Igreja latina, o sacramento da Confirmação é administrado posteriormente ao sacramento da Eucaristia, mantendo-se a idade da razão para a primeira receção do sacramento da Eucaristia, sem, no entanto, descurar a importância da unidade entre os três sacramentos,²² tendo sempre em conta que na catequese de um se «requer que se faça referência aos outros dois, que se acham estreitamente ligados entre si».²³ Na Igreja Oriental, a união dos três sacramentos é ainda a disciplina vigente.

Com a reforma operada na Igreja com e após o Concílio Vaticano II, este, na *Sacrosanctum Concilium*,²⁴ constituição dogmática dedicada à Liturgia, propôs uma revisão de todo o processo da Iniciação Cristã, com a criação de um ritual próprio para as crianças a recuperação do caminho de catecumenado para os adultos (cf. SC 64-71).

O *Ritual da Iniciação Cristã para Adultos* (RICA)²⁵ é o lugar onde melhor se podem compreender as etapas do processo da Iniciação Cristã: «pré-evangelização, evangelização,

²⁰ «Scilicet caro abluitur, ut anima emaculetur. Caro ungitur, ut anima consecratur. Caro signatur ut et anima muniatur. Caro manus impositione adumbratur, ut et anima spiritu illuminetur. Caro corpore et sanguine Christi vescitur, ut et anima de Deo saginetur». Tertuliano, «De Resurrectione Carnis», em *Collectio Selecta S.S. Ecclesiae Patrum: Patres Tertii Ecclesiae Saeculi*, ed. D. Caillau e D. M. N. S. Guillon, vol. 6 (Paris: Méquignon-Havard, Editorem, 1829), 8. Todas as citações que fazemos de obras patrísticas em língua estrangeira nesta dissertação são de tradução nossa, com auxílio de meios eletrónicos, salvo se houver indicação contrária.

²¹ Segundo *Código de Direito Canónico*, 4ª ed. rev. (Braga: Editorial A.O., 2007), canon 97, §2, «O menor, antes de completar sete anos, chama-se infante e considera-se que não tem o uso da razão; completados os sete anos, presume-se que o tem».

²² Cf. Nocent, «Iniciação Cristã», 594.

²³ Nocent, 594.

²⁴ A constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia católica, é uma das quatro constituições apostólicas oriundas do Concílio Vaticano II, em que são realizadas alterações no culto católico, querendo aumentar o papel da participação dos leigos na liturgia da Igreja. Foi o primeiro documento emitido pelo concílio, e o único, preparado pela Cúria Romana, a ter sido aprovado. Foi promulgado pelo Papa Paulo VI, no final da segunda sessão conciliar.

²⁵ RICA – *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. A pedido do Concílio Vaticano II restabeleceu-se o catecumenado dos adultos, culminando na publicação do RICA, no ano de 1972. Era um desejo conciliar restaurar o catecumenado expresso na Iniciação Cristã, que até então se tinha perdido. Com a massiva conversão de cristão, no século V, as exigências pastorais acabaram por simplificar a Iniciação Cristã o que levou a uma separação entre liturgia e catequese.

O RICA não é um mero compêndio de rubricas, gestos e palavras, é, antes de mais, um caminho que nasceu no interior das comunidades cristãs, conduzindo não apenas aquele que deseja aderir à fé, mas toda a comunidade a

catecumenado, período de iluminação ou eleição, celebração dos três sacramentos na Noite Pascal e o tempo de “mistagogia” ou aprofundamento».²⁶

1.1.2. – Catequese

Etimologicamente, “catequese” provém do grego *κατήχησις* que deriva do verbo *κατηχέω* que significa, como primeiro significado «ressoar, fazer ecoar; ensinar e instruir».²⁷ Como segundo significado «ensinar, instruir na fé».²⁸ O prefixo *κατά* realça o sentido primário do verbo, pois ele quer significar, literalmente, “de cima para baixo”, enquanto o verbo *εχειν* que significa ressoar.²⁹ A marca oral do termo é importante, pois pretende implementar um estabelecimento de relação que, por sinal, diz respeito à comunicação.

Ao longo dos primeiros séculos do Cristianismo, vivenciou-se uma imensa riqueza entre liturgia e catequese, verificada a partir dos princípios *lex orandi* e *lex credendi*.³⁰

Devido ao seu caráter de completude, que a diferencia do *kerygma*,³¹ a catequese é um ensinamento elementar e sistemático do mistério cristão, fundamental como primeiro anúncio para a educação na fé e como introdução à vida sacramental e cristã. A catequese, ao recorrer à Sagrada Escritura e à Tradição da Igreja, tornou-se gradualmente parte fundamental na transmissão da sua Tradição oral, motivo pelo qual ocupa um lugar central desde os primórdios da Igreja. Com o desenrolar do tempo, a catequese foi sistematizada, ordenada, desenvolvida e, por fim, escrita, passando assim o ensino catequético de uma natureza predominantemente oral para algo condensado e fixado por escrito,³² embora, na generalidade da sua praxis, ainda tenha uma forte componente de oralidade.

Se a componente principal do conceito de catequese é a oralidade, como referimos anteriormente, podemos afirmar que a sua característica fundamental é o facto de permitir que a Palavra de Deus ecoe em todas as dimensões da identidade da pessoa, como também nos

mergulhar nos mistérios de Cristo. Posto isto, o ritual não se destina, somente, ao catecúmeno, mas, sobretudo, a toda a comunidade cristã.

²⁶ José Aldazabal Larrañaga, «Iniciação», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007), 145–46.

²⁷ G. W. H. Lampe, ed., «*Κατηχέω - Κατήχησις*», em *A Patristic Greek Lexicon* (Oxford: Oxford University Press, 1961), 732.

²⁸ Lampe, 732.

²⁹ Cf. Floristán, *Para compreender o catecumenado*, 21.

³⁰ Segundo o Padre Gerson Schmidt, o axioma *lex orandi e lex credendi* informa-nos que a nossa fé deve ir ao encontro do modo que celebramos e vice-versa, ou seja, o que a Igreja reza é o que a Igreja crê e quanto mais ela reza e celebra, mais a sua fé sai fortificada através da Tradição e da Sagrada Escritura. Para um melhor entendimento, deixamos aqui o provérbio latino de onde imana o nosso axioma: *Lex orandi statuat legem credendi*, traduzindo: «A norma da oração estabeleça a norma da fé». Gerson Schmidt, «Lex orandi - Lex credendi - Vatican News», 6 de novembro de 2023, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-11/lex-orandi-lex-credendi.html>.

³¹ Cf. Jean Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos* (Burgos / Nápoles: Monte Carmelo / Grafite Ediciones, 1998), 11–12.

³² Cf. J. E. Martins Terra, *História da catequese*, Bíblia e catequese 2 (São Paulo: Loyola, 1982), 7.

recorda o significado da palavra grega *κατηχέω*, suprarreferido. Na Igreja Antiga, o ensino catequético tinha tarefas e objetivos concretos, a saber: educar o povo de Deus na fé e auxiliá-los a viver as virtudes evangélicas no seio da Igreja, através dos sacramentos. A catequese, levada a cabo ao longo do processo catecumenal, apontava para conduzir o crente ao cumprimento dos mandamentos e exemplos de Jesus, bem como à preparação para a receção dos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, ou seja, os sacramentos da Iniciação Cristã. Logo, o ensino catequético praticado era o suporte de todos os passos e ritos, ao longo do método catecumenal.³³

Tendo como esteira as palavras do Papa Paulo VI, na sua exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, percebemos na catequese o objetivo primordial de transmitir à inteligência das crianças e adolescentes «o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir» (EN 44) para que estes possam, a partir do que guardaram nos seus corações, impregnar a totalidade das suas vidas. Esta transmissão de conhecimento realiza-se por diversos métodos, adaptados à idade, cultura e capacidade dos destinatários.

Podemos afirmar que a catequese era desenvolvida à luz do Verbo de Deus Encarnado, pois tinha como primordial função ecoar a voz do próprio Deus nos labirintos interiores da pessoa, percorrendo a história da salvação e, por fim, terminando no Mistério de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Com efeito, a experiência catecumenal é uma prova primordialmente salvadora e salvífica.³⁴

Concluindo, Paulo VI afirma que na formação religiosa dos jovens deste mundo, pelas diversas condições e desenvolvimento do mundo atual, torna-se, «cada vez mais urgente o ensino catequético, sob forma de um catecumenato» (EN 44). Esta via permite a um grande número de jovens, tocados pela graça, alegria e misericórdia do Senhor Jesus, descobrirem «pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentarem a necessidade de a Ele se entregar» (EN 44).

1.2. – Catecumenado como processo de Iniciação Cristã

O catecumenado é designado como estrutura de iniciação à vida cristã tendo a sua origem nos primórdios da Igreja com a finalidade de introduzir, instruir e amadurecer na fé os candidatos ao Batismo, bem como os neófitos.³⁵

³³ Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 38.

³⁴ Cf. André Laurentin e Michel Dujarier, *El catecumenado: fuentes neotestamentarias y patristicas la reforma del Vaticano II*, trad. José del Palacio, Colección Teshuva (Burgos: Grafite, 2002), 342–46.

³⁵ «A palavra “neófito” significa “recém-nascido” ou “recém-chegado”. Do grego, *neos* (novo), e *phyto* (chegar a ser), ou, mais provavelmente, de *phyton* (planta), em cujo caso significaria sobretudo “novo plantado, recém-enxertado (em Cristo)”. Aplica-se aos recém-baptizados, que, antes do Batismo se chamam “catecúmenos”, e depois, durante as primeiras semanas, “neófitos”. É aos neófitos que, na época patristica, se dirigiam as “catequese

O catecumenado antigo era um processo longo e progressivo, como veremos adiante, que conduzia os candidatos ao encontro de Cristo e em Cristo, bem como a sua inserção na Igreja, através dos sacramentos da Iniciação Cristã.

Segundo a obra *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, para a entrada daqueles que se querem aproximar da fé³⁶ – entrada em catecumenado – era necessária a passagem por um exame no qual se avaliava a motivação para quererem aproximarem-se da fé, se questionava acerca do testemunho de vida, estado de vida e suas profissões,³⁷ antes da sua apresentação ao Povo de Deus, pois caso não recebessem aval positivo seriam rejeitados e não escutavam a Palavra de Deus.³⁸ Do mesmo modo, todos aqueles que estivessem possuídos pelo Demónio, também não escutavam a Palavra da doutrina enquanto não fossem purificados.³⁹ A aceitação no catecumenado era uma resposta muito séria de fé, tanto para quem desejava entrar, como para quem acolhia para instruir. Por isso, a realização de um exame rigoroso, acerca da vida e costumes (*de vita et moribus*) dos candidatos, era efetuado para que todos estivessem conscientes do passo que estava a ser dado. Por ser um exame rigoroso, era perguntado àqueles que se aproximavam do catecumenado se eram casados ou escravos – caso fossem escravos, se o seu senhor dava bom testemunho deles. Se eram casados, os mesmos eram instruídos a comportarem-se e a viverem segundo a Lei de Deus (cf. Gn 2, 23-24; Lv 21, 7; Mt 19, 3-9; Ef 5, 22-23). Como verificamos supra, as profissões eram também um tema importante e tido em conta no “exame de admissão”, dado que poderia haver profissões ou ocupações cujo desempenho fosse contrário à fé e à relação com Deus, pelo que, enquanto as desempenhassem, não podiam ser apresentados para serem instruídos no catecumenado.

Todo este método, cuja descrição iremos desenvolver adiante, não se resumia apenas a um sistema de formação, pois revestia também carácter de processo de conversão e transformação de vida, realizado em contexto comunitário e eclesial e mediado pela própria Igreja através dos seus representantes, isto é, clérigos e leigos.

mistagógicas”, começadas logo no próprio dia de Páscoa, depois de terem celebrado, na Vigília nocturna, os três sacramentos da iniciação: o Batismo, a Confirmação e a primeira Eucaristia. O RICA fala destes neófitos, a partir da primeira Eucaristia, na qual participam «de pleno direito», uma vez baptizados, e na qual «encontram a consumação da sua iniciação» (RICA 36)». José Aldazabal Larrañaga, «Neófito», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

³⁶ Não se trata de uma inscrição para o sacramento do Batismo, mas do exame que antecedia a aceitação para a entrada no catecumenado.

³⁷ Segundo a obra *Tradição Apostólica*, fala-se, provavelmente, dos catequistas.

³⁸ Cf. Hipólito de Roma, 58–61.

³⁹ Cf. Hipólito de Roma, 58.

Se a Iniciação Cristã é o processo pelo qual a pessoa é introduzida no Mistério de Cristo e na vida da Igreja, através de mediações sacramentais, o catecumenado⁴⁰ é «o serviço pastoral de iniciação à vida cristã, onde os convertidos são instruídos na fé, introduzidos na moral evangélica e integrados na comunidade cristã pela profissão de fé e pelos sacramentos da iniciação».⁴¹

O catecumenado é uma das formações mais básicas e antigas da Igreja de acordo com a liturgia, catequética e moral. Este processo nasce no seio da Igreja como uma «etapa de preparação para a vida cristã ou como processo de iniciação que a Igreja exige aos adultos convertidos para que a sua fé inicial se transforme em profissão de fé explícita, sacramentalmente celebrada na comunidade cristã pascal».⁴² O “rito de admissão” dos catecúmenos é de extrema importância uma vez que este é o momento no qual os candidatos a catecúmenos expressam a sua vontade de ingressar na Igreja e a Igreja, como tal, ao desempenhar o seu múnus apostólico, «admite aqueles que querem tornar-se seus membros» (Iniciação Cristã de Adultos RICA 14). Como tal, para que este passo aconteça por parte dos candidatos, os mesmos têm de passar por um “pré-catecumenado”, tempo este que é o início de uma vida nova, de uma vida de conversão e de «estabelecer relações pessoais com Deus em Cristo e, conseqüentemente, um primeiro sentido de penitência, a prática incipiente de invocar Deus e de oração» (Iniciação Cristã de Adultos RICA 15). Após a entrada dos candidatos no processo de catecumenado, a Santa Mãe Igreja passa a tratá-los como seus filhos muito amados, passam a fazer parte da casa de Cristo (cf. LG 14; cf. AG 14), pois passam a receber tanto a Palavra de Deus como os sacramentos, auxílios concedidos pela Igreja através dos quais a vontade e o desejo de querer pertencer à Igreja de Cristo, bem como as disposições de espírito dos catecúmenos, vão maturando.

De acordo com a *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma, a duração deste processo poderia ser longa para alguns e mais curta para outros. Esta discrepância era possível dado a duração do catecumenado não ser linear para todos os catecúmenos, uma vez que «os catecúmenos ouvirão a Palavra durante três anos. Contudo, se algum deles for zeloso e se aplicar com empenho, não se julgará o tempo, mas apenas a sua conduta».⁴³

Segundo Dionísio Boróbio, o catecumenado «é uma peça fundamental no conjunto de elementos que compõem o processo de Iniciação Cristã»,⁴⁴ dado que «o catecumenado, não

⁴⁰ Palavra grega que procede do verbo *katejein*, que significa ressoar ou instruir de viva-voz. Na composição do vocábulo encontramos o verbo *ejein* que significa ressoar, a este une-se o verbo *kerusso* que significa anúncio ou proclamação.

⁴¹ Floristán, *Para compreender o catecumenado*, 266.

⁴² Floristán, 21–22.

⁴³ Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, 60.

⁴⁴ Dionísio Boróbio, «Catecumenado», em *Nuevo diccionario de liturgia*, ed. Domenico Sartore e Achille M. Triarca (Madrid: Ediciones Paulines, 1987), 298.

deve considerar-se como algo independente da iniciação, mas como elemento constitutivo e integrante da mesma». ⁴⁵ Daí, que se possa dizer que, ao falar de catecumenado, se fala, também, de Iniciação Cristã e vice-versa. Segundo nos informa a exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, de João Paulo II, «o catecumenado e a iniciação aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia identificam-se» (CT 23), acentuando-se uma certa distinção, isto é, o catecumenado insiste mais na dimensão catequética, enquanto a iniciação aos sacramentos insiste mais na dimensão sacramental.

Segundo Cassiano Floristán, no processo do catecumenado podemos encontrar dois elementos essenciais que nos ajudam a entender e a explicar melhor este processo no seio da Igreja. Referimo-nos a dois itinerários complementares entre si e que não podem existir isoladamente: o pessoal e o comunitário. ⁴⁶ No que concerne ao itinerário pessoal, este inicia-se quando a pessoa, partindo da sua própria vida, se pergunta a si mesma acerca do sentido da existência. Se nesse processo a pessoa encontra Deus, acolhe a Sua palavra e a integra na sua vida como uma boa notícia, uma boa nova, podemos estar perante um processo de conversão. Aqui começa um caminho de fé para esta pessoa, no qual «começa então a transformação da sua própria existência pessoal», ⁴⁷ e onde, no confronto com outros cristãos, descobre a Igreja como uma comunidade, na qual se insere e toma parte, onde aprofunda a sua fé e onde começa a participar na liturgia e recebe os sacramentos da Iniciação Cristã. No que respeita ao segundo itinerário – a comunidade – o local de encontro do crente, como referimos supra, é o “espaço” no qual a pessoa escuta a palavra, se interroga, onde cresce e amadurece na fé, sempre num processo de conversão e “confronto” com os outros cristãos e onde reconhece com eles uma relação fraterna e de comunhão. ⁴⁸

Assim sendo, em ordem a que os catecúmenos possam atingir a maturidade de fé e vivência cristã pretendida, a Igreja propõe quatro caminhos a percorrer, que explanaremos de seguida, a saber: uma catequese adequada, um exercício diário de vida cristã, ritos litúrgicos apropriados e aprender a cooperar ativamente na evangelização (cf. Preliminares RICA 19).

O primeiro caminho a percorrer é o de receber uma catequese adequada, que siga de perto o ritmo do próprio ano litúrgico, «baseada em celebrações da palavra» (Preliminares RICA 19) levadas a cabo por clérigos ou leigos idóneos, que levem os candidatos a uma compreensão dos dogmas e ao conhecimento dos mistérios da salvação. O segundo é o do exercício diário da vida cristã, no qual os candidatos, apoiados pelos padrinhos, seus garantes na fé e com ajuda da comunidade, se habitua a orar ao Senhor com um maior afinco e dedicação, a dar testemunho

⁴⁵ Borobio, 314.

⁴⁶ Cf. Floristán, *Para compreender o catecumenado*, 22.

⁴⁷ Floristán, 23.

⁴⁸ Cf. Floristán, 23.

de Cristo e a procurar conformar as suas vidas com a vida d'Ele. Com todos estes recursos que os candidatos têm acesso, os mesmos

iniciam o caminho espiritual, através do qual, comungando já pela fé no mistério da morte e ressurreição, passam do homem velho ao homem novo que em Cristo atinge a sua perfeição. Esta passagem, que implica progressiva mudança de mentalidade e de costumes, deve manifestar-se com suas consequências sociais e desenvolver-se pouco a pouco ao longo do catecumenado. E, dado que o Senhor, em quem acredita, é sinal de contradição, não raro o homem convertido experimentará ruturas e separações, a par de alegrias sem conta que Deus também lhe concede (AG 13).

Através dos ritos litúrgicos apropriados, a Santa Madre Igreja auxilia os catecúmenos na sua caminhada espiritual, de modo que estes possam ser progressivamente purificados e sustentados pela bênção divina (cf. Preliminares RICA 19). Para esse efeito, são para eles preparadas catequeses e celebrações da palavra que, vividas em conjunto com a comunidade crente, os ajudem a viver, de uma forma mais digna consciente, para a vivência da Eucaristia que, posteriormente, irão celebrar aquando do recebimento dos sacramentos da Iniciação Cristã. Por último, visto que «a vida da Igreja é apostólica» (Preliminares RICA 19), os catecúmenos aprendem a cooperar na evangelização e na edificação da Igreja através do seu testemunho de vida e pelo seu Credo – profissão de fé (cf. AG 14). Antes da celebração sacramental por parte do catecúmeno, existem, no catecumenado, várias catequeses e celebrações nas quais o mesmo participa, sendo, todas elas, gestos extraídos da vida humana que, com a invocação do Espírito Santo e com a vivência da Palavra de Deus, atualizam a passagem de Jesus a partir de uma dimensão rememorativa (tornar presente a morte e ressurreição de Cristo), atualizadora (hoje Cristo está presente) e antecipadora (dom de salvação).⁴⁹

Em suma, podemos afirmar que o catecumenado é um processo pedagógico cristão, marcado por vários passos, orientado para as pessoas em processo de conversão, em torno de uma comunidade eclesial através de um renascimento sacramental.⁵⁰ Por isso, o catecumenado não tem um tempo limitado: «o catecumenado é um tempo prolongado durante o qual os candidatos recebem formação cristã e se submetem a uma adequada disciplina» (Preliminares RICA 19).

1.3. – Mistagogia como percurso de fé

⁴⁹ Cf. Floristán, 24.

⁵⁰ Cf. Floristán, 23.

Ao falarmos de *μυσταγωγία* (*mystagogia*) falamos da chave para se entender a riqueza da evangelização litúrgica e os sacramentos, neste caso podemos falar dos sacramentos da Iniciação Cristã, já referidos anteriormente. Curiosamente este termo não está contido nos textos da Sagrada Escritura, pelo que permaneceu, por muito tempo, esquecido, dado que era um termo muito apreciado pelos povos pagãos e, sobretudo, pela cultura gnóstica. Com efeito, a isto se deve o facto de não ter sido usado frequentemente pelos Padres da Igreja, sem que antes tivesse havido uma “purificação” do termo.

1.3.1 Mistagogia

Semanticamente, o termo *mystagogia* provém de “mysta-gogein”, que significa «ensinar conjuntamente, complementarmente, referencialmente».⁵¹ Contudo, a origem do termo em questão pode também ser explanada a partir do verbo “ago”, que quer transmitir o significado de “conduzir”, bem como a partir do substantivo “myst”, que na sua génese quer significar *μυστήριον* (*mystérion*), oculto.⁵² Com efeito, a *mystagogia* culmina no introito ao *mystérion* e requer alguém que já tenha realizado esta experiência que inicie o neófito. Após esta explicação, podemos afirmar que o nosso termo converge para o *mystérion*, neste caso para o Mistério de Cristo que é celebrado na liturgia e vivido na experiência cristã. O método mistagógico, pode ser também entendido como um método de iniciação nos mistérios e nos sacramentos cristãos, ou, dito por outras palavras, a *mystagogia* pode ser vista como a revelação divina dos mistérios de Jesus Cristo é um abrir de olhos à fé. A partir do despertar dos olhos da fé, da abertura dos nossos olhos à fé cristã, de uma pedagogia que nos é oferecida muito com ajuda da pregação da Palavra de Deus, a “mistagogia” é também uma «explicação e ensinamento espiritual»⁵³ através da qual os nossos olhos abertos a partir da fé, nos ajudam a viver e a compreender esses mesmos mistérios. Tanto na encíclica *Mediator Dei* como na constituição conciliar *Sacrosantum Concilium*, recupera-se o sentido vasto de *mystérion* como sendo o plano salvífico de Deus na história da humanidade, através do Mistério Pascal de Cristo e com a sua atualização na liturgia, de uma forma especial, nos sacramentos.

Segundo Dionisio Borobio, tradicionalmente, *μυσταγωγία* significava «o método catequético que os Padres da Igreja empregavam, sobretudo para explicar a Iniciação Cristã: explicação do sentido do batismo a partir dos ritos batismais».⁵⁴ Segundo este autor espanhol, na sua obra *Pastoral dos Sacramentos*, podemos chegar a outros termos que derivam da palavra

⁵¹ Dionisio Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, trad. Celso Márcio Teixeira (Petrópolis: Editora Vozes, 2000), 40.

⁵² Cf. José Aldazabal Larrañaga, «Mistagogia», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

⁵³ Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, 41.

⁵⁴ Borobio, 40.

μυσταγωγία, são eles *mistagogeos*⁵⁵ e *mistagogos*,⁵⁶ termos estes que são úteis para o nosso estudo.

De acordo com o valor teológico do termo, o mesmo significa a explicação dos sacramentos em que se manifesta a plenitude de verdade. O método da mistagogia é forma primordial de ensinar e instruir aqueles que durante a época pascal iniciam a sua entrada na fé, após o sacramento do Batismo no conhecimento e compreensão dos mistérios de Cristo, integrando os elementos que conduzem a pessoa a uma relação íntima ao que é ser verdadeiramente cristão, nomeadamente ao nível da doutrina, liturgia (ritos e símbolos), conduta moral e uma “metanoia” de vida (mudança de vida, vida nova). Ao longo deste aprofundamento dos mistérios de Cristo, procura-se entrar na sua profundidade com os instrumentos da meditação da Palavra de Deus, participação na Eucaristia e na prática da caridade. Por isso, a “mistagogia” ajudava o cristão a ter uma relação com os ritos que revelam o mistério (celebração); relação com a palavra (catequese); relação com a vida que cumpre as exigências (moral) e, por último, uma relação com a comunidade, isto é, sinal de pertença.⁵⁷

De facto, a mistagogia era, sobretudo, destinada àqueles que estavam a iniciar a sua conversão, aprofundamento e caminhada de fé na Igreja. No entanto, não tardou a que fosse meio e motivo para renovar a fé daqueles que já tinham, anteriormente, sido iniciados.

Podemos concluir que a mistagogia brota do diálogo íntimo que Deus tece com a própria pessoa, no seio da sua comunidade e que se torna como um ressoar da própria comunicação divina.

Mistagogia nos Padres da Igreja

Nos primórdios da Igreja nascente, podemos encontrar uma experiência fontal: a mistagogia. Neste período histórico, a pedagogia que inspira e orienta os Padres da Igreja é a pedagogia do Mistério, ou seja, a mistagogia. É de notar que podemos encontrar uma maior vivência do método mistagogo nos Padres Orientais do que nos Padres Ocidentais.

Devido a vários elementos herdados da tradição judaica e com a novidade da ressurreição de Cristo, as comunidades cristãs iniciantes/fundadoras foram criando e redigindo “aos poucos”, em partes, os ensinamentos que transmitiam àqueles que se convertiam à fé cristã. Os escritos recolhidos ao longo da época dos apóstolos, compilados e tidos como testemunhos

⁵⁵ Segundo a obra *Pastoral dos Sacramentos*, o termo *mistagogeos*, significa: «iniciar nos mistérios, nos sacramentos cristãos; é celebrar os ritos sagrados; é instruir os fiéis e iniciá-los nos divinos mistérios; é introduzi-los no arcano; é conduzi-los pelo caminho da providência», 41.

⁵⁶ De acordo com a obra citada acima, o termo *mystagogos*, significa: aquele que inicia alguém nos mistérios divinos; o guia espiritual e o mestre; o que expõe e ensina os sacramentos. Chamam-se “mistagogos” o próprio Deus, Jesus Cristo, os Apóstolos e evangelizadores, os mestres cristãos», 41.

⁵⁷ Cf. Borobio, 41.

literários do depósito da fé, tiveram o nome de *Didaqué*⁵⁸. Esses importantes escritos foram deveras fundamentais para a doutrina e praxis da Igreja primitiva. Na *Didaqué*, é perceptível que as próprias comunidades não estão ainda estruturadas, no entanto, podemos afirmar que nela encontramos um pequeno manual de catequese, usado pelos primeiros cristãos, influenciado tanto pelo judaísmo como pelo paganismo, que foi a base para a mistagogia cristã, dado que aí os Padres da Igreja foram “beber”.

Nos princípios da Igreja nascente, a mistagogia era considerada como um tempo forte para o conhecimento e adesão à fé cristã. Os Padres da Igreja viam o método mistagógico como um caminho de abertura e introdução ao diálogo com o Mistério, uma trajetória vital e de integração da pessoa, bem como um ensinamento ordenado que visa compreender e entender o que os sacramentos significam para a vida. O princípio fundador deste caminho é o próprio Deus que se revela na história de cada homem e cada mulher, ou seja, que se revela na História de Salvação de cada pessoa, em cada tempo e lugar. Segundo os Padres da Igreja, participar do Mistério é abrir-se à dinâmica da revelação e salvação de Deus. Deus é o Mistério que se revela, que salva e conduz pedagógica e amorosamente.

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é o valor central e primordial da vida da Igreja, em diversas dimensões, como por exemplo espiritual, litúrgica, pastoral e escatológica. Podemos afirmar que é a História da Salvação explanada na encarnação, morte e ressurreição de Jesus, ou dito por outras palavras, no Mistério Pascal de Cristo. O Mistério Pascal, no seu todo, é origem e fim de toda a vida cristã. Para os Padres da Igreja, a mistagogia compreende a ação que esboça dialogicamente a revelação do Mistério, a comunidade daqueles que estão a iniciar as suas vidas cristãs e o próprio iniciante.

A mistagogia é compreendida, pelos Padres da Igreja, como «fundamento e caminho do processo da Iniciação Cristã, a mistagogia é teologia, mas também é pedagogia».⁵⁹ Diz-se, por isso, que o processo mistagógico é pedagógico porque «é a mediação entre ação divina e a realidade pessoal, histórica e social».⁶⁰

No período patrístico, «a mistagogia é um eixo diferente do eixo catequético»,⁶¹ pois a referência central é a experiência espiritual da comunidade que tem a sua razão de existir, ao longo de um caminho místico, no encontro pessoal e em comunidade com Deus.

⁵⁸ Segundo a introdução da obra *Didaqué: Catecismo dos primeiros cristãos*, 3ª Edição, Fontes da catequese 1 (Petrópolis: Vozes, 1970), Urbano Zilles define a obra como «um documento que nos permite conhecer mais profundamente o começo da cristandade, pois é sem dúvida, uma das fontes mais antigas de catequese». A *Didaqué* é um testemunho literário da transmissão do depósito da fé, escrito entre 60 a 90 d.C. e é considerado o manual mais antigo das primeiras comunidades cristãs, que chegou até nós.

⁵⁹ Rosemary Fernandes Costa, «O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos», *HORIZONTE* 10, n.º 27 (3 de outubro de 2012): 835, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n27p831>.

⁶⁰ Costa, 835.

⁶¹ Costa, 836.

Numa breve referência aos Padres Capadócijs, vemos que estes aplicaram o termo *mystagogia* aos fundamentos do Batismo e da Eucaristia. Aqui destacamos Gregório de Nazianzo que, às ações sacramentais do Batismo e da Eucaristia, acrescenta o sacramento da Ordem, uma vez que o presidente da celebração atua em nome de Cristo.

No Ocidente, a mistagogia desabrochou devido à pregação das “catequese mistagógicas”, que surgiram a partir do século IV, graças ao grande trabalho desenvolvido por Orígenes. Contudo, os grandes impulsionadores da mistagogia e das próprias catequese mistagógicas foram Ambrósio de Milão, Cirilo de Jerusalém, João de Jerusalém⁶² e João Crisóstomo. O bispo de Milão – representante da mistagogia latina – introduziu os termos da Tradição espiritual grega, traduzidos por si, e aplicou-os nas suas catequese mistagógicas, enquanto João Crisóstomo fez aparecer uma grande evolução na mistagogia não só na Iniciação Cristã, mas também na formação da fé.

Há, no entanto, elementos na teologia dos Padres da Igreja que nos ajudam a compreender o fundamento teológico da mistagogia. De seguida elencaremos vários sentidos para a mistagogia que podemos encontrar, segundo Federici que apresenta um esquema global detalhado do conteúdo relacionado com a mistagogia na era patrística, mais propriamente da conceção grega, em várias obras dos séculos III e IV, a saber:

iniciação ao Mistério, instrução nos Mistérios divinos, exposição dos significados da Sagrada Escritura, orientação (guia no caminho misterioso de Deus), o próprio

⁶² João de Jerusalém ou João II, foi um patriarca de Jerusalém entre os anos de 387 e 417. Ele acedeu ao episcopado de Jerusalém com a morte do seu antecessor, Cirilo de Jerusalém. De acordo com muitos estudiosos, ele foi o autor das cinco “catequese mistagógicas” tradicionalmente atribuídas ao seu antecessor Cirilo de Jerusalém. As dúvidas acerca da autoria das ditas catequese surgem, sobretudo, a partir do séc. XIV com Josias Simler que, baseando-se num catálogo de manuscritos gregos, onde conclui que a totalidade das catequese mistagógicas são atribuídas erroneamente a Cirilo. Teriam, sim, sido escritas por João II. Segundo Thomas Mille, este não se baseia no catálogo que Josias se baseou, mas sim aos títulos dos tais manuscritos que não indicam a autoria das catequese. Contudo, Thomas atribui a autoria a Cirilo de Jerusalém. No séc. XIX as edições de W. K. Reischl e J. Rupp, fundados no Codex Monacensis 394, por duas vezes citavam que as catequese mistagógicas em questão tinham sido redigidas por João II. Quatro outros manuscritos, nomeadamente o Ottobonianus 86 (sec. X – XI), o Ottobonianus 446 (séc. XV), o Vaticanus 602 (séc. XVI) e o Monacensis 278 (séc. XVI), atribuem a autoria das catequese ora a Cirilo ora a João de Jerusalém. Devido a estes manuscritos, Th. Schermann, W. J. J. Swaans, M. Richard, W. Telfer, G. Kretschmar e outros estudiosos remontam a redação das ditas catequese mistagógicas para o final do séc. IV, sendo como o seu autor João II de Jerusalém.

Para Enrico Mazza, o nome mais consensual para a autoria das catequese mistagógicas atribuídas a Cirilo é o de João de Jerusalém. Para o liturgista italiano, os motivos plausíveis para esta dissonância de autoria são: a) o comentário das catequese pré-batismais de Cirilo sobre as unções batismais não parece ser coerente com o que se relata nas catequese mistagógicas; b) a estrutura da anáfora que, supostamente, está presente na quarta e quinta catequese mistagógicas está, ainda, em evolução sendo semelhante à estrutura da anáfora presente nas catequese de Teodoro de Mopsuéstia.

Em suma, chegando-se a um consenso final, de não se encontrar plenamente um verdadeiro autor para as catequese em questão, a partir da tradição manuscrita e, assim, não haver um respaldo suficiente para negar a autoria das catequese mistagógicas a Cirilo de Jerusalém, a Tradição da Igreja atribui a autoria das catequese a Cirilo de Jerusalém. Cf. São Cirilo de Jerusalém, *As Catequese Mistagógicas*, trad. Frederico Vier, vol. 12, Fontes da Catequese (Petropólis: Editora Vozes, 1976), 14–15; Cf. Enrico Mazza, *A Mistagogia - As catequese litúrgicas do fim do século IV e seu método*, trad. Orlando Moreira, Liturgia (São Paulo: Edições Loyola, 2020), 173.

Mistério que se revela, Sagrada Escritura, ação sacramental – Batismo e Eucaristia, celebração dos ritos, o tempo da Páscoa (incluindo o período quaresmal), princípio fundante e dinâmico do sacerdócio, Povo de Deus a caminho e a Igreja (sacramento de Cristo no mundo).⁶³

A mistagogia dos Padres da Igreja não termina nas classes teológicas, pois ela é um fundamento e uma experiência na qual a pessoa se encaminha e se dirige ao encontro de Deus, onde o processo dialógico da Revelação, entre Deus e o próprio ser humano, anteriormente referido, se torna visível. É, de facto um dinamismo que envolve a pessoa e a comunidade.

1.3.2 Evangelização

Jesus Cristo é o cumprimento das Escrituras. Há conhecimento de variadíssimas fontes nas quais é dada uma especial atenção para o conhecimento da mensagem do Senhor ao povo da Aliança. Sobretudo, insiste-se que o Antigo Testamento «anuncia e fala de Jesus Cristo, na Páscoa como ponto de chegada do caminho de libertação iniciado com o êxodo».⁶⁴

Evangelizar significa o renovado anúncio do Evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, «como penhor de que Deus mesmo se doou em seu Espírito, perdoadando e “divinizando”, como força no caminho e como meta na vida».⁶⁵ Tal evangelização é dirigida a todos os homens e não deve ser, somente, uma mera “doutrinação” vinda do exterior, mas sim uma mistagogia.⁶⁶ Onde esta mistagogia é compreendida, ela torna-se num grito que brota do mais íntimo da existência humana. Segundo Karl Rahner, «ela clama pela união daqueles que se juntam em torno de Jesus, crendo, esperando, amando; ela clama pela Igreja, pois é a proclamação do uno Espírito de Deus vivo para todos».⁶⁷ Para tal, a evangelização requer a comunidade, sendo esta comunidade testemunha da pregação, onde ressoa em todos os confins e labirintos.

Na dinâmica da revelação de Deus, através de Jesus Cristo, esta é sempre da iniciativa gratuita do próprio Deus, que se quer fazer presente, para salvar toda a humanidade e Jesus, ao encarnar, age de acordo com a mesma pedagogia, isto é, aproxima-se do povo, na realidade concreta de cada um, mas sempre por sua iniciativa. A pedagogia de Deus é, por isso, considerada como um dom, uma graça salvadora que nos é oferecida. A dimensão da

⁶³ Tommaso Federici, «La Mistagogia della Chiesa: Ricerca Spirituale», em *Mistagogia e Direzione Spirituale*, por Autori vari, 1ª ed. (Milano: Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum – Edizioni O.R., 1985), 180.

⁶⁴ Manuel Dias, *A iniciação cristã: catequeses sobre os sacramentos*, Crescer na fé 10 (Lisboa: Paulinas, 1996), 20.

⁶⁵ Karl Rahner, *O desafio de ser cristão: Textos espirituais*, trad. Álvaro Machado da Silva (Petropolis: Vozes, 1978), 47.

⁶⁶ Cf. Rahner, 47–48.

⁶⁷ Rahner, 48.

encarnação irá estar também presente no nosso estudo, em que Deus se autorrevela à humanidade e se torna presente nos acontecimentos históricos. Esta pedagogia – pedagogia da encarnação – é o caminho através do qual Deus se torna presente no mistério da salvação. Por último, teremos em atenção a pedagogia dos sinais, momentos fundantes na História da Salvação e que continuam presentes na vida da Igreja, mais concretamente nos sinais sacramentais e na liturgia.

No processo de evangelização em estudo, queremos ainda invocar algumas constantes presentes na experiência dos Apóstolos aquando da sua atividade evangelizadora e que, porventura, permaneceram presentes ao longo de toda a formação cristã, a saber: o anúncio querigmático, a conversão e o dom do Espírito Santo na história da salvação.

Jesus como primeiro evangelizador

Ao considerarmos Jesus como primeiro mistagogo/pedagogo, partimos de duas dimensões espelhadas no conceito de mistagogia. Em primeiro lugar, a dimensão etimológica, já acima apresentada, como iniciação e acompanhamento ao Mistério daquele que é introduzido no caminho da fé. Em segundo lugar, a dimensão da experiência mística, que posteriormente desenvolveremos, como componente para a relação com o Mistério que se revela. Esta segunda dimensão deve ter como ponto central aquele que orienta a experiência de fé enquanto testemunha que anuncia.

Ao olhar para Jesus encontramos estas duas dimensões enunciadas, tanto na sua personalidade como na forma de se relacionar com o povo e de anunciar o Reino de Deus. Através das suas atitudes e instruções, Jesus que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14, 6), revela-se também como fundamento e O pedagogo por excelência, entregue à missão, à vontade de Deus, ao anúncio do Reino dos Céus, ou seja, ao anúncio a todos da possibilidade de conversão, de ser um homem novo, que, vive como filho de Deus.

Com Clemente de Alexandria,⁶⁸ chegamos à compreensão e o entendimento de Jesus como pedagogo a partir do seu diálogo com a cultura grega no que concerne à paideia onde Cristo é mostrado como o “educador” por excelência. O cidadão de Alexandria aplica o vocábulo “pedagogo” a Cristo quando define a relação de Deus com o mundo pois, como nos refere

⁶⁸ Clemente de Alexandria ou Tito Flávio Clemente, nasceu, provavelmente, na cidade de Atenas no ano de 150. Já em adulto converteu-se ao cristianismo. Depois da sua conversão viajou por Itália, Síria e Palestina e estabeleceu-se em Alexandria, tornando-se assim aluno de Panteno. Sucedeu o seu professor, por volta do ano de 190, como líder espiritual da comunidade cristã de Alexandria. Durante a perseguição, aos cristãos, de Sétimo Severo, Clemente refugiou-se na Palestina, onde permaneceu até à morte, e entregou a sua na escola catequética a Orígenes, seu discípulo.

Werner Jaeger, na sua obra *Cristianismo primitivo e paideia grega*, «Deus é o pedagogo do mundo inteiro». ⁶⁹

O conceito de pedagogo, na Grécia antiga, era inicialmente aplicado aos escravos que acompanhavam os filhos dos seus senhores à escola e, desta, no regresso a casa. É uma atividade à qual é atribuída autoridade e responsabilidade na orientação prática do saber e do viver. A transformação do vocábulo deve-se ao significado atribuído por Platão ao conceito de *paidagogia*, que, por sua vez, o elevou ao conceito de *paideia*. Para o filósofo, *paideia* não significa apenas a educação do jovem, mas também a formação e o desenvolvimento do humano. Foi esta respeitabilidade teológica, inspirada em Platão, que permitiu a Clemente de Alexandria introduzir no vocabulário teológico o conceito de «Cristo como *Paedagogous* de todos os homens». ⁷⁰

Podemos encontrar nesta obra sinais visíveis de que o reflexivo teológico que nos é permitido ver em Jesus, no que concerne às características de mestre e educador, já se encontravam na ação evangelizadora do mesmo, o que conduziu Clemente a reconhecer em Jesus atributos do pedagogo grego. Este não coloca o Filho de Deus como mais um entre os muitos pedagogos gregos, mas sim o pedagogo ou o educador por excelência, o modelo de referência da escola catequética do seu tempo.

Jesus é Aquele que ensina e instrui os homens e as mulheres do seu tempo, que resgata o plano de Deus e o revela de forma clara e límpida, apresentando a sua humanidade como expressão infinita do amor e misericórdia, isto é, como expressão máxima da caridade, de Deus. Jesus leva a vontade de Deus ao seu cumprimento pleno através do seu Mistério Pascal (paixão, morte e ressurreição).

Podemos encontrar explanados nos Evangelhos apanágios da pedagogia de Cristo que estão presentes sob formas de anúncio do Reino de Deus, tais como:

O acolhimento do pobre, do simples, do pecador; o anúncio do Reino de Deus como boa notícia; o estilo de amor que liberta do mal e promove a vida. A palavra silêncio, a parábola e a imagem tornam-se uma verdadeira pedagogia para revelar o mistério do seu amor (DC 159).

A pedagogia de Jesus é sempre marcada pela proximidade, mais concretamente pelo encontro e pela escuta atenta e pessoal, bem como pelo conhecimento integral e profundo do contexto no qual a pessoa se insere. Por isso, encontramos sinais, gestos e palavras diferentes

⁶⁹ Transliteração: «*ho theos paidadogei ton kosmon*». Werner Jaeger, *Cristianismo primitivo e paideia grega*, trad. Teresa Pérez (Lisboa: Edições 70, 1991), 89.

⁷⁰ Jaeger, 84.

para os diferentes grupos com os quais Jesus se relaciona, dado que Ele “personalizava” cada um dos seus encontros. De facto, Jesus tinha uma aproximação ou relacionamento diferente com os discípulos e com o povo. Aos discípulos, Jesus propõe o confronto com a realidade e aprofunda a interpretação das parábolas, enquanto dá orientações firmes para as missões, enquanto ao povo conta histórias, exprime-se por meio de parábolas e recorre a elementos culturais que permitem a compreensão da mensagem que quer transmitir.

Jesus sabe adaptar-se ao público e ao seu destinatário. Podemos comprovar esta afirmação recorrendo ao Evangelho de Marcos, em que Jesus distingue momentos de formação nos quais instrui toda a sociedade (Mc 4, 2.33; Mc 5, 15.34) de outros momentos em que se dirige especificamente aos seus discípulos (Mc 4, 10.34; Mc 6, 30-32). Jesus não desempenha somente o papel de “professor” que ensina expondo conteúdos, mas ajuda também a compreender, tanto aos discípulos como ao povo, o sinal de viver segundo a luz de Deus, pois Ele é o Deus revelado. Com razão se afirma «que a evangelização não deve ser concebida como propaganda de uma determinada ideologia, mas como a apresentação de uma Pessoa, o anúncio de factos salvíficos, o convite em aceitar essa Pessoa e esses factos como a salvação oferecida por Deus»,⁷¹ sendo a liturgia a presença de Cristo salvador.

De facto, há um sustentáculo primordial a ter em conta no caminho de aproximação à pessoa de Jesus, por onde passa, sem dúvida, o que é a proposta e mensagem do mesmo: o seguimento da pessoa de Jesus. Esta é uma disposição claramente vital para aqueles que querem aderir tanto à mensagem como à pessoa de Jesus, o Filho de Deus. Ser discípulo de Jesus, em todas as dimensões da vida, é muito mais do que uma mera doutrina, é uma atitude, um ato, uma escolha de vida tomada consciente e livremente, que implica e impregna todo o ser da pessoa. É uma prática de vida que anima cada cristão a caminhar, cada vez mais, a partir do Filho de Deus e que orienta as atitudes e ações do homem, tanto na vida pessoal, como nos desafios diários de testemunhar o amor e a misericórdia de Jesus, em obras concretas.

Jesus foi aquele que melhor compreendeu, viveu e nos revelou e transmitiu o rosto e o amor do Pai. Logo, conhecer Jesus é conhecer a Revelação de Deus, é conhecer o projeto da sabedoria divina para que, passo a passo, possamos, cada um de nós, também conhecer o rosto de Deus e tocar suas mãos.

Este caminho até ao Reino de Deus Pai configura cada pessoa como uma nova criatura. Quem adere e se dispõe a querer caminhar na direção do Pai, torna-se uma nova criatura. A atitude mistagógica de Jesus advém de um profundo conhecimento e intimidade com o Pai, traduzida numa fecundidade pastoral para com a humanidade. Em harmonia com essa

⁷¹ M. Ramos, «Evangelização e Liturgia», em *Dicionário de Liturgia*, ed. Domenico Sartore e Achille M. Triacca, trad. Isabel Fontes Leal Ferreira, Dicionários EP (São Paulo: Edições Paulinas, 1992), 424.

experiência mística, o Filho de Deus chama e guia ao Mistério que ele vive radicalmente, no qual Ele se faz presente pelo seu amor e misericórdia, bem como pelo anúncio da Boa Nova que vem apresentar. A sua autoridade e o seu saber tornam-se mistagógicos, como referimos acima, fruto da sua intimidade e conhecimento do Pai. Conhecedores da ação pastoral e pedagógica de Jesus, é possível afirmar que a sua mistagogia tem um fim, a saber, que aquele que está a ser iniciado nos Mistérios tenha uma experiência de Deus no encontro com Jesus Cristo.

Após a vivência da ressurreição de Jesus, tanto o anúncio como o seguimento de Jesus passam a exprimir escolhas, atitudes sérias de vida que professam que Cristo é Senhor e Mestre da vida de cada um. Anunciar o *kerygma* é o âmago mais fundamental da fé cristã, ou seja, é o anunciar a Boa Nova.

A evangelização dos Apóstolos

O *kerygma*, que dá origem à comunidade de fé, nasceu da experiência dos Apóstolos com Cristo ressuscitado, experiência essa que muda, radicalmente, a vida daqueles que seguem Jesus. O testemunho é acreditado pela adesão ao Evangelho, à Boa Nova de Jesus, que se reflete, como anteriormente referimos, nas atitudes e escolhas de vida de cada homem e mulher, bem como na experiência de fé de cada um. É através desta experiência de fé e do anúncio do Evangelho que se pode conhecer Deus e proporcionar a experiência fundante do Cristianismo que é o “amor ao próximo”. Este “amar o próximo” tem de provir do amor próprio, como também nos recorda Jesus a partir da Sagrada Escritura: «Amarás o próximo como a ti mesmo» (Mt 12, 31).

Ao falarmos de evangelização apostólica, momento crucial e fundador do Cristianismo, temos indubitavelmente de referir o Espírito Santo, que suscita a comunidade nascente, nela age e a vivifica. A mensagem que os discípulos transmitem ao povo, nada mais é que a própria mensagem de Jesus, uma vez que não “agem” em nome próprio, mas dão voz à mensagem que Jesus, ao longo da sua vida pública, quis transmitir.

A Igreja nascente é missionária dado que vive a experiência marcante do Mistério Pascal de Jesus, pelo que não pode nem deve fazer algo diverso de anunciar esta Boa Nova com grande alegria e entusiasmo. Como refere João, na sua primeira carta: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que as nossas mãos tocaram, o que contemplamos, [...] nós vo-lo anunciamos» (1Jo 1, 1-3). Assim, podemos afirmar que o fator importantíssimo da difusão da mensagem de Jesus foi o contacto pessoal, a transmissão do

Evangelho de pessoa a pessoa, pois «cada batizado era, para seu ambiente, uma testemunha».⁷² O contacto relacional, tão preconizado e desejado por Jesus, tornou-se uma realidade após o Mistério Pascal de Cristo.

Debruçando-nos sobre os Atos dos Apóstolos, vemos como este livro procura atestar às comunidades cristãs nascentes a legitimidade do anúncio, evidenciando a continuidade existente entre o testemunho dos discípulos e o próprio Mestre, como podemos perceber pela seguinte passagem: «Sereis minhas testemunhas» (At 1, 8). Esta é uma teologia que nasce no centro de uma comunidade que vive o seguimento de Cristo sob o seu impulso transformador, ou seja, a Ressurreição de Jesus Cristo.⁷³

A evangelização daqueles que estavam mais próximos de Jesus assentou numa acentuada transmissão oral do testemunho, dado que as comunidades fundantes ainda não tinham os textos que vieram a formar o Novo Testamento. Os discípulos, chamados a largar tudo para seguir Jesus, confiaram no seu anúncio, embora não compreendessem ainda o que Mestre lhes queria transmitir,⁷⁴ simplesmente confiaram as suas vidas Àquele que foi o seu Mestre. Não obstante, «a fé toca cada um de nós na peculiaridade da nossa vida, mas chama a todos a reconhecer no rosto de Cristo o revelador amor do Pai».⁷⁵ De acordo com o livro dos Atos dos Apóstolos, a “primeira” evangelização partiu do discurso de Pedro no dia de Pentecostes (cf. At 2, 14-36), e foi crescendo à medida que o próprio Cristianismo também crescia, como nos relata a Sagrada Escritura que refere as palavras de Jesus aos seus discípulos: «sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (At 1, 8). Esta passagem pretende mostrar-nos tanto a progressão do testemunho, como a própria expansão do Evangelho, da Boa Nova de Cristo. É de salientar, como nos relata o livro dos Atos dos Apóstolos, que os discípulos de Jesus, desde o início das suas vidas apostólicas, viveram um fortalecimento da sua identidade cristã e do seu testemunho de fé nas comunidades a partir da dupla mesa da Eucaristia e da Palavra:

Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações [...]. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum [...].
Frequentavam o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com

⁷² Luigi Padovese, *Introducción a la teología patrística*, Verbo Divino 2 (Estella: Ed. Verbo Divino, 1996), 184.

⁷³ Cf. Bruno Forte, *La Teología como compañía, memoria y profecía*, Verdad e imagen 118 (Salamanca: Sígueme, 1990), 85.

⁷⁴ Cf. Rino Fisichella, *A fé como resposta de sentido: abandonar-se ao mistério*, trad. António Maia da Rocha, 1ª ed., Ensaios 13 (Prior Velho: Paulinas, 2006), 81.

⁷⁵ Fisichella, 81.

alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo (At 2, 42.44.46-47).

Coloca-se então a questão: como seria a evangelização apostólica nos primeiros séculos? Como podemos conhecer, hoje, o seu conteúdo, método e linguagem? Os relatos contidos no livro dos Atos dos Apóstolos permitem-nos organizar as diversas linhas teológicas – centradas essencialmente na pessoa do próprio Jesus Cristo - que orientavam as evangelizações apostólicas. A vida e o agir de Jesus perante o povo eleito fala da realidade que é o Mistério Pascal, ou seja, paixão, morte e ressurreição de Jesus e as promessas antigas têm n’Ele a sua concretização. Pode-se afirmar que já no Antigo Testamento se encontram indícios de que Jesus é a concretização da História de Salvação do povo de Israel.

Com base no conteúdo transmitido pelos discípulos de Jesus ao povo, foi construído o Credo, a profissão de fé dos cristãos, também designado como “Símbolo dos Apóstolos”,⁷⁶ professado por todos os crentes. Também a *Didaqué*,⁷⁷ que trata as verdades dogmáticas e morais fundamentais, retrata a evangelização dos Apóstolos. Esta obra era dirigida não só aos não circuncisos das comunidades, mas também àqueles que, embora sem prescrições culturais ou rituais, conservavam, no que concerne à moral, a Lei transmitida por Moisés.⁷⁸

Ainda marcados pela dinâmica de evangelização dos Apóstolos, os recém-convertidos, isto é, aqueles a quem era apontada e orientada a pregação acerca do Evangelho e que, por sinal, eram acompanhados num processo de conversão que culminava no Batismo, eram acolhidos pela comunidade cristã, onde continuavam a sua formação no aprofundamento e acolhimento da fé e na vivência e caridade fraternas.

Não era apenas o conteúdo da pregação, mas também o próprio local pregação onde esta era feita era de relevo. A escolha dos locais adequados era algo tido em conta, sobretudo por Paulo, como nos refere João Paulo II numa Audiência Geral sobre a *Peregrinação jubilar seguindo os passos de São Paulo*, na qual refere o zelo pedagógico de Paulo na evangelização, que a judeus e prosélitos, pregava na sinagoga, mas aos gentios pregava no Areópago.⁷⁹ Com a diferenciação dos grupos, chegamos também à diferenciação da linguagem e da abordagem aos mesmos, em

⁷⁶ O termo “Símbolo dos Apóstolos”, como referido acima, é um termo que é usado para designar o Credo, profissão de fé dos cristãos. É uma oração rezada pela comunidade crente em que se resume os princípios fundamentais da fé cristã, que tem a sua gênese na doutrina e fé dos Apóstolos de Jesus.

⁷⁷ Segundo esta mesma obra, traduzida por Manuel Luís Marques, a *Didaqué* «oferece-nos preciosas informações sobre a catequese moral que precedia o batismo, o modo como este era administrado, a maneira de rezar e celebrar eucaristia, bem como outras orientações concernentes ao bom funcionamento da comunidade».

⁷⁸ Cf. Isidro Lamelas, ed., *Didaché e Doctrina apostolorum*, trad. Manuel Marques, vol. 5, Philokalia (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 5.

⁷⁹ O Papa João Paulo II refere-se ao discurso de São Paulo no Areópago de Atenas como um paradigma de inculturação. Cf. «Audiência geral de 16 de maio de 2001», vatican.va, 16 de maio de 2001, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010516.html.

ordem a um mais amplo aprofundamento da evangelização. Paulo foi exímio no cuidado pastoral e missionário ao conseguir diferenciar-se e implantar-se em ambas culturas de modo que a Boa Nova de Cristo pudesse chegar a todos (cf. 1Cor 3, 6-10).

Contudo, Paulo «parece afirmar que só quem crê se compreende realmente a si mesmo»⁸⁰ a vida de cada crente torna-se completa de sentido se for orientada no caminho da mesma fé. Para tal, este despojar-se de si mesmo leva a que se possa aumentar a confiança, bem como no amor a Deus e ao próximo.

1.4. – A experiência celebrada do Mistério

A celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã, Batismo, Confirmação e Eucaristia, é o último degrau no qual os eleitos realizam a sua primeira participação sacramental no Mistério Pascal de Cristo. O acolhimento destes sacramentos por parte dos eleitos adquire, durante a Vigília Pascal, o seu máximo significado.

Há um elemento importante a salientar no decurso da celebração sacramental. De acordo com um antiquíssimo uso guardado na liturgia romana, não se deve batizar o adulto sem que este, logo após o Batismo, receba o sacramento da Confirmação. Com efeito, é significativa a unidade do Mistério Pascal, «a íntima relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e a estreita ligação dos sacramentos, pelos quais as duas pessoas divinas, juntamente com o Pai, vêm aos batizados» (Preliminares RICA 34).

Outro elemento importante a ter em conta na celebração é a importância da Oração Universal da qual os “novos fiéis” participam pela primeira vez, inseridos no povo sacerdotal que tem a missão de pedir a intercessão, por Cristo e em Cristo, em prol de toda a humanidade.

A nossa atenção deve voltar-se também para a participação dos neófitos na mesa do Banquete eucarístico, feita, preferencialmente, na comunhão sob as duas espécies. O RICA sublinha do seguinte modo a dimensão escatológica da primeira participação no sacramento da Eucaristia:

Nesta celebração os neófitos uma vez elevados à dignidade do sacerdócio régio, tomam parte ativa da oração dos fiéis e, quanto possível, no rito da apresentação das oblatas ao altar; participam com toda a comunidade na ação do sacrifício e dizem pela primeira vez a Oração dominical, na qual manifestam o espírito de adoção de filhos recebido no Batismo. Finalmente, comungando no Corpo entregue e no

⁸⁰ Fisichella, *A fé como resposta de sentido*, 88.

Sangue derramado, confirmam os dons recebidos e saboreiam antecipadamente os eternos (Preliminares RICA 36).

1.4.1. Conceito de Mistério na Sagrada Escritura

O significado e origem do termo “mistério” é algo que não se pode saber e afirmar com um elevado grau de certeza. Pode, no entanto, afirmar-se, a partir de diversos estudos, que ao longo do século I, o Cristianismo apresentava no seu seio, algumas características dos cultos místéricos cristãos, tanto cristãos, como pagãos. No que refere aos cultos místéricos cristãos, estes consistiam nos ritos da Iniciação Cristã, como temos vindo a referir ao longo deste estudo, principalmente o Batismo, a Eucaristia (banquete sagrado), nos quais se aprofundavam os conceitos de purificação e conversão, ou seja, de vida nova. Todos estes ritos já se encontravam incipientemente presentes no Antigo Testamento e, frequentemente, remetiam para uma realidade que os transcendia. Partindo destes cultos místéricos, o Cristianismo conferiu-lhes toda uma nova conotação, um novo sentido, um novo entendimento. Com efeito, no Cristianismo, o termo “mistério” supõe Deus, a sua redenção e salvação, sendo a plenitude da vontade, ação e manifestação divinas.

Antigo Testamento

Mergulhando no Antigo Testamento encontramos várias referências que nos remetem para o uso pagão/profano do conceito de *mysterion*, que tinha, anteriormente, o sentido do que estava escondido ou do que se encontrava em segredo. Este conceito é traduzido por vários termos que não correspondem ao sentido escatológico de um segredo que só Deus pode desvendar, revelar (cf. Sb 14, 15.23; Sir 22, 22; 2Mac 13, 21; Tb 12, 7).⁸¹

A única referência encontrada que se enquadra num anúncio profético, encontra-se em Dn 2, 28s. Nesta passagem, deparamo-nos com o sonho do rei Nabucodonosor, no qual os mistérios do divino, de Deus, são explicados ao rei pelo próprio profeta Daniel, como consequência do dom concedido por Deus ao profeta. Estamos, assim, no desabrochar do plano de Deus, a salvação de todos os povos através da sua revelação, que se realiza na História da Salvação e que nos indica muito do futuro.⁸² Podemos afirmar que se trata de uma revelação escatológica, que ainda não se realizou, e se distingue do Novo Testamento, no qual as realidades futuras são, desde já, vividas no tempo presente, que é o caso da revelação de Deus na pessoa de Jesus.

Novo Testamento

⁸¹ Cf. Jean-Yves Lacoste, *Dictionnaire critique de théologie* (Paris: PUF, 1998), 929.

⁸² Cf. Ramón Arnau-García, *Tratado general de los sacramentos*, BAC 4 (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994), 39.

No que concerne ao Novo Testamento, podemos encontrar em paralelo nos três Evangelhos Sinóticos uma única passagem referente ao “mistério” do Reino (cf. Mt 13, 11; Mc 4, 11; Lc 8, 10). No seguimento da passagem de Daniel (Dn 2, 28s), supra referido, esta explana um acontecimento que ainda não aconteceu e que, por fazer parte do desígnio divino, cabe somente a Deus a sua revelação, pelo que apenas por Ele pode ser conhecido e revelado, a quem Ele próprio o deseja fazer.⁸³ A surpresa contida nesta passagem, muito semelhante nos três Evangelhos Sinóticos, convida o leitor à compreensão do “Grande Mistério” que é a identidade e missão de Jesus Cristo, conceito que São Paulo evoca frequentemente nos seus escritos. O Mistério ao qual esta passagem da Sagrada Escritura alude é a própria pessoa, humana e divina, de Jesus.

Nos escritos paulinos o conceito de “mistério” (*mysterion*), incide principalmente no cumprimento da vontade de Deus – a salvação – que, impreterivelmente, passa pela pessoa de Jesus Cristo. Falamos de um mistério que, estava, anteriormente, mantido em segredo, mas que agora, com a revelação de Deus na pessoa de Cristo, foi revelado e manifestado a toda a humanidade. Efetivamente deparamo-nos com um “antes” e um “depois não limitados por um tempo histórico-cronológico, mas pela graça de Deus, que os transcende no mistério divino. Um “antes” que encontramos no Antigo Testamento, que encontra a sua plenitude em Cristo, no seu Mistério Pascal.

Apesar de este mistério ser revelado aos humanos, estes não o conseguem abarcar nem compreender na sua totalidade, dado que é necessária uma sabedoria concedida apenas por Deus, sabedoria esta que valorizada por São Paulo e por aqueles que se deixam “apanhar” e amar por Cristo. Esta é uma sabedoria que permanece desconhecida e oculta àqueles que pretendem continuar a ser dominados pela sabedoria mundana (cf. 1Cor 2, 7). Como temos vindo a referir, este “mistério” deriva da vontade de Deus de que todos os humanos sejam salvos, salvação esta que passa pela adoção filial de Deus para com o Homem, pois abre a oportunidade e a possibilidade de uma comunhão duradoura entre o divino e o ser humano.

No entanto, não queremos simplesmente revelar a incapacidade humana de abarcar e conhecer tal “mistério”, mas também mostrar que o ser humano não o consegue abarcar, *per se*, uma vez que este é-lhe concedido por uma sabedoria divina e revelado através de um acontecimento de amor que se situa acima da razão humana. Conseguimos assim mostrar que, em Cristo Jesus enquanto ponto central do mistério divino,⁸⁴ está concentrado o enorme tesouro do amor de Deus (cf. Col 2, 2).

⁸³ Cf. Lacoste, *Dictionnaire critique de théologie*, 929–30.

⁸⁴ Cf. Arnau-Garcia, *Tratado general de los sacramentos*, 42.

A Cruz de Cristo é um evento incompreensível para o humano, ou como nos relata a primeira carta de São Paulo aos Coríntios «[...] escândalo para os judeus e loucura para os gentios» (1 Cor 1, 23). Porém, esta não é a única razão para que a humanidade não alcance o conhecimento do mistério de Cristo. Com Jesus pregado na Cruz, vemos apenas parte da obra salvífica de Deus, pois apenas com a ressurreição de Cristo atingimos o culminar dessa mesma obra (cf. Ef 1, 20-23). Na teologia do “Doutor das Gentes”, este mistério não se reduz a uma perspetiva soteriológica nem a uma perspetiva escatológica, isto porque nos permite entender que, em Jesus, este mistério é algo que se cumpre continuamente, ou seja, o cumprimento do mistério efetiva-se em Jesus, sendo este o mediador do mesmo quando revela à humanidade o amor e a comunhão com o Pai, através de Si. É com esta imagética que podemos evocar a Igreja como Povo de Deus, lugar desejado por Deus para o cumprimento do “mistério” (cf. Col 1, 24; Ef 1, 9-11b.13b-14a). A Igreja, neste sentido, é o campo de ação onde Cristo mais refulge e onde se dá o encontro com Ele. Ela [a Igreja], na sua relação íntima com o Senhor Jesus, torna-se sua Esposa e é neste sentido que, o viver humano - neste caso em concreto, o sacramento do matrimónio, enquanto dom querido por Deus - é uma forte manifestação do próprio mistério de Deus (cf. Ef 5, 32), como nos elucidou Bento XVI na encíclica *Deus caritas est* (cf. DCE 9).

1.4.2. *Mistério Sacramental*

O vocábulo *sacramento* provém da palavra latina *sacramentum*, que significa juramento de bandeira; mas é também muito usado como tradução grega do vocábulo *mysterion*, ou seja, mistério.

Os sacramentos são “sinais” visíveis de uma veracidade invisível, através dos quais nós, como cristãos, podemos experimentar a presença e o agir de Deus, mediante a sua graça, pois é o próprio Deus quem cura, perdoa, alimenta, fortalece e capacita para o amor.

O sacramento é um encontro, pelo que requer um diálogo e implica resposta. Esta resposta deve ser uma resposta pessoal e autêntica, uma resposta de fé. De facto, a fé não é um elemento exterior ao sacramento, mas um elemento constitutivo do mesmo. Um sacramento sem fé reduz-se a um ato de magia ou um mero ritualismo. O sacramento e a fé estão intrinsecamente ligados, não se excluem nem se opõem, mas condicionam-se e requerem-se mutuamente.

Fé e graça vêm-se numa significação visível eclesial, pois a fé é um princípio básico que leva à união pelo sacramento.

Os sacramentos são sinais visíveis da ação e da salvação de Cristo na Igreja. Ao declararmos que os sacramentos são sinais da salvação e da ação de Cristo, queremos afirmar que «entre os sacramentos e o Mistério de Cristo existe o íntimo nexa que sempre passa do elemento significante para a realidade significada e vice-versa, sem querermos restringir a

relação à da pura e simples significação». ⁸⁵ Como tal, e segundo os escolásticos, os sacramentos são sinais e meios eficazes da graça de Deus. Com efeito, estes produzem o que significam, realizam em nós o único Mistério de Cristo, isto é, da única graça santificante. ⁸⁶

Sendo o sacramento um elemento que não pode agir sem a fé, sem esta, não existe uma realização plena do sacramento, logo, o «acontecimento sacramental não pode realizar-se como comunicação pessoal e muito menos ser frutuoso». ⁸⁷ Em suma, sem a fé, não existe um encontro pessoal com o Mistério de Cristo ressuscitado.

Batismo

O sacramento do Batismo surge «como o sacramento da milícia cristã». ⁸⁸ Se o significado de sacramento é “juramento de bandeira”, o Batismo é o início certificado por um juramento jurídico-político, pois a entrada na Igreja acontece através do *sacramentum aquae* ⁸⁹ e do *sacramentum fidei*, sendo conhecido como sacramento de fidelidade, ⁹⁰ como é referido nas obras de Tertuliano *De Baptismo* e *Adversus Marcionem*.

Com o banho batismal, pela imersão na água santificada pelo Espírito Santo, o catecúmeno é inserido no mistério da morte e ressurreição de Cristo. Ao pronunciar a invocação do Espírito Santo é renovada a santificação das águas que, anteriormente no rio Jordão foram santificadas por Cristo, aquando do seu Batismo e que ao tocar, o seu corpo, lhe comunica a «sua santidade e sua virtude santificante». ⁹¹ Assim, pelo Batismo, o homem torna-se membro integrante e, simultaneamente, pessoa jurídica, de acordo com o *Código do Direito Canónico*, «pelo batismo o homem é incorporado na Igreja de Cristo e nela constituído pessoa» (c. 96).

⁸⁵ Salvatore Marsili, «Sacramentos», em *Dicionário de Liturgia*, ed. Domenico Sartore e Achille M. Triacca, trad. Isabel Fontes Leal Ferreira, Dicionários EP (São Paulo: Edições Paulinas, 1992), 1058.

⁸⁶ O texto do *Catecismo da Igreja Católica* (Moscovide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016), n.º 2000, informa-nos que *graça santificante* é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural, que aperfeiçoa a alma, mesmo para tornar capaz de viver com Deus e de agir por seu amor. Devemos distinguir a graça habitual, disposição permanente para viver e agir segundo o apelo divino, e as graças atuais, que designam as intervenções divinas, quer na origem da conversão, quer no decurso da obra da santificação. Contudo, o conceito de *graça* é sobretudo o dom do Espírito que nos justifica e santifica. Mas também compreende os dons que o Espírito nos dá, para nos associar à sua obra, para nos tornar capazes de colaborar na salvação dos outros e no crescimento do corpo Místico de Cristo, que é a Igreja. São as graças sacramentais, dons próprios dos diferentes sacramentos. São, além disso, as graças especiais, também chamadas “carismas”, segundo o termo grego empregado por São Paulo e que significa favor, dom gratuito, benefício. Qualquer que seja o seu carácter, por vezes extraordinário, como o dom dos milagres ou das línguas, os carismas estão ordenados para a graça santificante e têm por finalidade o bem comum da Igreja. Estão ao serviço da caridade que edifica a Igreja (CIC 2003).

⁸⁷ Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, 68–69.

⁸⁸ José Fernando Caldas Esteves e José Manuel Garcia Cordeiro, *Liturgia da Igreja*, Estudos teológicos 29 (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008), 105.

⁸⁹ Segundo Tertuliano, *sacramentum aquae* é o meio pelo qual a alma opera a regeneração.

⁹⁰ Cf. Esteves e Cordeiro, *Liturgia da Igreja*, 105–6.

⁹¹ Carlo Rocchetta, *Los sacramentos de la fe: estudio de teología bíblica de los sacramentos como «eventos de salvación» en el tiempo de la Iglesia*, trad. Fernando Antoñanzas, vol. 2, Sacramentología bíblica especial (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002), 54.

A eficácia do banho do Batismo manifesta-se na prece da bênção da água, que tem por base a doutrina paulina acerca do Batismo morte e ressurreição de Cristo, como podemos ver na Carta aos Romanos:

Pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição (Rm 6, 4-5).

Este sacramento é tanto morte como vida, sepultamento como ressurreição, configurando-se sempre no Mistério Pascal de Cristo. Todavia, nos tempos antigos, o Batismo era sempre celebrado na noite da Vigília Pascal, pois aqueles que o iam receber desciam por três vezes a piscina batismal simbolizando os dias que Jesus esteve “preso” no túmulo (a “descida aos infernos”) e voltavam à vida como novas criaturas, ressuscitadas.

Segundo Carlo Rocchetta, o sacramento do Batismo é «ação de Cristo na Igreja, realizada na água e no poder do Espírito, em continuidade com as “maravilhas de salvação” do Antigo e Novo Testamento, e é o sacramento da fé e da existência nova em Cristo e na comunidade escatológica da salvação».⁹² De acordo com este autor, o sacramento do Batismo, como referido acima, é um ato de Cristo e, por consequência, da Igreja, pois aquele que irá ser batizado é convidado a entrar na Igreja pela “porta da Salvação”, que é Cristo, ou seja, entra no Corpo de Cristo, que é a comunidade eclesial, e torna-se como “pedra viva” desse mesmo corpo. A Igreja, no sacramento do Batismo, vive o íntimo mistério da maternidade, pois a partir dela, gera e é gerada, por um lado, gera novos filhos a partir do Batismo, por outro, ela mesma é gerada «pela incorporação de novos membros renascidos no Batismo»,⁹³ pois Cristo ao nascer de Maria, mulher virgem e por meio do Espírito Santo, faz fecundar com o sopro do mesmo Espírito a Igreja para que esta seja geradora de uma multidão de filhos de Deus.

Este ato e ação de Cristo na Igreja efetiva-se por meio do sinal sacramental da água e pelo poder do Espírito Santo de Deus, que o faz constituir como um “nascimento divino”. A palavra que Jesus Cristo profere pela sua Esposa, que é a Igreja, «é o banho da purificação do pecado e da nova vida no Espírito»,⁹⁴ como também nos transmite o apóstolo Paulo na sua primeira carta aos Coríntios: «Mas vós cuidastes de vos purificar; fostes santificados, fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1Cor 6, 11). Cristo por meio do

⁹² Rocchetta, 2:54.

⁹³ Rocchetta, 2:55.

⁹⁴ Rocchetta, 2:56.

Espírito Santo age e forma a sua Igreja e por meio do mesmo Espírito incorpora-nos na vida divina.

Este sacramento é a ação salvífica da *Historia Salutis*, ou seja é o mistério da nova criação, da libertação do pecado e da morte, o mistério da Aliança com Deus e da santificação na vida divina, dom concedido por Deus Pai, pelo Espírito Santo. O Batismo é a síntese das maravilhas da salvação realizadas por Deus no povo de Israel em Cristo, pelo poder do Espírito Santo, na Igreja. Este sacramento cumpre-se na fé da Igreja, pelo que convoca à «adesão e à resposta de fé, de modo que os dons divinos que nos aporta sejam vividos frutífera e plenamente».⁹⁵

Este sacramento da Iniciação Cristã faz com que sejamos novas criaturas em Cristo e, conseqüentemente, na Igreja, nossa mãe, pois como nos diz São Paulo, se nascemos pelo Espírito, então viveremos pelo Espírito (cf. Gl 5, 16-25). É desta nova condição de vida que nasce o compromisso de todos os batizados, para que vivam em santidade, segundo a coerência de vida própria dos filhos de Deus (cf. Ef 1, 4).

Em suma, João resume este sacramento como caminhar na luz do amor, que é a missão própria de cada cristão. Cada cristão deve ser testemunho e exemplo, com a sua vida, do homem novo que foi revestido com o sacramento do Batismo, como, também, nos exorta a LG 10: «deem testemunho de Cristo em toda a parte».

Confirmação

O sacramento da Confirmação é a continuação das “maravilhas de salvação” evidenciadas na explicação do sacramento do Batismo. A prática da Igreja, por vezes, parece mostrar uma certa separação entre o sacramento do Batismo e o sacramento da Confirmação. Há, efetivamente, uma distinção, mas não uma separação. Nestes dois sacramentos encontramos o agir de Cristo e do Espírito que O torna presente e que por Ele é comunicado. Na passagem do Batismo para a Confirmação, o cristão é convidado a testemunhar perante a sua comunidade eclesial e todos os fiéis a condição de “nova criatura”. Esta “nova criatura”, segundo o “Doutor das Gentes”, é a vida nova segundo o Espírito, é a novidade de vida.

A Constituição Conciliar para a Liturgia, *Sacrosantum Concilium*, atende ao sacramento da Confirmação na sua íntima relação com o sacramento do Batismo «para fazer ressaltar a íntima união do Sacramento da Confirmação com toda a Iniciação Cristã; pela mesma razão, convém que a renovação das promessas do Batismo preceda a recepção do Sacramento» (SC 71).

⁹⁵ Carlo Rocchetta, *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como «maravilhas de salvação» no tempo da Igreja*, trad. Álvaro Cunha, Teologia Sistemática (São Paulo: Paulinas, 1991), 264.

No que refere à invocação do Espírito Santo, a Confirmação «une o sinal da imposição das mãos, que indica a tomada de posse do crismando por parte do Senhor».⁹⁶ Este gesto esteve, por muito tempo ligado à unção que acontecia no Antigo Testamento e, por último, à unção de Cristo. É um sinal da ação de Deus que penetra o coração do cristão e que o transforma. Por isso, à Confirmação se chama também “Crisma” (cf. 1Jo 2, 20-27). Esta Confirmação é a plena realização do Batismo que faz do cristão uma nova criatura no Espírito.⁹⁷ Já Ambrósio de Milão nos informa, na sua obra *Os sacramentos e os Mistérios*, «Deus te ungiu e o Senhor te marcou com o selo, depositando em teu coração o Espírito Santo. Portanto, recebeste o Espírito Santo em teu coração».⁹⁸

Na Confirmação é também evidente a presença da Santíssima Trindade, este Deus único em três pessoas distintas. Se no sacramento do Batismo o cristão se torna Filho de Deus, o sacramento da Confirmação «enriquece-o com uma força do Espírito Santo, nova e especial, que o torna capaz de testemunhar a existência redimida, irradiando aquela fé, que a misteriosa atração de Deus Pai tinha nele suscitado».⁹⁹ O Batismo torna o cristão participante do Mistério Pascal de Cristo e a Confirmação faz dele um participante ativo, em plenitude, testemunha de Jesus Cristo, formando nele um comportamento configurado à vida do Senhor Jesus, isto é, um comportamento configurado à entrega de Jesus crucificado, mas também de Jesus ressuscitado. O Crisma, através do dom do Espírito Santo, leva-o a florescer no serviço e os carismas recebidos por Deus são em ordem a «estar plenamente unido à Igreja inteira na sua consagração e missão».¹⁰⁰ Segundo o Apóstolo Paulo, o melhor carisma que o cristão pode receber é a caridade, pois «é a caridade de Deus que move o homem cristão a viver segundo Cristo».¹⁰¹

Relativamente à Trindade, o cristão é ajudado a ser testemunha e a fazer transparecer, com a sua vida, o fulgor de agir por meio do Espírito Santo. É o Espírito Santo, não por magia, mas por graça de Deus, que unifica a Igreja enquanto entidade detentora de inúmeros dons e carismas. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, refere também a ação do Espírito Santo na Igreja, afirmando que «o Espírito unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons carismáticos. E adorna-a com os seus frutos» (LG 12). Todos que obedecem a este Espírito, obedecem à voz e à vontade de Deus Pai e seguem a Cristo humilde e pobre. Partindo desta conceção de Igreja como comunidade carismática, cada cristão é movido

⁹⁶ Bruno Forte, *Introdução aos sacramentos*, trad. António Rocha (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994), 78–79.

⁹⁷ Cf. Rocchetta, *Los sacramentos de la fe*, 2:77–78.

⁹⁸ Santo Ambrósio, *Os sacramentos e os mistérios: Iniciação cristã nos primórdios*, trad. Paulo Arns, 2ª ed., Fontes da catequese 5 (Petrópolis: Vozes, 1981), 67.

⁹⁹ Forte, *Introdução aos sacramentos*, 79.

¹⁰⁰ Forte, 80.

¹⁰¹ P. Tena e Dionisio Borobio, «Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação», em *A celebração na Igreja: Sacramentos*, ed. Dionisio Borobio, trad. Luiz Gaio, vol. 2 (São Paulo: Edições Loyola, 1993), 87.

e é habitado pelo Espírito divino, para viver segundo a Boa Nova de Jesus, de acordo com a vida moral e espiritual.

Em suma, não se pode separar os sacramentos do Batismo e da Confirmação dado que estão íntima e indissolivelmente ligados à vida cristã. O cristão, através do Batismo que recebeu, é convidado a ser testemunha de vida e a anunciar a Palavra de Jesus, pelo que, aquele que entra na Igreja como seu membro, integrando o povo de Deus, é responsável pela edificação do Reino dos Céus iniciado na terra, que será plenamente realizado na eternidade.

Eucaristia

Ao elaborarmos uma síntese do mistério eucarístico corremos o risco de a mesma ser redundante e incompleta, devido à imensa riqueza deste mistério, que é, sem dúvida, «o centro da sagrada Liturgia, e mesmo de toda a vida cristã»,¹⁰² isto é, no «conjunto dos sacramentos, a Eucaristia ocupa um lugar central: é o “Sacramento dos Sacramentos”».¹⁰³ A Eucaristia é o centro do “septanário sacramental”¹⁰⁴, bem como o sacramento da unidade dos homens com o divino. A vida pascal é a base da vida cristã, pois aqueles que foram sepultados com Cristo, no Batismo, renascem para uma vida nova, vida esta que é alimentada em cada Eucaristia, no oferecimento do corpo e sangue do Senhor Jesus.

A palavra Eucaristia provém do grego *εὐχαριστία* que significa “dar graças”. Ela foi usada em muitos escritos de autores cristãos, nos primeiros séculos, com dois significados diferentes, embora relacionados entre si; um para evidenciar a oração de louvor, outro para designar o sacramento das espécies eucarísticas (pão e vinho) com aquela mesma oração.¹⁰⁵

Segundo Enrico Mazza, o sacramento da Eucaristia ocupa o primeiro lugar de todos os sacramentos, porque ela «é imitação da última ceia e esta é figura e anúncio da paixão: trata-se de dois dados constantes nas orações eucarísticas da Igreja das origens. Os mesmos dados conduziam a reflexão dos Padres da Igreja dos primeiros séculos».¹⁰⁶ A Eucaristia é o ato e ação de Cristo e da Igreja, como já temos vindo a recordar anteriormente. Quando celebramos a Eucaristia, «é o próprio Jesus que se oferece ao Pai»,¹⁰⁷ pois este sacramento não é uma mera recordação, um relembrar, mas sim o próprio Jesus que perpetua e atualiza, de modo

¹⁰² José Cordeiro, ed., «Instrução Eucharisticum mysterium, sobre o culto do mistério eucarístico», em *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, 2ª ed. rev. e aumentada (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014), 212.

¹⁰³ Carlos Cabecinhas, *No coração da Igreja: Eucaristia, comunidade e missão*, 1ª ed. (Lisboa: Paulus, 2020), 92.

¹⁰⁴ O septanário sacramental é: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos doentes, Matrimónio e Ordem.

¹⁰⁵ Cf. Ferreira, *Os mistérios de Cristo na liturgia*, 350–51.

¹⁰⁶ Enrico Mazza, *La celebrazione eucaristica. Genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione* (Bologna: EDB, 2003), 5.

¹⁰⁷ Rocchetta, *Los sacramentos de la fe*, 2:138.

sacramental, a sua oferta única pela salvação de todos, por meio da Igreja. Há que ter em atenção que o ministro principal da celebração é Jesus, pelo que o sacerdote é ministro de Cristo e da Igreja, operando *in persona Christi*. Segundo o Concílio de Trento, na celebração da Eucaristia, é Jesus Cristo que se oferece através do ministério do sacerdote, pelo que a eficácia do sacramento não radica na santidade do sacerdote que efetiva o sacramento, mas no poder salvífico de Deus. Com efeito, o sacerdote deve viver de acordo com o mistério que celebra e ao qual preside, no qual a Igreja inteira é representada pela comunidade paroquial, motivo pelo qual «toda a Eucaristia é um ato público e não uma ação privada ou individual» (cf. SC 27; 48)

A celebração da Eucaristia é memorial, atualização das “maravilhas da salvação” em relação à humanidade, é memorial permanente da entrega total de Cristo ao Pai pela salvação da humanidade, como nos narra a Sagrada Escritura: «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46). A oferta de Jesus ao Pai pela mediação sacramental do seu corpo e sangue, como sinal de ação de graças, dá sustento à compreensão verdadeira do que é a Eucaristia, na dupla dimensão de sacrifício cruento e incruento. Não se trata de dois sacrifícios, mas de apenas um, mudando apenas a forma da sua oblação. Por um lado, «na cruz, ela se cumpriu de modo cruento, no altar se realiza de modo incruento; sobre a cruz, é Cristo que se oferece ao Pai»,¹⁰⁸ por outro lado «sobre o altar Cristo associa a Igreja a si e à sua oferta e é pela ação da Igreja que renova o sacrifício da Páscoa».¹⁰⁹

Antes de padecer na cruz, Jesus celebrou, com os seus amigos, a sua última ceia no contexto da páscoa judaica. Nesta refeição festiva fez-se memória agradecida das maravilhas que Deus realizou no seu povo, tornando-se deste modo num ato memorial. Sentado à mesa com os seus amigos, Jesus oferece-lhes pão como alimento, e vinho como bebida, transformando-os primeiro no seu corpo e sangue. A Eucaristia é também designada como Banquete, o Banquete sacrificial no qual Cristo Se oferece a si mesmo através dos sinais do pão e do vinho, que será definitivamente consumado sobre o altar da cruz, como refere Lucas no seu Evangelho: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em memória de mim. Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 19-20). Logo a Eucaristia é simultaneamente banquete e sacrifício, onde Cristo está realmente presente nos sinais sacramentais do pão e do vinho e onde Ele se autoentrega, ao Pai, por amor.

Esta presença real de Cristo não deve, nem pode, ser entendida como uma presença físico-química, mas sim como uma presença mistérico-sacramental, porque o mistério eucarístico não é a mudança das propriedades dos sinais sacramentais, mas é a mudança das substâncias do pão e do vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo. Com a oração de consagração os sinais

¹⁰⁸ Rocchetta, *Os sacramentos da fé*, 330.

¹⁰⁹ Rocchetta, 330.

sacramentais deixam de ser pão e vinho para passarem a ser corpo e sangue de Cristo, logo há uma mutação metafísica e não físico-química. Esta transformação amplia-se para todo banquete, «que se coloca como o *banquete sacrificial*, que está entre o banquete pascal de Cristo e o banquete escatológico esperado».¹¹⁰ Nesse banquete o cristão entra em comunhão com Cristo ressuscitado e sai desse encontro uma pessoa transfigurada. Assim, como diz São Paulo, o sacrifício eucarístico é mesa ou comunhão: «O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10, 16-17).

O mistério do sacramento da Eucaristia é operado pelo poder do Espírito Santo, o mesmo Espírito que opera nas maravilhas de Deus, no decorrer da *Historia Salutis*. Assim, foi o chamamento de Abraão e a encarnação do Verbo, assim é, também, a Eucaristia. É a fé que nos permite alcançar a realidade para a qual o sinal sacramental nos remete e refere, que é a própria presença real de Cristo. Deste modo se consolida continuamente a relação indissolúvel entre a Igreja e a Eucaristia: a Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia.

Com Carlo Rocchetta também nós podemos olhar simultaneamente para Agostinho de Hipona, vendo a Eucaristia como fruto da comunhão eucarística e como sinal de unidade e caridade, e para Tomás de Aquino, e entender a Eucaristia como o sacramento da unidade da Igreja.¹¹¹

A Eucaristia é um caminhar para o retorno glorioso de Deus, é “profecia” do futuro. O livro do Apocalipse relata-nos a presença de Cristo como diligente e dinâmica encaminhando o cristão para uma atitude de espera e de esperança do futuro, isto é, do seu retorno escatológico, expressa a súplica final do livro: «*Maranatha*. Vinde, Senhor Jesus» (Ap 22, 20). O Papa Paulo VI, na profissão de fé, proclamada no encerramento do Ano da Fé de 1968, diz o seguinte acerca da Eucaristia:

Cremos que a Missa, celebrada pelo sacerdote, que representa a pessoa de Cristo, em virtude do poder recebido no sacramento da Ordem, e oferecida por ele em nome de Cristo e dos membros do seu Corpo Místico, é realmente o Sacrifício do Calvário, que se torna sacramentalmente presente em nossos altares. Cremos que, como o Pão e o Vinho consagrados pelo Senhor, na última ceia, se converteram no seu Corpo e Sangue, que logo iam ser oferecidos por nós na Cruz; assim também o Pão e o Vinho consagrados pelo sacerdote se convertem no Corpo e Sangue de Cristo que assiste gloriosamente no céu. Cremos ainda que a misteriosa presença do Senhor, debaixo

¹¹⁰ Rocchetta, *Los sacramentos de la fe*, 2:141.

¹¹¹ Cf. Rocchetta, 2:144.

daquelas espécies que continuam aparecendo aos nossos sentidos do mesmo modo que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial.

Neste sacramento, pois, Cristo não pode estar presente de outra maneira a não ser pela mudança de toda a substância do pão no seu Corpo, e pela mudança de toda a substância do vinho no seu Sangue, permanecendo apenas inalteradas as propriedades do pão e do vinho, que percebemos com os nossos sentidos. Esta mudança misteriosa é chamada pela Igreja com toda a exatidão e conveniência “transubstanciação”. Assim, qualquer interpretação de teólogos, buscando alguma inteligência deste mistério, para que concorde com a fé católica, deve colocar bem a salvo que na própria natureza das coisas, isto é, independentemente do nosso espírito, o pão e o vinho deixaram de existir depois da consagração, de sorte que o Corpo adorável e o Sangue do Senhor Jesus estão na verdade diante de nós, debaixo das espécies sacramentais do pão e do vinho, conforme o mesmo Senhor quis, para se dar a nós em alimento e para nos associar pela unidade do seu Corpo Místico.

A única e indivisível existência de Cristo nosso Senhor, glorioso no céu, não se multiplica, mas se torna presente pelo Sacramento, nos vários lugares da terra, onde o Sacrifício Eucarístico é celebrado. E depois da celebração do Sacrifício, a mesma existência permanece presente no Santíssimo Sacramento, o qual no sacrário do altar é como o coração vivo de nossas igrejas. Por isso estamos obrigados, por um dever certamente suavíssimo, a honrar e adorar, na Sagrada Hóstia que os nossos olhos veem, ao próprio Verbo Encarnado que eles não podem ver, e que, sem ter deixado o céu, se tornou presente diante de nós.¹¹²

Assim sendo, os sinais sacramentais, isto é, o pão e o vinho, são sinais que expressam a realidade divina, que se faz presente, através do Espírito Santo, nessas mesmas espécies. É mesmo Cristo que está presente, como nos relata Paulo VI no texto citado. Ele torna-se presente pelo Sacramento eucarístico, «debaixo desses véus materiais»¹¹³ encontramos Jesus entregue em alimento e em sangue derramado por cada um de nós.

Jesus entregou-se ao Pai e continua a fazê-lo em cada Eucaristia, em cada celebração da sua Páscoa, para congregar num único Corpo, todos aqueles que, pelo seu sangue, remiu do pecado.

1.4.3. Do Mistério revelado ao Mistério vivido

¹¹² Paulo VI, «Solene Profissão de Fé», em AAS, vol. 60 (Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1968), n.º 24–26.

¹¹³ Dias, *A iniciação cristã*, 123.

A vida de um cristão não se resume à celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã, pelo que o ser humano, apesar da sua limitação e pequenez é chamado a dar uma resposta ao Mistério de Cristo. Sendo o *mysterium* algo a ser vivido e não apenas conhecido intelectualmente, os sacramentos são marcados por um compromisso ético. Para abordar o tema da vivência a partir dos sacramentos, iremos incidir na dimensão moral da Sagrada Escritura e nos elementos mistagógicos para a vida sacramental.

Sentido moral da Sagrada Escritura ao Sacramento

A vertente moral é um dos elementos presentes nos textos da Sagrada Escritura. Com efeito, se a explanação dos sacramentos é efetuada à luz da Sagrada Escritura, de certo modo, o sentido moral nela presente explicita a dimensão moral evidenciada no ensino catequético da Iniciação Cristã. Assim sendo, a instrução catequética leva à assimilação do que se celebrou e convida a viver o *mysterium*, uma vez que ele é não apenas celebrado, mas também vivido no quotidiano.

Efetivamente, o tema do agir cristão não está simplesmente presente no tempo da mistagogia, encontra-se presente logo desde as catequeses catecumenais pregadas aos eleitos. A implementação do catecumenado no século II expressa fortemente a consciência da relação entre o sacramento e a vivência e existência do Homem.¹¹⁴ Na preparação dos catecúmenos, os garantes da fé, os catequistas, conduziam-nos nos caminhos da Sagrada Escritura, pois eram dadas instruções à luz da Palavra de Deus, para que os mesmos se habituassem a viver no desejo da santidade (cf. Mc 1, 1s). Deste modo, podemos afirmar que, da Sagrada Escritura, desabrocham mais do que conselhos, brotam ensinamentos para a vida dos catecúmenos. As histórias dos antigos patriarcas são exemplos vivos de normas de vida para os que se preparam para receber os sacramentos da Iniciação Cristã, pois a partir dos acontecimentos e experiências por eles vividas, os catecúmenos são animados a seguirem as suas virtudes, bem como a evitar os seus erros.

Também o livro dos Provérbios se revela como um excelente ensinamento para a vida dos catecúmenos, pois dele se podem extrair máximas a ser transmitidas no período catecumenal. Contudo, para além destas máximas e ensinamentos presentes no livro dos Provérbios, podemos também encontrar em toda a literatura sapiencial a arte do viver bem,¹¹⁵ não esquecendo também outros livros, tais como os salmos, ou mesmo o profeta Isaías, que exploram aprofundadamente o sentido moral da catequese.

¹¹⁴ Cf. Francisco Taborda, *Nas fontes da vida cristã: Uma Teologia do Batismo-Crisma*, Nas fontes da vida cristã. Theogica 4 (São Paulo: Edições Loyola, 2001), 19.

¹¹⁵ Cf. *As raízes da sabedoria*, Cadernos bíblicos 28 (Paulinas, 1983), 58.

Assim, no tempo da mistagogia, deparamo-nos com figuras da Sagrada Escritura cujo exemplo moral deve ser seguido pelos neófitos como modelo, bem como outras, cujo modo de agir deve ser evitado. Tanto na catequese catecumenal como na catequese mistagógica, recorre-se muito às personagens bíblicas do Antigo Testamento. Deve-se notar que neste tempo a Sagrada Escritura é um precioso instrumento para os fiéis, dada a enorme riqueza simbólica do texto sagrado. No entanto, se não se retirar consequências práticas para a própria vida de seguimento de Jesus, tanto na celebração dos sacramentos, como na adesão à profissão de fé, viver-se-á num vazio existencial no qual tudo na vida se torna abstrato. Logo, se a nossa compreensão moral da Sagrada Escritura é vazia, também a nossa compreensão dos sacramentos será errónea e não plenamente vivida. É de salientar que o ensinamento moral, à luz do texto bíblico, frisa o caminho realizado tanto antes das catequese como após a celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã, caminho esse que deve continuar ao longo de toda a sua vida cristã.

Na *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma, encontramos a evidência de que já antes do século II se falava da dimensão moral antes e após a celebração da Iniciação Cristã, como se depreende do seguinte exemplo relativo ao tempo antes da celebração:

Ao escolherem-se os que vão receber o batismo, examine-se a sua vida: viveram honestamente enquanto catecúmenos? Honraram as viúvas? Visitaram os doentes? Fizeram toda a espécie de boas obras? Se aqueles que os trouxeram derem bom testemunho a respeito de cada um, dizendo que foi assim que ele agiu, ouvirão o Evangelho.¹¹⁶

No dia após a celebração da Iniciação Cristã, a mesma obra exorta: «Quando tudo tiver terminado, cada um se apressará a fazer boas obras, a agradar a Deus e a viver de maneira digna, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprendeu e progredindo na piedade».¹¹⁷

Com efeito, percebe-se a união existente entre Palavra escutada e transmitida na catequese e Sacramento, que se pode traduzir, neste caso, em vida, prática cristã, ou seja, vida moral. No entanto, a Palavra desvela o caminho para uma vida nova, enquanto o Sacramento aperfeiçoa o desvelar do caminho ao qual a Palavra deu início, de modo que no quotidiano de cada um frutifique e floresça a semente da vida nova em Cristo que foi acolhida na Palavra escutada e na liturgia celebrada.

Elementos mistagógicos para a vida sacramental

¹¹⁶ Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, 61.

¹¹⁷ Hipólito de Roma, 66.

A celebração e vivência dos sacramentos é uma componente do ser cristão, ou seja, «do estar em Cristo e do viver em Cristo».¹¹⁸ Os sacramentos não consistiam num conjunto de ritos a santificar o hodierno da vida, mas sim, um prolongamento das grandes obras de Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento.¹¹⁹

A mistagogia tem uma função fundamental na tomada de consciência e de decisão, do neófito, pela graça de Deus recebida na Iniciação Cristã. Os Padres da Igreja destacam a grandeza da transformação que os sacramentos realizavam naqueles que os recebiam, expondo que os gestos na liturgia estão longe de ser uma qualquer representação no vazio.¹²⁰ Logo, as catequeses mistagógicas servem como instrução aos fiéis para que eles possam compreender o que os sacramentos que receberam significam para a vida.¹²¹

A vida do cristão é configurada com a graça recebida de Deus, o que se coloca diante de exigências e valores éticos que devem orientar o seu agir e que demonstram a sua identidade cristã, bem como uma vivência a partir da fé professada, uma vez que o neófito foi moldado para viver *em e para* Cristo, no Espírito Santo.¹²²

Toda a vida espiritual é um combate. Sendo a vida espiritual um combate, o mistagogo não aceita que os sacramentos sejam algo mágico dado que todo o sujeito humano tem uma parte ativa.¹²³ Para tal, há que haver não só um compromisso celebrado de renúncia ao pecado e ao mal aquando do Batismo, mas também como as consequências que derivam do abraçar a fé. No sacramento da Confirmação que o neófito recebeu, foi ungido para a eternidade, pelo que é orientado a viver segundo a vida nova em Cristo Jesus, consumindo-se por Ele, com o seu testemunho e obras quotidianas, até o martírio, em obras de fé.

Tendo a sua vida enraizada em Cristo, o neófito produz obras fecundas que, pelo Batismo, devem brilhar no seu existir de cristão, sinal da vida nova recebida em Cristo.

Relativamente à Eucaristia existe uma sincronia entre o sacramento e a pessoa que o recebe. Pode-se afirmar que o *Amém* proferido pela boca do cristão é reconhecido no seu íntimo numa convicção do dom recebido, pelo que se percebe que tanto o sacramento como a sua consequente vivência se iniciam a partir do interior do ser humano.

A oração do “Pai-Nosso” era um dos temas constituintes das catequeses mistagógicas. A Igreja de Milão, mais propriamente Ambrósio de Milão, mostra-nos que a oração era recitada

¹¹⁸ Bonifácio Bernardo, «Simbolismo e tipologia do baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio», *Didaskalia*, Fundamenta, 1988, 11, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1988.898>.

¹¹⁹ Jean Daniélou, *Bible et liturgie: la theologie biblique des sacrements et des fêtes d'après les pères de l'Église*, 2ª ed. rev., Lex Orandi 11 (Paris: Cerf, 1958), 26.

¹²⁰ Cf. A. F. Lelo, «Mistagogia: participação no mistério da fé», *Revista Eclesiástica Brasileira*, n.º 257 (janeiro de 2005): 71.

¹²¹ Cf. Lelo, 73.

¹²² Cf. Lelo, 73.

¹²³ Cf. Lelo, 74.

e, posteriormente, explicado cada elemento. Tanto a oração como o método de orar eram tidos em conta na instrução dos neófitos.

Com efeito, os neófitos eram exortados a prolongar os sacramentos que tinham recebido nas suas vidas, pois manter as suas vidas idênticas aos sacramentos recebidos, era um conselho dado pelos mistagogos. A graça recebida na Iniciação Cristã é bem-sucedida quando o próprio fiel se afasta do mal, das inquietações e das más ações e assim o aproxima da santidade. Se, por um lado, as catequeses mistagógicas ocorrem ao longo do tempo pascal, por outro, a vivência batismal é contínua, é um processo constante, inacabado, no qual a graça é renovada na celebração de cada Eucaristia. Essa renovação é vital para cada fiel. Na verdade, morrer e ressuscitar com Cristo «orienta e condiciona os demais passos de uma pessoa em sua vida de fé, em sua ação cristã, ou seja, em todo o seu existir».¹²⁴ Contudo, é necessário que haja conversão para que esta ressurreição com Cristo aconteça. Não basta o *ex opere operato*¹²⁵ nem a celebração de um rito funciona como uma magia. Sem conversão nem adesão a Cristo a ponto de corrigir as más ações e o pecado, não existe ressurreição para uma vida nova com e em Cristo. Sendo instrumentos da graça de Deus, os sacramentos exigem resposta e transformação da parte da pessoa, de modo que possam produzir frutos naqueles que os recebem.

Em suma, o *mysterium* não pode ser celebrado separadamente da vida das pessoas, mas encarnado e vivido na história de cada um, pois, cada pessoa faz a experiência do mistério em si própria. Tal como a grandeza de Deus se manifestou em momentos simples da *Historia Salutis*, do mesmo modo, a ação do próprio Deus se expressa na estreiteza dos gestos sacramentais. Pela celebração, cada um de nós é inserido na sua própria *Historia Salutis*, bem como na História de Salvação dos que o rodeiam, experienciando e comprovando as maravilhas do amor de Deus. A geração da nova criação realizada através da Iniciação Cristã constrói um rosto novo e uma vida nova em cada humano. Assim, os ritos são a porta de entrada do *mysterium* tanto no *kronos* como no *kairos* e realizam uma *metanoia* radical no ser de cada um dos crentes, de cada cristão.

¹²⁴ Lelo, 74.

¹²⁵ *Ex opere operato* significa que a eficácia dos sacramentos acontece «em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Segue-se daí que o sacramento não é realizado pela justiça do homem que o dá ou que o recebe, mas pelo poder de Deus». (Cf. Tomás de Aquino, Suma de Teologia, III, q. 68). «Desde que um sacramento é celebrado conforme a intenção da Igreja, o poder de Cristo e do seu Espírito age nele e por ele, independentemente da santidade pessoal do ministro e segundo as disposições interiores dos fiéis que os recebem» (CIC 1128). «Bem sabemos que a celebração dos sacramentos é – por graça de Deus – eficaz em si mesma» Papa Francisco, *Carta Apostólica Desiderio desideravi: Desejei Ardentemente, sobre a formação litúrgica do Povo de Deus* (Fátima: Serviço Nacional de Liturgia, 2022), n.º 45.

CAPÍTULO 2 – MISTAGOGIA NO SÉCULO IV: OS SEUS TEMPOS ÁUREOS

2.1. – A Igreja nos séculos III e IV: contexto histórico

A Igreja dos primeiros séculos era evangelizadora, pois experimentava fortemente a dinâmica do Mistério Pascal, a partir do qual projetava toda a sua ação.

Nos princípios do século IV, verificava-se que já existia uma maior estruturação das comunidades cristãs, estas foram-se multiplicando e desenvolvendo sobretudo no espaço geográfico do Império Romano, particularmente nas suas províncias orientais.¹²⁶

Embora, por um lado, a Igreja crescesse de uma forma aparentemente “exponencial”, por outro, vivia num clima de incerteza devido às perseguições e heresias surgidas no interior do movimento cristão. A Igreja via-se ameaçada e com vários desafios,¹²⁷ entre os quais o gnosticismo,¹²⁸ movimento diversificado, com origens no paganismo mas também entre dissidentes cristãos e pseudo-cristãos.

De facto, a vida da Igreja na passagem do século III para o século IV, foi marcada por vários aspetos contrastantes: por um lado, o fim das perseguições e a tolerância concedida ao cristianismo (em 313 o Édito de Milão)¹²⁹, por outro a evidência de fraturas dentro da comunidade, traduzidas no surgimento de heresias como o arianismo.¹³⁰ Os Concílios de Niceia e Constantinopla, bem como os Sínodos, as fórmulas de fé e as condenações, tornam patente a complexidade deste período para os cristãos. Ao longo deste tempo conturbado, destacaram-se várias personagens que, com a sua ousadia, perseverança, seriedade e profundidade teológica, defenderam e “combateram” pela Igreja e a tornaram mais sustentada, tais como Atanásio,

¹²⁶ Cf. Eduardo Hoornaert, *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*, Teologia e Libertação 3 (Petropolis: Vozes, 1986), 77.

¹²⁷ A Igreja entre os séculos II e IV depara-se com correntes religiosas que se esforçam por se impor na sociedade exercendo uma sedução aos indivíduos desse tempo, nomeadamente através da gnose. Ao mesmo tempo que estas correntes heréticas “ganham terreno” no seio da Igreja, surgiam também outras doutrinas antitrinitárias, sobretudo a doutrina sustentada por Ario, o arianismo. Esta doutrina seguia o conceito de que Cristo não é verdadeiramente Deus, por isso, escandalizava muitas posições cristológicas. Cf. Karl Baus et al., *Manual de Historia de la Iglesia*, ed. Hubert Jedin, vol. II, Sección de Historia 77 (Barcelona: Editorial Herder, 1980), 369–80; Cf. São Cirilo de Jerusalém, *As Catequeses Mistagógicas*, 12:10–11.

¹²⁸ O termo gnosticismo deriva do grego «γνῶσις» que significa conhecimento. É um movimento que tem origem nas filosofias gregas anteriores ao Cristianismo, mas algumas evidências sugerem que algumas formas de gnosticismo surgiram na época apostólica. A maior polémica aconteceu na época patrística com os apologetas, nomeadamente com Irineu, Tertuliano e Hipólito. Cf. Anderson Frezzato, «Gnosticismo: Um resgate conceitual motivado pela Exortação Apostólica Gaudete et Exultate», *Revista Eletrônica Espaço Teológico* 12, n.º 22 (2018): 44–45, <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2018v12i22p43-53>.

¹²⁹ Édito promulgado em 13 de junho de 313. Foi um documento proclamatório no qual se determinou que o Império Romano seria neutro em relação à confissão religiosa, terminando oficialmente com as perseguições, especialmente aos cristãos.

¹³⁰ Doutrina desenvolvida por Ario. É considerada uma doutrina herética por negar a divindade de Jesus Cristo, ou seja, segundo esta doutrina Jesus – Filho de Deus –, segunda pessoa da Santíssima Trindade, não tinha a mesma essência que o Pai – primeira pessoa da Santíssima Trindade.

Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno, João Crisóstomo e Cirilo de Alexandria, entre outros.

Diante das várias heresias e divergências doutrinárias, a Igreja procurou chegar a uma maior consolidação dogmática, através de Concílios Ecuménicos e Sínodos. O primeiro Concílio Ecuménico teve início no ano de 325, em Niceia, convocado pelo imperador Constantino, para responder às questões levantadas por Ario, no qual se proclamou o dogma da divindade de Jesus Cristo e a sua consubstancialidade ao Pai. Passados cinquenta e seis anos foi convocado um novo concílio, por Teodósio I, em Constantinopla, no qual foi redigido um novo Símbolo da Fé (Credo), apresentando-se assim, à Tradição da Igreja, o Credo Niceno-Constantinopolitano.

Apesar de, até este momento, não existir ainda o catecumenado instituído como tal, o vocabulário em uso aludia já à existência de uma instrução catecumenal. Após Panteno emergiram outras figuras que implementaram o catecumenado na Igreja tais como: Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio e Cirilo de Jerusalém.

Em Orígenes, na sua obra *Contra Celso*, podemos encontrar pormenores que nos elucidam acerca de uma estrutura de catequese e organização do catecumenado em três etapas, a saber: a provação pré-catecumenal, a provação catecumenal e a provação penitencial pós-batistal. No entanto, encontramos uma distinção entre aqueles que estão nas duas primeiras etapas que são chamados de *ouvintes* e os da terceira etapa que são chamados de *eleitos*.¹³¹

2.2 – O catecumenado

O catecumenado¹³² é a estrutura adotada pela Igreja Antiga que visava introduzir, conduzir, educar e amadurecer na fé os fiéis para o encontro com Cristo na Igreja. Este era um percurso longo, lento e progressivo, que incidia não só num processo de formação, mas também de conversão e transformação espiritual do catecúmeno, realizado num contexto eclesial, sempre mediado pela Igreja e seus garantes.¹³³

2.2.1. O século III: nascimento e o ponto alto do catecumenado

No final do século II, cessa a instrução individual para dar lugar à instrução comum, “grupala”, em que a preparação para o sacramento do Batismo era realizada em comum, sendo que, já naquela época, havia catequistas propriamente ditos, que formavam aqueles que queriam

¹³¹ Cf. Antonio Bollin, Francesco Gasparini, e Georgino Rocha, *A catequese na vida da Igreja: notas de história*, trad. Maria Graça Ferrão Maia da Rocha, Crescer na fé 8 (Lisboa: Paulinas, 1996), 43.

¹³² Os primeiros testemunhos de catecumenado versam do séc. II. Contudo, a sua estrutura e organização começa a ser delineada no séc. III, com a herança do processo de missão e evangelização dos Apóstolos, bem como pela própria missão de Jesus, ver Bollin, Gasparini, e Rocha, 42.

¹³³ Cf. Borobio, «Catecumenado», 298.

aderir à fé cristã.¹³⁴ Segundo Tertuliano, o Batismo era administrado na Páscoa,¹³⁵ «de maneira que a liturgia e a catequese se ordenavam conjuntamente e o sacramento [do Batismo] apareceu como participação na ressurreição de Cristo: assim surgiu o catecumenado».¹³⁶

Para um melhor entendimento do que era o catecumenado nos tempos áureos da mistagogia, é necessário ter uma visão sumária do que era o catecumenado até então. No século III vigorava já uma estrutura formativa que viria a consolidar-se com a tolerância do Império Romano, no século IV, que desta forma permitiu que se expandisse e se institucionalizasse na Igreja aquilo que já existia neste tempo nas suas linhas essenciais¹³⁷ – os catecúmenos constituem uma ordem própria que se diferencia em várias etapas.¹³⁸

O contacto dos fiéis com a fé cristã tinha a sua origem na perseverante evangelização da Igreja, devido ao estilo e forma de viver dos cristãos, que interpelava os pagãos. Este modo de viver tinha muito a ver com o anúncio do *kerygma*, também designado por primeiro anúncio. É importante referir que existia um “passo intermédio” entre o *kerygma* e a entrada no catecumenado. Este “passo intermédio”¹³⁹ era consequência do encontro e da relação entre cristãos e pagãos que acontecia no quotidiano das suas vidas e era confiado ao cuidado dos leigos,¹⁴⁰ pois como nos afirma Michael Dujarier, «o anúncio da Boa Nova não é do privilégio dos sacerdotes nem dos sábios: é uma missão de todos os cristãos».¹⁴¹ Os próprios cristãos no decorrer das relações e dos encontros que contraíam com os pagãos, poderiam vir a ser padrinhos ou garantes da fé, para além de acompanhar os aspirantes ao catecumenado e de responder acerca da idoneidade dos mesmos. Este dinamismo eclesial mostra a relação da

¹³⁴ Cf. Josef Jungmann, *Catequética: Finalidad y método de la instrucción religiosa*, trad. Francisco Payeras, 2ª ed., Sección de Pedagogía 32 (Barcelona: Editorial Herder, 1961), 16.

¹³⁵ «Diem baptismi solemniorem Pascha praestat; cum et passio Domini, in quam tinguimur, adimpleta est. Nec incongruenter quis ad figuram interpretabitur, quod cum ultimum Pascha Dominus esset acturus, missis discipulis ad praeparandum: “Invenietis, inquit, hominem aquam” bajulantem. Paschae celebrandae locum de signo aquae ostendit. Exinde Pentecoste ordinandis lavacris latissimum spatium est, quo et Domini resurrectio inter discipulos frequentata est, et gratia Spiritus sancti dedicata, et spes adventus Domini subostensa, quod tunc in coelos recuperato eo, Angeli ad Apostolos dixerunt sic venturum quemadmodum et in coelos conscendit, utique in Pentecoste. Sed enim Jeremias cum dicit: “Et congregabo illos ab extremis terrae in die festo”, Paschae diem significat et Pentecostes, qui est proprie dies festus. Caeterum omnis dies Domini est, omnis hora, omne tempus habile baptismi: si de solemnitate interest, de gratia nihil refert». Tertuliano, «De Baptismo», em *Collectio Selecta S.S. Ecclesiae Patrum*, ed. D. A. B. Caillau, vol. 1 (Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842), 423.

¹³⁶ Jungmann, *Catequética*, 16.

¹³⁷ Cf. Jean Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, ed. Regina du Charlat e Jean Daniélou (Burgos: Grafite Ediciones / Monte Carmelo, 1998), 46.

¹³⁸ Cf. Daniélou, 46–47.

¹³⁹ Na época em questão, o apostolado não estava destinado somente aos especialistas. Cada cristão tinha o dever e o cuidado de conduzir à fé os seus vizinhos e amigos. São Justino conta a história de uma mulher que quando conheceu a maravilha que era Cristo, se converteu e, por sinal, quis que o seu marido seguisse o seu caminho. Aqui, estamos perante uma evangelização prévia antes de ingressar plenamente no catecumenado. Cf. Michel Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 1986), 45.

¹⁴⁰ Cf. Dujarier, 45.

¹⁴¹ Dujarier, 45.

missão com a identidade da Igreja.¹⁴² Após acolher o anúncio de Cristo Salvador, o interessado pedia à Igreja a entrada no catecumenado, que o convidaria a uma radical mudança de vida, com o abandono de atitudes e profissões incompatíveis com a vida cristã. Caso o seu pedido fosse aceite, o mesmo entrava na “ordem dos catecúmenos”.

Para a entrada nesta “ordem” era necessária a realização de um escrutínio, na presença do bispo, do diácono, dos seus catequistas, do garante e do padrinho, podendo este ser realizado tanto por um clérigo como por um leigo, onde se analisavam vários aspetos da vida do aspirante. Se o mesmo fosse escravo de um amo, este tinha de ter o consentimento e o parecer do seu senhor, caso contrário não podia ser aceite.¹⁴³

O culminar deste primeiro passo é a inscrição do nome no livro dos catecúmenos. Antes desta inscrição, o aspirante a catecúmeno, na presença dos seus responsáveis, era examinado e interrogado. Caso fosse aprovado, era então admitido, em ambiente orante, no seio da sua nova comunidade. A sua entrada no catecumenado previa o rito da *consignatio* ou “sinal da cruz”. A partir deste momento aqueles que aspiravam ao catecumenado passavam a ser chamados de *christianus*, *catechumenus* ou *audiens* e eram, desde logo, considerados membros integrantes da Igreja.

Estes iniciavam um período de formação catecumenal na fé, na doutrina e na moral cristã que se podia prolongar até três anos. A variação deste tempo, consiste em compreender qual o momento favorável para receber os sacramentos a que o candidato se propõe, tendo sempre em conta o período aconselhável de instrução, de forma a que este pudesse corresponder à maturidade de fé exigida para tal.¹⁴⁴ O pedido formal e solene da receção dos sacramentos da Iniciação Cristã acontecia no Domingo que antecedia o início da Quaresma, momento em que se realizava um novo escrutínio aos candidatos, no qual eram confrontados com o modo como as suas condutas religiosas e morais foram exercidas durante o tempo de instrução no que se refere à assistência às viúvas, à visita aos doentes e à atenção aos pobres, entre outros. A decisão final da admissão acontecia após a escuta do testemunho dos padrinhos e catequistas. Caso houvesse uma deliberação positiva, o bispo escrevia o nome do eleito no “livro dos eleitos”.¹⁴⁵

A fase final deste processo de formação catecumenal abrangia toda a Quaresma e culminava na Vigília Pascal. Durante este período, a instrução e a formação dos catecúmenos aumentava tanto em intensidade, como em regularidade, duração e profundidade das sessões catequéticas,

¹⁴² Cf. André Laurentin e Michel Dujarier, *El Catecumenado. Fuentes neotestamentarias y patristicas. La reforma del Vaticano II*, ed. José Luis del Palacio, Colección Teshuva 11 (Bilbao: Grafite Ediciones, 2002), 187–90.

¹⁴³ Cf. Mario Haller, «La experiencia catecumenal en la época patristica. Un ejemplo de integración de la fe, la celebración y la vida», *Cuadernos Monásticos*, n.º 203 (2017): 416–17.

¹⁴⁴ Cf. Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado*, 59.

¹⁴⁵ Cf. Bollin, Gasparini, e Rocha, *A catequese na vida da Igreja*, 40.

bem como nas práticas ascéticas da oração e do jejum.¹⁴⁶ Após terem sido escrutinados acerca dos princípios da fé, os catecúmenos passavam a ser chamados de *competentes* ou *electi*.¹⁴⁷

Ao aproximar-se o término do tempo quaresmal, os candidatos à Iniciação Cristã eram submetidos a um novo escrutínio e, caso fossem aprovados, eram considerados aptos à sua receção. Esta etapa atingia o seu cume na Semana Santa, mais propriamente no Tríduo Pascal. Na Quinta-feira Santa iniciava-se a preparação imediata, com o banho simbólico, na Sexta-feira Santa era implementado o jejum batismal (que só seria interrompido após a celebração da Vigília Pascal) e na manhã de Sábado Santo existia um último exorcismo, seguido da imposição das mãos e da *insufflatio*.¹⁴⁸

2.2.2. O século IV: a condensação e o início do desvanecimento

No século IV a Igreja manteve as estruturas basilares do catecumenado do século anterior. Com efeito, devido à nova conjuntura político-social do Império Romano, a Igreja viu-se impelida a proceder a mudanças no seu modo de proceder, o que obrigou à reformulação do catecumenado existente. A principal alteração consistiu na concentração das etapas do catecumenado durante o tempo quaresmal, na proximidade da receção da Iniciação Cristã, na Vigília Pascal.

No século IV verificava-se que uma parte das adesões ao cristianismo era motivada mais pela fidelidade ao imperador que por uma adesão à pessoa de Jesus Cristo. Diante deste novo desafio de manter o nível de exigência e maturação da vida cristã, bem como o amadurecimento da fé de cada cristão, a Igreja viu-se obrigada a repensar o seu modelo de catecumenado, em decadência crescente.¹⁴⁹ O processo catecumenal foi instituído em todas as comunidades, centrado no período da Quaresma e oitava da Páscoa, com as catequeses mistagógicas.¹⁵⁰

A entrada do catecumenado em todas as comunidades não anulou as dificuldades na sua implantação, dadas as grandes alterações implantadas por Constantino no seio do Império. Um

¹⁴⁶ Cf. Terra, *História da catequese*, 16.

¹⁴⁷ Cf. Haller, «La experiencia catecumenal en la época patristica. Un ejemplo de integración de la fe, la celebración y la vida», 415.

¹⁴⁸ *Insufflatio* é um rito realizado na Igreja primitiva que respeitava uma preparação para a receção aos Sacramentos da Iniciação Cristã. Este rito era realizado no Sábado Santo, com o Bispo. Os competentes reuniam-se com o seu pastor, rezavam com ele e, de joelhos, recebiam a imposição das mãos, bem como o exorcismo. O Bispo soprava sob os rostos dos mesmos e marcava-os na frente, nas orelhas e no nariz. O rito significava, de diversas formas, a expulsão ou renúncia ao diabo. Na liturgia católica, posteriormente ao Concílio Vaticano II, é excluído este rito, exceto na consagração do óleo do Crisma, na missa Crismal. Cf. Haller, 417.

¹⁴⁹ Uma das causas que convergiu na decadência e desvalorização do catecumenado foi, de certo modo, o sistema penitencial da época. Devido à disciplina severa, muitos dos fiéis, até mesmo crianças, foram permanecendo por um longo período como catecúmenos, sendo batizados somente em adultos ou por estrita necessidade. Cf. Joaquim Carvalho, «Espaços e tempos para a celebração batismal», em *A iniciação cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, 1ª ed. (Porto: Universidade Católica Editora, 2021), 91.

¹⁵⁰ Cf. Haller, «La experiencia catecumenal en la época patristica. Un ejemplo de integración de la fe, la celebración y la vida», 415.

dos problemas que surgiu no seio da Igreja prendia-se com o Batismo, uma vez que este corria o risco de deixar de ser entendido como um dom, uma eleição para o candidato que o recebe, para ser visto como um “direito”, que garantia vantagens máximas com esforço mínimo,¹⁵¹ o que se reflete no decréscimo da vida de fé dos cristãos.

Deve-se ter em conta que, nesta fase, os bispos decidem reconfigurar o catecumenado e condensar as etapas anteriores em oito semanas. Esta alteração conduziu a uma progressiva perda de significado dos sinais litúrgicos, como aconteceu com o exame de admissão ao catecumenado, que adquiriu uma seriedade e exigência diferentes do modelo anterior. A isto acrescia que, ao longo dos séculos IV e V, foi-se generalizando o Batismo das crianças «pelo que, a pouco e pouco, também o caminho catecumenal se vai limitando ainda mais».¹⁵²

Note-se ainda que a entrada na Igreja continuava a implicar um nível de exigência elevado, sobretudo na prática penitencial, motivo pelo qual persistiam casos nos quais a receção dos sacramentos era retardada, em muitos casos, até ao *terminus* da vida terrena.¹⁵³ Além disso, com o aumento dos *competentes* no grupo dos catecúmenos, muitos sem intenção verdadeira de receber os sacramentos da Iniciação Cristã, a prática do catecumenado nos moldes existentes tornou-se bastante difícil.¹⁵⁴

Este constrangimento levou a Igreja a distinguir dois tipos de catecúmenos: os que estavam dispostos a construir um caminho de transformação interior e de conversão e os restantes, pelo que o tempo quaresmal começou a ter uma crescente relevância.

Um outro problema do catecumenado naquela época consistia na falta de assiduidade e compromisso dos catecúmenos às sessões de catequese, motivo pelo qual muitos catecúmenos chegavam ao Batismo sem a devida preparação.

Os encontros formativos decorriam em ambiente de oração e recolhimento onde as catequese, bênção e exorcismos eram ministrados.¹⁵⁵ É importante referir que os *competentes* participavam na Liturgia da Palavra das celebrações dominicais, onde a homilia era uma componente de instrução importante para cada um deles. Nesta época, apesar de haver presbíteros e diáconos competentes para a pregação, essa tarefa era destinada especialmente ao bispo, que detinha o múnus da instrução. Com o desenrolar do tempo e com o enfraquecimento da intensidade do processo catecumenal, os pastores assumiram progressivamente a formação

¹⁵¹ Cf. Bollin, Gasparini, e Rocha, *A catequese na vida da Igreja*, 42.

¹⁵² Bollin, Gasparini, e Rocha, 43.

¹⁵³ Cf. Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado*, 86–90.

¹⁵⁴ Cf. Dujarier, 84.

¹⁵⁵ Cf. Luis Pacheco, «Iniciação Cristã na Igreja Antiga», *PARALELLUS - Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, n.º 2 (dezembro de 2010): 174.

dos catecúmenos.¹⁵⁶ A catequese quaresmal nas comunidades primitivas abordava o aprofundamento de textos bíblicos, o símbolo do Credo, e a Oração Dominical.¹⁵⁷ Com efeito, todas estas celebrações, de entrega dos “Símbolos”, já eram vividas ao longo do século III, dado que «são mais antigas que a mesma Quaresma: já são atestadas no século III, especialmente por Tertuliano e Hipólito».¹⁵⁸ Todas as catequese, celebrações litúrgicas e “degraus”, que existiam no catecumenado, eram consideradas mediações em que Deus manifestava a sua glória, graça e bênção aos *competentes* para que estes aderissem ao bem e se afastassem do mal.

No entanto, o envolvimento da comunidade na vida e formação destes novos cristãos era marcante, pois aquela elevava a Deus orações em seu auxílio. Os catecúmenos, ao entrarem no seio da Igreja, passavam a pertencer a uma nova família que tem Deus por Pai, a Igreja por Mãe e os restantes batizados como irmãos na fé. Esta nova “casa” é a *Domus Dei*, ou seja, a *Ecclesia*. O acolhimento do sacramento do Batismo por parte do candidato leva a uma “mudança” de *status*, isto é, o catecúmeno passa de uma *domus secular* (vida terrena) a uma *domus ecclesiae* (vida espiritual), como afirma São Cipriano:¹⁵⁹ «a adesão à fé batismal exigia uma rutura (renúncia) com esta *domus* secular comum para ingressar numa nova “casa”».¹⁶⁰

Todas as práticas rituais, existentes no caminho catecumenal a que os catecúmenos aderiam, marcavam o ritmo da sua formação, tendo como finalidade a purificação interior pela renúncia ao pecado e ao demónio, para que cada um se pudesse transformar em “homem novo”, como nos relata São Paulo (cf. Ef 2, 15; Cl 3, 10), tendo como meta a configuração a Cristo Jesus.

A reformulação existente no catecumenado ao longo do século IV e a condensação da instrução no período quaresmal, conferiu um importante significado à entrega da *Traditio Symboli* (símbolo do Credo), entregue no sexto Domingo da Quaresma no Oriente, mas entregue no quarto Domingo da Quaresma no Ocidente¹⁶¹ «como marco de toda a catequese»,¹⁶² a *Reditio Symboli*, segundo Agostinho de Hipona entregue no Domingo de Ramos,¹⁶³ e a *Traditio Orationis Domini* (Pai-Nosso). Assim, o Símbolo da fé tem um lugar especialmente reservado na liturgia, bem como na instrução dos *competentes*, pois «cada um dos seus artigos era brevemente explicado; não era dado por escrito, mas exigia-se que se aprendesse de cor».¹⁶⁴

¹⁵⁶ Cf. Bollin, Gasparini, e Rocha, *A catequese na vida da Igreja*, 45; Cf. Ambrosio Milán, *Ambrosio de Milán: Explicación del símbolo, los sacramentos, los misterios*, trad. Pablo Barranco, Biblioteca de Patrística 65 (Madrid: Ciudad Nueva, 2005), 28.

¹⁵⁷ Cf. Bollin, Gasparini, e Rocha, *A catequese na vida da Igreja*, 42.

¹⁵⁸ Robert Cabié, «La iniciación cristiana», em *La Iglesia en oración: introducción a la liturgia*, ed. Aimé Martimort, 4ª ed. atualizada e aumentada, Sección de Liturgia 58 (Barcelona: Herder, 1992), 594.

¹⁵⁹ Cf. Isidro Lamelas, «Una domus et ecclesia Dei in saeculo: Leitura sócio-antropológica do projecto de ecclesia de S. Cipriano de Cartago», *Didaskalia* 36, n.º 1 (2006): 96–99, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2006.36.1>.

¹⁶⁰ Lamelas, 98–99.

¹⁶¹ Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 33–62.

¹⁶² Daniélou, 85. Todas as citações foram por nós traduzidas.

¹⁶³ Cf. Agostinho, *Acerca do Símbolo: Sermão aos catecúmenos*, 5-13, PL 40, 664-668.

¹⁶⁴ Terra, *História da catequese*, 16.

2.3 – A instrução dos catecúmenos: a catequese na Igreja primitiva

Para um catecumenado sólido no caminho da fé, mediante as contrariedades existentes na época, era necessária uma aprofundada instrução dos catecúmenos através da catequese. Este tipo de instrução era considerado como uma exposição completa e basilar do mistério cristão,¹⁶⁵ tida como primeiro anúncio e introdução à vida sacramental e cristã. Posto isto, a catequese ocupou um lugar primordial em toda a Igreja Antiga.

O ensino catequético tinha quatro grandes características: o anúncio da Palavra de Deus, a união ao sacramento do Batismo, uma Iniciação Cristã integral e uma tradição estável,¹⁶⁶ sendo a catequese uma «exposição completa e elementar de todo o mistério cristão».¹⁶⁷ Tal como a Igreja, também a instrução dos cristãos passou por diversas vicissitudes ao longo do tempo.

2.3.1. O século III e a introdução da catequese *kerygmática*

Desde o século III que a catequese e o percurso catecumenal experimentaram um notável desenvolvimento, motivado, essencialmente, pela necessidade de responder ao «crescente número de adultos que se preparavam para o batismo».¹⁶⁸ Assim, o primeiro passo para a evangelização dos “não cristãos” consistia no encontro, na relação, no testemunho de um cristão, fosse ele um Apóstolo, do tempo de Jesus, um membro do clero ou um leigo.¹⁶⁹

A catequese *kerygmática* era a base de toda a pedagogia catequética e de toda a vida cristã, pois nela culminava o primordial evento cristão: o Mistério Pascal e o encontro com Jesus Ressuscitado. Este encontro culmina no reconhecimento de que Jesus é o Messias, o próprio Filho de Deus que desceu à terra (*kenosis*) para a salvação de todos os humanos, impelindo-os a anunciar a o Evangelho a todos os povos.

A Boa Nova, também designada por «*praeconium*, anúncio, mensagem ou proclamação»,¹⁷⁰ era um anúncio de salvação. A oração do Precónio Pascal, proclamada na Vigília Pascal, é um *kerygma*, anúncio de salvação, que tem no seu centro o encontro com Jesus Cristo morto e ressuscitado, Salvador e Senhor de todos os humanos.

O grande anúncio de salvação nos tempos antigos consistia na proclamação de um acontecimento importante, cujo cumprimento estava iminente.¹⁷¹ No entanto, este anúncio só se tornava “oficial” se quem o proclamasse, o fizesse em nome de Deus e não em nome próprio,

¹⁶⁵ Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 12.

¹⁶⁶ Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 11–14.

¹⁶⁷ Daniélou, 11. Todas as citações foram por nós traduzidas.

¹⁶⁸ Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 21.

¹⁶⁹ Cf. Laurentin e Dujarier, *El catecumenado*, 2002, 180–81.

¹⁷⁰ Jungmann, *Catequética*, 322.

¹⁷¹ Cf. Lothar Coenen, «Mensaje», em *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*, ed. Mario Sala e Araceli Herrera (Salamanca: Sígueme, 1993), 54.

dado que esta interpelação tinha como meta a provocação interior dos seus destinatários para suscitar o desejo da procura da pessoa de Jesus. O anúncio *kerygmático* tinha como fundamento o primeiro passo de adesão à conversão (*metanóia*) que culminava na decisão de um movimento de mudança de vida e costumes à imagem de Cristo, isto é, a vida a partir do Espírito Santo, remetendo para o conceito paulino.¹⁷²

No que concerne à catequese moral, esta é um dos testemunhos mais ancestrais que temos no seio da Igreja. Esta dimensão era desenvolvida e apresentada nas instruções semanais, muitas vezes constituída como catequese basilar de preparação para o Batismo.¹⁷³ Sendo a catequese e a doutrina moral categorias importantes no percurso catecumenal, deparamo-nos com um tema importante a ser tido em conta, os “Dois caminhos”.¹⁷⁴ Este era um tema fundamental no desenrolar da moral cristã que abrangia, integralmente, a vida de todo aquele que pedia o Batismo, dado que o ensino catequético moral tinha como finalidade a purificação e preparação interior daquele que solicitava a receção dos sacramentos.¹⁷⁵

Na instrução moral, por exemplo, usava-se o Sermão da Montanha para se aprofundar os dez mandamentos revelados por Deus a Moisés. Toda esta instrução era proferida através de binómios contrários,¹⁷⁶ cuja finalidade era apresentar os antagonismos entre a possibilidade de escolha de dois caminhos e a importância da escolha do verdadeiro espírito do discipulado de Cristo.

Em suma, a catequese moral estava em sintonia com a catequese dogmática, isto porque «o que fundamenta a catequese moral, assim como a sacramental, é essencialmente o anúncio de salvação que desenvolve a catequese dogmática».¹⁷⁷

A catequese dogmática na Igreja primitiva fundava-se, essencialmente, no monoteísmo cristão de forma a combater o paganismo existente na época. Após esta abordagem inicial, incidia-se progressivamente sobre a Santíssima Trindade. De acordo com a essência da própria Santíssima Trindade, explicava-se cada Pessoa do Deus Uno e, simultaneamente, Trino. Isto é, primeiramente, explicava-se a Pessoa do Deus Pai, que é criador, de seguida, a Pessoa do Filho – Jesus Cristo – sua morte e ressurreição e, por fim, a Pessoa do Espírito Santo – o seu papel

¹⁷² Antítese do “homem velho” e “homem novo”. São duas imagens muito presentes na literatura paulina que não podíamos deixar de mencionar no nosso estudo. Deixar o “homem velho” é deixar o pecado, ter uma transformação de vida interior, mudar os costumes, para acolher o “homem novo” à imagem de Jesus Cristo que nos é oferecido no Batismo, que nos lava da mancha do pecado e nos faz viver a partir do Espírito Santo (cf. 2Cor 5, 17).

¹⁷³ Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 131.

¹⁷⁴ É um ensino que provém da doutrina moral judaica. No desenvolvimento cristão, podemos encontrar o seu conteúdo nos textos bíblicos do Antigo Testamento. Para um maior aprofundamento da “catequese dos Dois Caminhos”, ver Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 131–36.

¹⁷⁵ Cf. Daniélou, 61–62.

¹⁷⁶ Cf. Floristán, *Para comprender o catecumenado*, 60.

¹⁷⁷ Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 73.

santificador. Todos estes conhecimentos fundamentais da fé cristã foram compilados pela Igreja para que, posteriormente, pudessem ser transmitidos aos novos cristãos.¹⁷⁸

A catequese dogmática era um eixo essencial para vida espiritual, por isso o *Credo*, desde a sua origem, esteve sempre intimamente ligado à Iniciação Cristã.¹⁷⁹ Por ser um elemento basilar da fé cristã, a confissão num Deus Uno e Trino, foi, desde muito cedo, adotado no rito do Batismo.

Em síntese, a catequese que era ministrada no século III apresentava uma estrutura com quatro formas: o anúncio, a catequese moral, a catequese dogmática e a catequese mistagógica.

2.3.2. A catequese no século IV: formação de cristãos

O século IV foi o período de ouro da catequese apelidada de patrística ou mistagógica. Nesta época podemos destacar Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e João Crisóstomo, mestres importantes da catequética patrística que levaram o nome de Jesus e a fé cristã a muitos povos, principalmente através das suas obras mistagógicas. No decorrer deste estudo, iremos abordar o principal contributo de cada um deles. Estes mestres procuraram recuperar a riqueza catequética do período quaresmal desenvolvida ao longo dos três séculos transatos.¹⁸⁰

Segundo Josef Jungmann, «o período mais recente do catecumenado [séculos IV e V] está caracterizado por várias circunstâncias associadas à conversão em massa»,¹⁸¹ o que não impediu que a administração do Batismo, fosse progressivamente numa idade mais tardia, devido à severa disciplina penitencial vigente na Igreja.¹⁸² O bispo de Hipona, o bispo de Milão e João Crisóstomo, são exemplos desta administração do Batismo numa idade já madura.

A evangelização apostólica é marcada, sobretudo, pela pregação – *kerygma*. Marcados pela intensa dinâmica apostólica da evangelização, os recém-convertidos, integrados na comunidade cristã onde continuavam a sua formação catequética no aprofundamento da fé e na vivência da caridade fraterna, transformavam-se em “pregadores da Palavra”, isto é, novos evangelizadores.

A categoria moral da catequese era desenvolvida em concomitância com a catequese doutrinal nas várias homilias quaresmais proferidas pelos mestres desta época,¹⁸³ centrada no contexto da Revelação de Deus e do seu projeto de Aliança para com o “seu povo”. Aliás, neste período era importante que a catequese, proferida ao longo do período quaresmal, impelisse os

¹⁷⁸ Cf. Daniélou, 62–74.

¹⁷⁹ Cf. Terra, *História da catequese*, 11.

¹⁸⁰ Cf. Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado*, 109.

¹⁸¹ Jungmann, *Catequética*, 16.

¹⁸² Cf. Jungmann, 17.

¹⁸³ Cf. Daniélou, *La catechesis en los primeros siglos*, 1998, 163.

competentes de tal forma que neles emergisse o querer, a determinação e o desejo de receber os sacramentos,¹⁸⁴ tendo sempre como base uma decisão livre da pessoa à iniciativa divina que «deverá encontrar eco no coração humano»¹⁸⁵ por uma entrega do catecúmeno ao projeto de Deus e pela sua total obediência da fé.

Uma figura importante neste percurso catecumenal era o catequista, que geralmente era o bispo da Diocese que adaptava a instrução catequética à realidade social e política da pessoa. Na verdade, a vida e a fé cristã eram entendidas como um só conjunto¹⁸⁶ e o seu *télos* era a conversão do candidato como um “homem novo”, de acordo com a axiologia da teologia paulina, que podemos encontrar na Sagrada Escritura (Gl 6, 15; 2Cor 5, 17). Foi no sentido histórico-salvífico do povo de Deus que a catequese moral foi desenvolvida no percurso catecumenal da Igreja.¹⁸⁷

Em suma, podemos apreender que a catequese ao longo do século IV não era apenas um conhecimento teológico, mas, sobretudo, a formação de cristãos com a ajuda da oração e do jejum. Era importante que a catequese estivesse em perfeito contacto com a liturgia, pelo que a participação ativa na vida litúrgica era o modo excelente para acolher os conhecimentos religiosos necessários.¹⁸⁸

2.4 – O aparecimento das catequeses mistagógicas na Igreja nascente

Através da herança que a tradição judaica foi deixando ao seu povo e com a novidade do acontecimento salvífico da morte e ressurreição de Cristo, as comunidades cristãs foram formando e redigindo paulatinamente os seus ensinamentos e transmitindo-os àqueles que se convertiam à fé cristã. Todos esses ensinamentos, passados posteriormente a escrito, foram fundamentais para compreender a doutrina da Igreja dos tempos antigos.

2.4.1 Mistagogia cristã

No decorrer do tempo, a estes escritos se juntaram muitos outros, como a *Didaché*, a *Tradição Apostólica* de Hipólito, as Catequeses de Cirilo de Jerusalém, *De Mysteriis* e *De Sacramentis* de Ambrósio de Milão, entre outros. Estes, nas suas catequeses, não estavam preocupados em transmitir explicações de forma convencional ou sistemática, pois tinham consciência de que os fiéis deviam entender e entrar nos mistérios de Cristo não por um

¹⁸⁴ Cf. Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado*, 101–4.

¹⁸⁵ *Mistagogia a partir do documento da CNBB n.107* (Editora Paulinas, 2021), 39.

¹⁸⁶ Cf. Dujarier, *Breve Historia del Catecumenado*, 93.

¹⁸⁷ Cf. Daniélou, *La catechesis en los primeros siglos*, 1998, 164.

¹⁸⁸ Cf. Jungmann, *Catequética*, 22.

conhecimento intelectual, mas pela luz da fé. Cesare Giraudo convida-nos a olhar para o exemplo do bispo de Milão na explicação do sacramento da Eucaristia:

O mestre não se põe no centro da cena, mas de lado: no centro está o altar, já que estamos na igreja. O mistagogo e o neófito comportam-se como se tivessem, à maneira dos camaleões, o controle independente dos olhos. Com um olho, ou seja, com o olhar material, o mestre e o discípulo olham-se: o mistagogo olha com amor para os neófitos e os neófitos olham com confiança para o mestre. Mas com o outro olho, o olho teológico, o mestre e o discípulo olham para o altar, não o perdem de vista por um instante. O altar é o verdadeiro mestre!¹⁸⁹

No que concerne à *Didaché*, utilizada pelos primeiros cristãos, podemos afirmar a sua extrema importância, pois dela partiu a gênese da mistagogia cristã, dela os Padres da Igreja foram “beber” para redigir as suas catequese mistagógicas.

No âmbito da catequese geral, onde se insere tanto a mistagógica como a catecumenal, os conceitos diferem entre si, isto porque, enquanto a catecumenal preparava os candidatos para a recepção da Iniciação Cristã, a mistagógica instruía e inseria os cristãos nos mistérios de Cristo, supondo a vivência litúrgica e existencial dos mesmos. Os tempos verbais, aqui, são importantes, porque os mesmos remetem para o acontecimento da recepção dos sacramentos na Vigília Pascal. Pode-se afirmar que a base destas catequese se refere à dimensão sacramental e espiritual da Igreja, no sentido em que as comunidades vivem e aprofundam cada vez mais o Mistério Pascal de Cristo.¹⁹⁰

Ao falar de mistagogia, estamos a referir uma experiência do mistério que possa ser despertada ou estimulada no outro,¹⁹¹ a partir do entendimento e da vivência sacramental. A definição de catequese mistagógica ajuda-nos a compreender o que significa o conhecimento e participação do mistério salvífico de Jesus:

iniciação aos “sinais” litúrgicos (sobretudo aos sacramentos), constituídos por coisas, gestos e palavras, através dos quais somos introduzidos a participar do “mistério” salvífico de Cristo, na consciência de que eles estão em continuidade com uma pedagogia de Deus que se exprime em toda a Bíblia, na qual Deus vem ao nosso

¹⁸⁹ Cesare Giraudo, *Num só Corpo: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia*, trad. Francisco Taborda, 3ª ed. (São Paulo: Edições Loyola, 2022), 8–9.

¹⁹⁰ Cf. Federici, «La Mistagogia della Chiessa», 193.

¹⁹¹ Cf. Tomás Álvarez, «Mística y mistagogia», *Teresianum: Rivista della Pontificia Facoltà Teologica e del Pontificio Istituto di Spiritualità «Teresianum»* 52, n.º 1–2 (2001): 738.

encontro segundo a medida do homem, porque Ele se fez homem um dia em Cristo.¹⁹²

A característica primordial e basilar da mistagogia cristã é o conceito de *mysterion* que, num primeiro plano, nos remete para as realidades centrais da salvação. É nele que Deus entra na História da Salvação do seu povo, que age e liberta da “escavidão”. A salvação que Deus oferece ao povo culmina na pessoa e vida de Jesus Cristo: é Ele o “verdadeiro Mistério de Deus”, como nos relata o Apóstolo Paulo na sua carta aos Colossenses: «Deus quis dar-lhes a conhecer a imensa riqueza da glória deste mistério entre os gentios: Cristo entre vós, a esperança e a glória; [...] em que estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento» (Cl 1, 27; 2, 3).

Num segundo plano, a teologia paulina remete-nos para um outro entendimento. Para o “Doutor das Gentes”, o conceito de *mysterion* é uma realidade atual, já realizada, que deve ser atualizada no presente histórico de cada pessoa,¹⁹³ sendo o “mistério” uma novidade original, profunda e gratuita.¹⁹⁴ Assim, podemos afirmar que a mistagogia tem como núcleo central a *Historia Salutis*, de cada ser humano, como local da manifestação e revelação de Deus, onde podemos encontrar figuras que anunciam a realização e o cumprimento pleno da salvação, na pessoa de Jesus Cristo. No cumprimento da salvação, em Cristo Jesus, reside a verdadeira vocação dos cristãos, isto é, a união divina entre o Homem e a Trindade, mediada por Jesus e pelo Espírito Santo. Com efeito, a História de Salvação de cada cristão é o fundamento do amor e comunhão trinitários.¹⁹⁵

Na tradição latina, o conceito de *mysterion* – *mysteria* foi traduzido por *sacramentum*, que nos remete para as intervenções salvíficas de Deus em favor dos humanos. *Sacramentum* remonta, mais propriamente, aos sacramentos – sinais visíveis de Deus – e à Igreja. De facto, Deus manifesta-se e age em favor do seu povo através de sinais visíveis, isto é, através dos sacramentos por Jesus à Igreja. Deus atua em favor dos humanos, primeiramente no Antigo Testamento no povo da Antiga Aliança e, posteriormente, no Novo Testamento no povo da Nova Aliança, neste caso por mediação – celebração e vivência – dos *mysteria* que não podem, nem devem, prescindir da dimensão comunitária implícita.¹⁹⁶

¹⁹² Domenico Sartore, «Catequese e Liturgia», em *Dicionário de Liturgia*, ed. Domenico Sartore e Achille M. Triacca, trad. Isabel Fontes Leal Ferreira, Dicionários EP (São Paulo: Edições Paulinas, 1992), 180.

¹⁹³ Cf. Milton Schreiber, «Mistagogia: Comunicazione e vita spirituale», *Ephemerides Carmeliticæ* 28, n.º 1 (1977): 37.

¹⁹⁴ Cf. Schreiber, 37.

¹⁹⁵ Cf. Federici, «La Mistagogia della Chiessa», 225–30.

¹⁹⁶ Cf. Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, 40.

Através da receção dos sacramentos da Iniciação Cristã, principalmente o Batismo, o neófito apercebe-se que algo novo está a acontecer na sua vida, que está a ser introduzido numa nova realidade, uma realidade divina, sobrenatural. O Batismo insere aquele que o recebe como parte integrante da comunidade eclesial, não sendo uma realidade estática, mas um itinerário, um percurso iniciado no catecumenado que convida a uma vida nova, que supõe aos neófitos um combate espiritual que se prolonga até à vinda última de Cristo.

Neste âmbito, a mistagogia comunica e realiza, ainda não de um modo absoluto e definitivo, a vida divina. O ser “filho de Deus” (filiação divina), bem como a salvação de Deus a partir de Cristo, que se inicia no Batismo, são realidades que se entendem mediante um processo progressivo de aprofundamento da relação com Deus até à última vinda de Cristo.

2.4.2 *Contributo das catequeses mistagógicas para a Igreja*

As catequeses mistagógicas eram uma realidade predominante da catequese do século IV. Os cristãos acolhiam as catequeses mistagógicas após terem recebido a Iniciação Cristã, na Vigília Pascal. Elas tinham como essência a explanação daquilo que foi recebido, todavia, não invalidavam a operacionalidade dos sacramentos a quem não entendesse o seu significado. As catequeses mistagógicas eram mediadoras no aprofundamento cristão dos mistérios que estavam contidos e expressos nos *sacramenta*.¹⁹⁷

Nesta perspetiva, estas catequeses tinham como finalidade conceder ao neófito uma instrução que o auxiliasse a definir uma adesão total a Deus, uma mudança de vida e costumes radicais, bem como uma profunda *metanóia* da sua consciência e de aprofundamento da realidade divina que lhe era transmitida e da qual participava, uma compreensão de forma unitária, do conjunto das verdades reveladas e celebradas na magnificência da liturgia.¹⁹⁸ Sendo a mistagogia um encontro simultaneamente pessoal e comunitário com o divino, percebe-se, assim, uma relação inerente entre catequese e liturgia.¹⁹⁹

A essência da “catequese” remete para a fé, enquanto a liturgia remete para a celebração dos mistérios dessa mesma fé. Com efeito, as catequeses mistagógicas não se cingiam a meras opções pastorais, mas respondiam, sobretudo, a dificuldades teológicas com a explanação e comentário aos ritos.²⁰⁰ Assim, o verdadeiro pulsar de salvação só podia ser entendido e atingido graças à experiência e vivência que um neófito tinha de Deus na liturgia, sobretudo na celebração da Vigília Pascal.

¹⁹⁷ Cf. Federici, «La Mistagogia della Chiessa», 184.

¹⁹⁸ Cf. José Pavés, «Liturgia y Catequesis en los Padres de la Iglesia. Apuntes para el estudio», *Teología y catequesis*, n.º 80 (2001): 6.

¹⁹⁹ Para aprofundamento do tema, ver em Sartore, «Catequese e Liturgia», 175–83.

²⁰⁰ Cf. Bollín, Gasparini, e Rocha, *A catequese na vida da Igreja*, 41; Cf. Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, 41.

Sendo a etapa mistagógica uma parte essencial do caminho da Iniciação Cristã, ela só podia ser entendida na relação com o divino, mediada pela Igreja, de forma muito particular, na Eucaristia, cume da vida do cristão. Neste caso, podemos afirmar, que a meta da mistagogia é a santificação de todas as dimensões da vida dos cristãos.²⁰¹ O significado dos mistérios, dos ritos e das ações devem ser revelados pela própria Palavra de Deus, daí o papel preponderante da catequese enquanto explanação e interpretação do acontecimento e a pedagogia na fé que adere ao próprio conhecimento.²⁰² Assim sendo, a catequese evidenciava como os acontecimentos salvíficos da Antiga e Nova Aliança se direcionavam para o presente e o agora da ação litúrgica, como nos alude Ambrósio de Milão ao incidir no sacramento da Eucaristia, como o sacramento primordial do septenário e centro da vida cristã:

Ficou, pois, provado que os sacramentos da Igreja são mais antigos. Convence-te agora que são superiores. De facto, é admirável que Deus tenha feito chover o maná para os nossos pais, que eles tenham sido nutridos diariamente com o alimento vindo do céu. É, por isso, que se diz: «O homem alimentou-se com o pão dos anjos» (Sl 77,25). No entanto, todos os que comeram deste pão morreram no deserto. No entanto, a comida que tu recebes, o pão vivo que desceu dos céus, confere o sustento da vida eterna, e quem dele comer não morrerá (cf. Jo 6, 50), pois é o Corpo de Cristo.²⁰³

De facto, as catequese pós-batismais aconteciam de acordo com o comentário aos textos da Sagrada Escritura, à luz da qual os Padres da Igreja explicavam o sentido dos mistérios celebrados, colocando os fiéis na vida do Espírito. Na verdade, o neófito era auxiliado a entrar na vida cristã tendo como base e meta a união com o Mistério da Santíssima Trindade.²⁰⁴ A instrução mistagógica era o momento crucial de introdução e consciencialização da ação de Deus na vida da humanidade, que se traduzia, em amor divino, no toque sacramental.

Na mistagogia emergia a estreita relação entre Sagrada Escritura e Liturgia. Por isso, a Sagrada Escritura, presente e atuante na *Historia Salutis*, é a mesma que atuava na ação litúrgica e na mediação dos sacramentos. Por conseguinte, a mistagogia significava um contributo para

²⁰¹ Cf. Federici, «La Mistagogia della Chiessa», 187.

²⁰² Cf. Daniélou, *La catequesis en los primeros siglos*, 1998, 198.

²⁰³ «Probatum est antiquiora esse Ecclesiae sacramenta, nunc cognosce potiora. Revera mirabile est quod manna Deus plucrit patribus, et quotidiano coeli pascebantur alimento. Unde dictum est: “Panem Angelorum manducavit homo”. Sed tamen panem illum qui manducaverunt, omnes in deserto mortui sunt: ista autem esca quam accipis, iste panis vivus qui descendit de coelo, vitae aeternae substantiam subministrat; et quicumque hunc manducaverit, non morietur in aeternum: et est corpus Christi». Ambrósio de Milão, «De Mysteriis», em *Collectio Selecta S. S. Ecclesiae Patrum: Pars II - Tractus Dogmatici*, ed. D. A. B. Caillau, vol. 7 (Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842), 20. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 8, 47, PL 16, 404C.

²⁰⁴ Cf. Federici, «La Mistagogia della Chiessa», 199.

o entendimento da revelação de Jesus na qual se pretendia penetrar em profundidade,²⁰⁵ de forma que se pudesse chegar à contemplação de Cristo presente e atuante na liturgia.

2.4.3 Género literário e características das catequeses mistagógicas

Após a receção da Iniciação Cristã, segundo a Tradição da Igreja, o itinerário mistagógico acontecia ao longo da Oitava da Páscoa,²⁰⁶ ou por outras palavras, na semana *in albis*.²⁰⁷

Os neófitos, ao acolherem esta instrução mistagógica, tinham uma experiência viva e profunda da liturgia, na qual eram, num ato de fé, recebidos, acolhidos e adotados no seio da comunidade crente – a Igreja.²⁰⁸

Ao longo da explicação dos sacramentos acolhidos pelos neófitos, os mestres explanavam que, pela fé e pelo sacramento do Batismo, o *neocristão* era inerido na *Historia Salutis*, cumprida em Jesus Cristo, e tornado filho de Deus através da adoção filial. Para tal, os mestres sentiam a necessidade de utilizar imagens encontradas na Sagrada Escritura. A liturgia, por outro lado, é o local vivo onde Deus se manifesta e atua na vida do crente. Com efeito, é devido à atuação de Deus na liturgia que podemos afirmar que os sacramentos são “mistérios”.²⁰⁹ Para tal, toda a referência ao Antigo Testamento era importante, porque o mesmo era considerado um prelúdio do Novo Testamento e, sem ele, não se compreendiam os sacramentos como acontecimento da história presente.²¹⁰ Com efeito, o acesso aos sacramentos só era possível devido à vivência dos mesmos na liturgia, bem como através da sua explicação progressiva, como nos recorda Jean Daniélou:

em última análise, a fé não tem por objeto afirmações, mas realidades. O Verbo de Deus é Salvador antes de ser Revelador. A Revelação é manifestação da Redenção.

²⁰⁵ Cf. Borobio, *Pastoral dos Sacramentos*, 41; Cf. Pavés, «Liturgia y Catequesis en los Padres de la Iglesia. Apuntes para el estudio», 7.

²⁰⁶ Falamos de “oitava” quando nos referimos à semana que segue às festas mais importantes do calendário da Igreja, prolongando a sua celebração. O termo “Oitava” pode referir-se tanto o oitavo dia após a festa como toda a semana, como por exemplo, celebrar a Oitava da Páscoa, durante oito dias. Ao longo das oitavas, neste caso, na Oitava da Páscoa, a mesma deve ficar livre de celebrações particulares e são proibidas as Missas rituais (cf. IGMR 372). Ao longo desta oitava, todos os dias são celebrados como solenidades do Senhor. «Oitava da Páscoa, a mais antiga, já do século IV, com a categoria de solenidade para todas as férias, até ao Domingo II da Páscoa, ou “Domingo *in albis*”». José Aldazabal Larrañaga, «Oitava», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

²⁰⁷ Semana propícia para a formação mistagógica. É a semana após a receção dos sacramentos da iniciação cristã, que aconteceu na Vigília. A semana *in albis* é compreendida entre o Domingo da Ressurreição e o Domingo II da Páscoa. A designação *in albis* deriva do facto de os neófitos escutarem as catequeses mistagógicas vestidos com a veste branca imposta na Vigília Pascal. No Domingo II da Páscoa, ou “Domingo *in Albis*”, «em que os neófitos batizados na noite pascal depunham as suas vestes brancas, depois de terem recebido, durante toda a semana, as catequeses mistagógicas». José Aldazabal Larrañaga, «Oitava», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

²⁰⁸ Cf. Cabié, «La iniciación cristiana», 660. Toda a informação consultada foi por nós traduzida.

²⁰⁹ Cf. Jean Daniélou, «Historia de la salvación y formación litúrgica», *Liturgia*, n.º 45 (1965): 245.

²¹⁰ Cf. Daniélou, 244–45.

Se Cristo não ressuscitou, nossa fé é vã. Se o Batismo não é obra da salvação *ex opere operato*, se não é primeiramente iniciativa divina, todos os discursos são vãos e caímos na gnose, ou seja, numa salvação por conhecimento e não por realidade.²¹¹

2.5 – Um olhar patrístico: três contributos relevantes

2.5.1. Cirilo de Jerusalém

Cirilo de Jerusalém foi uma das figuras incontornáveis da mistagogia do século IV. O seu contributo respeitante à Eucaristia, no mesmo sentido de Teodoro de Mopsuéstia, relativamente ao *Ordo* (ritual), teve uma importância ímpar para a mistagogia da época.²¹²

Este autor desenvolve um percurso de Iniciação Cristã de adultos que tem como centro teológico e pastoral-pedagógico a mistagogia. Nas suas cinco Catequeses Mistagógicas, os neófitos escutavam a sua pregação e abriam os seus corações para o entendimento do Mistério que se revelava a cada um. A cada passo, o então Patriarca de Jerusalém convidava cada neófito a uma relação de proximidade e de intimidade com Deus que se torna referência de vida.

Catequeses mistagógicas

A primeira catequese – aos recém iluminados – tem no seu centro a renúncia a Satanás – «renuncio a ti, Satanás, artífice e cúmplice de todo mal»²¹³ – e a profissão de fé. A partir da leitura do trecho de 1Pd 5, 8-11,²¹⁴ Cirilo alerta que o processo de introdução aos mistérios de Cristo – mistagogia – não é um acontecimento imediato, mas requer um caminho de acolhimento do *kairós* de Deus para que o neófito possa compreender o significado pleno do seu Batismo.²¹⁵ A passagem da Primeira Carta de Pedro constitui um trecho essencialmente mistagógico para a vida nova, pela participação na vitória sobre Satanás, operada por Cristo, que nos leva a uma fé alicerçada na Trindade. Como nos recorda Cirilo de Jerusalém: «já não choras por te teres despido do homem velho, mas estás em festa porque te revestiste com a veste da salvação, Jesus Cristo»²¹⁶ – (cf. Is 61, 10; Rm 13, 14; Gl 3, 27).

²¹¹ Daniélou, 245.

²¹² Cf. Mazza, *A mistagogia*, 175.

²¹³ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 1, 4, PG 33, 1068D.

²¹⁴ «Sede sóbrios e vigiai, pois, o vosso adversário, o diabo, como um leão a rugir, anda a rondar-vos, procurando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que a vossa comunidade de irmãos, espalhada pelo mundo, suporta os mesmos padecimentos. Depois de terdes padecido por um pouco de tempo, o Deus que é todo graça e vos chamou em Jesus Cristo à sua eterna glória, há-de restabelecer-vos e consolidar-vos, tornar-vos firmes e fortes. Para Ele o poder pelos séculos dos séculos. Ámen.»

²¹⁵ Cirilo de Jerusalém aborda o Batismo para falar acerca do “novo nascimento”, que não abrange somente a dimensão espiritual, mas a totalidade do Homem. É uma realidade presente na vida de todo o cristão que tem a sua consumação na escatologia de Jesus Cristo.

²¹⁶ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 1, 10, PG 33, 1076A.

A segunda catequese tem como centro o sacramento do Batismo e é proferida a partir da passagem de Rm 6, 3-14,²¹⁷ desde a qual o autor explana o sentido deste sacramento evocando que aquele que o recebe revive, de uma forma tão misteriosa quanto real, o próprio Mistério Pascal, graças à Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. A mistagogia, aqui, ajuda a uma crescente compreensão das implicações da passagem do “homem velho” para o “homem novo”. Cirilo percorre, com os catecúmenos, um percurso que os conduz, “pela mão”, até à piscina do Batismo e os emerge três vezes na água simbolizando o sepultamento de três dias de Jesus Cristo.²¹⁸ Assim, a água com que os neófitos foram batizados, tanto foi o seu sepulcro como foi a sua mãe, pois no mesmo momento que morreram, nasceram. Como nos relata a passagem Ecl 3, 2 «Há tempo para nascer e tempo para morrer». Com efeito, para os neófitos o tempo foi o inverso, ou seja, houve tempo para morrer e tempo para nascer, isto porque, num só tempo se produziram ambos os efeitos, e o nascimento dos neófitos surgiu da sua morte para o pecado.²¹⁹

Na terceira catequese, onde Cirilo parte da passagem de 1Jo 2, 20-28, é explanado o significado espiritual do sacramento do Crisma na relação com o Batismo, no qual, o Espírito Santo incorpora o cristão em Cristo Jesus, reveste-o d’Ele e confirma-o n’Ele. O cristão ungido torna-se, neste sentido, um outro “cristo”,²²⁰ como nos relata Cirilo «ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagem de Cristo».²²¹

O Crisma não é um simples perfumar, mas um dom que Cristo concede a quem O acolhe e, em simultâneo, a comunicação do Espírito Santo que configura o cristão à Eucaristia e que o confirma na missão de Deus, como nos relata o profeta Isaías «o espírito do Senhor está sobre

²¹⁷ «Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição.

É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado. É que quem está morto está justificado do pecado.

Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos. Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre Ele. Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e, na vida que tem, vive para Deus. Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.

Portanto, que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais às suas paixões. Não entreguem os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado. Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus. Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça».

²¹⁸ Cf. Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 2, 4, PG 33, 1080C.

²¹⁹ Cf. Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 2, 4, PG 33, 1080C.

²²⁰ Aqui, a palavra “cristo” tem o sentido de “pessoa ungida”. Na tradução grega, no Antigo Testamento, as pessoas unguidas – eleitas por Deus – eram designadas por “cristos” porque receberam a unção de Deus. Todas elas prefiguravam Aquele que foi ungido, ou seja, Cristo. Por isso, os cristãos são também chamados de “cristos” enquanto unguidos pelo Espírito Santo, no Batismo, e discípulos de Jesus Cristo.

²²¹ Cirilo de Jerusalém, *As Catequeses Mistagógicas*, 12:29. Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 3, 1, PG 33, 1089.

mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a Boa-Nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros» (Is 61, 1).

Como Jesus Cristo foi verdadeiramente crucificado e sepultado e, por fim, ressuscitou, os neófitos, por semelhança, são também crucificados, sepultados e ressuscitam pela unção do óleo do Crisma, ou também chamado óleo da alegria, por causa da alegria espiritual, o bom odor de Cristo. Na verdade, quem é ungido com o óleo do Crisma torna-se participante e companheiro de Cristo. Se, por um lado, o corpo é ungido com o unguento sensível, por outro lado, a alma é santificada pelo poder vivificador do mesmo Espírito.²²² Este Espírito é a armadura pela qual o batizado se reveste no dia do seu Batismo, armadura essa que resiste ao inimigo, como nos relata a Carta de São Paulo Filipenses: «de tudo sou capaz naquele que me dá força» (Fl 4, 13).

Na quarta catequese, é abordado o tema do Corpo e Sangue de Cristo à luz da passagem de 1Cor 11, 17-34. Ao mesmo tempo que fala sobre a Eucaristia, converge para a explicação da natureza e finalidade da incorporação do cristão em Cristo, mediante o Seu Corpo e Sangue, portador e participante da natureza divina de Cristo (cf. 2Pd 1, 4) através de um processo mistagógico.

A quinta e última catequese mistagógica de Cirilo de Jerusalém relata o ensinamento sobre a celebração do sacramento da Eucaristia, à luz de 1Pd 2, 1: «portanto, ponde de parte toda a malícia, falsidades, hipocrisias, invejas e toda a espécie de maledicências». Aqui, de forma pormenorizada, são explicados os ritos do sacrifício eucarístico que é o sustentáculo do avanço mistagógico.

Na oração dominical proclama-se que Deus é efetivamente nosso Pai e pede-se que o Seu nome seja santificado em cada um dos neófitos para que cada um deles possa também ser santificado por Ele. Essa santificação de vida é outra forma de dizer a finalidade da mistagogia: a comunhão plena com Deus, isto é, a santidade. Ainda na oração dominical, está presente a nossa necessidade de alimentação espiritual realizada pelo pão eucarístico “partido” para todos, alimento este que é mistagógico por excelência, sendo a força para não se cair no pecado. Por último, chega-se ao momento em que convergem duas realidades santas – as espécies eucarísticas e as pessoas – ou seja o momento da comunhão. Aqui, os cristãos tomam parte dos dons eucarísticos, isto é, o alimento espiritual. Quando esta comunhão acontece com sinceridade de fé e de amor, há a permissão, por parte da pessoa, de deixar que os dons

²²² Cf. Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 3, 4-5, PG 33, 1092B-C.

eucarísticos se tornem plenamente eficazes nos corações,²²³ e tornem santo aquele que os recebe.

Elementos fundamentais para uma teologia mistagógica

Após a análise destas catequese importa destacar alguns contributos fundamentais para a compreensão da dos sacramentos e da mistagogia, nomeadamente o desenvolvimento da teologia eucarística, a aplicação do conceito de μίμησις (*mimesis*) à vivência sacramental e, por fim, a *koinonia*, como finalidade de toda a mistagogia.

No que diz respeito à Eucaristia, encontra-se nas catequese mistagógicas de Cirilo uma Anáfora de estrutura semelhante à de Teodoro de Mopsuéstia. Contudo, podemos constatar, segundo Enrico Mazza, algumas evoluções próprias, sobretudo no que diz respeito à «doutrina da eucaristia como oferta do corpo e sangue de Cristo e a doutrina da consagração pela epiclese pneumatológica».²²⁴

Nestas catequese, comprova-se também uma compreensão dos ritos litúrgicos a partir do conceito de *mimesis*, que Mazza lembra de ser «um conceito sacramental muito preciso».²²⁵ Não se trata de um mero aspeto ritual, mas de uma ação visível com um conteúdo interno e invisível. Por isso, para Cirilo, a ideia basilar do conceito de mimese é a noção de *identidade*, pela qual o autor entende o rito como um local onde a pessoa se cruza e se identifica com Cristo, no sentido de se tornar “um” com Jesus Cristo;²²⁶ ou seja, os ritos litúrgicos têm valor sacramental sendo performativos pois configuram cristicamente quem vive a liturgia. Assim, estes gestos – imersão batismal, nudez, unção, entre outros – são ações simbólicas, não no sentido de dramatização e de significado, mas na ótica de sacramentalidade de «eventos que são portadores de salvação».²²⁷

Por fim, encontramos em Cirilo uma grande ênfase que é concedida ao conceito de *koinonia* entendido como participação no Mistério Pascal. Este é de facto central, uma vez que para o Patriarca de Jerusalém os sacramentos e liturgia são uma verdadeira comunhão com Cristo. Cirilo usa o termo *koinonia*, de cariz paulino, para fazer relação entre o rito sacramental e o evento salvífico do Mistério Pascal de Cristo. Os sacramentos introduzem o neófito na plenitude da vida em Cristo “por meio” e “na” celebração da Eucaristia. Enrico Mazza olha para este conceito como uma chave de leitura para o entendimento da experiência vivida na liturgia

²²³ Cf. Luigi Borriello, «Note sulla mistagogia: o dell'introduzione all'esperienza di Dio», *Ephemerides Carmeliticae* 32, n.º 1 (1981): 54–56.

²²⁴ Mazza, *A mistagogia*, 175.

²²⁵ Mazza, 178.

²²⁶ Cf. Mazza, 178.

²²⁷ Enrico Mazza, *La mistagogia: una teologia della liturgia in epoca patristica*, Bibliotheca Ephemerides Liturgicae 46 (Roma: C.L.V. - Ed. Liturgiche, 1988), 176–77.

sacramental.²²⁸ Isto é sobretudo evidente em alguns trechos de Cirilo que ele cita: «o óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo»;²²⁹ «Talvez dissesse estas coisas por causa de alguns, dispostos a ver o Batismo como prodigalizador da remissão dos pecados e da adoção, mas não como participação, por imitação, dos verdadeiros sofrimentos de Cristo»;²³⁰ «Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo».²³¹

2.5.2. Ambrósio de Milão

À semelhança do que acontece com Cirilo, para falarmos de mistagogia temos de recorrer também a Ambrósio, bispo da diocese de Milão, um pastor muito próximo das “suas ovelhas”.

Devido à sua forma de ser e à bondade para com os todos, Ambrósio impressionou profundamente Agostinho, seu catecúmeno que veio a ser bispo de Hipona, até ao ponto do próprio relatar: «comecei a amá-lo, não em primeiro lugar como doutor da verdade [...] mas como homem que me queria bem».²³² De facto, Ambrósio inspirava-se na Palavra de Deus para as suas pregações, bem como na sua aplicação na vida quotidiana. A sua preocupação pastoral marcou toda a produção literária que este Doutor da Igreja deixou como património eclesial.

Na mistagogia de Ambrósio encontramos, logo à partida, o uso de uma linguagem sacramental – *sacramentum*. A mistagogia ambrosiana é tanto explicada através dos mistérios como da *ratio* dos sacramentos, isto porque existe uma diferença entre a “*ratio* dos sacramentos” e os “sacramentos”, como podemos observar na seguinte explicação:

“Mysterium” é a salvação, ou seja, o conteúdo profundo da história como evento salvífico, que agora se abre ao homem por meio do “sacramentum”, ou seja, da celebração litúrgica. A “ratio sacramentorum” é o significado do “sacramentum”, ou seja, do rito litúrgico; é o nexa que o sacramento tem com o “mysterium”; numa palavra: a sacramentalidade. Em algumas passagens, Ambrósio tem um vocábulo específico para indicar essa realidade: “Similitudo”, pelo menos na aceção que ele dá a esse termo quando o usa para a eucaristia.²³³

Enrico Mazza oferece-nos esta explicação acerca da diferença dos termos *mysterium* e *sacramentum*, no vocabulário de Ambrósio. Contudo, para um entendimento mais profundo e teológico, o bispo de Milão relata o seguinte:

²²⁸ Cf. Mazza, 179.

²²⁹ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 2, 3, PG 33, 1079A.

²³⁰ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 2, 6, PG 33, 1081C-1084A.

²³¹ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, 3, 2, PG 33, 1090B.

²³² Ambrósio de Milão, *Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação Cristã nos Primórdios*, trad. Paulo Arns, 2ª ed., vol. 5, Fontes da Catequese (Petropolis: Editora Vozes, 1981), 9.

²³³ Mazza, *A mistagogia*, 48.

Talvez digas: Não vejo aparência de sangue. Mas há o símbolo. Do mesmo modo como assumiste o símbolo da morte, assim também bebes o símbolo do precioso sangue, para que não haja nenhum horror de sangue derramado e, no entanto, se realize o preço da redenção. Aprendeste, portanto, que aquilo que recebes é o corpo de Cristo.²³⁴

De sacramentis

A obra *De Sacramentis* é composta por seis catequeses pós-batismais proferidas, por Ambrósio, na semana *in albis*. É de salientar, à semelhança do que aconteceu com Cirilo de Jerusalém, que a autoria desta obra foi também fortemente discutida. Contudo, pelo seu estilo próprio, pelas temáticas, bem como referências bíblicas, chegou-se à conclusão de que o seu autor seria mesmo Ambrósio de Milão.²³⁵

As instruções que encontramos nestes escritos podem ser consideradas explicações *post-factum* da experiência desenvolvida e vivida no acolhimento dos sacramentos da Iniciação Cristã celebrados na Vigília Pascal. Podemos afirmar que a obra é movida por uma evidente estrutura oral, traço característico deste autor, o que faz com que haja inúmeras repetições e, por vezes, falta de conexão no discurso:

É o Pai que perdoa o pecado, é o Filho que perdoa, é também o Espírito Santo. Não te admires, no entanto, que nós sejamos batizados num só nome, isto é, «em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). Não te admires, digo, por ter ele dito num só nome. É que existe aí uma só substância, uma só divindade e uma só majestade. É este o nome do qual foi dito: «É nele que todos devem ser salvos» (At 4, 12). É neste nome que todos fostes salvos, que fostes restituídos à graça da vida.²³⁶

Todos estes elementos são próprios de uma improvisação de discurso e da falta de um suporte escrito. Por isso, a qualidade do discurso é progressivamente aperfeiçoada e alterada no decorrer da exposição.

²³⁴ «Sed forte dicis: Speciem sanguinis non video. Sed habet similitudinem: sicut enim mortis similitudinem sumpsisti, ita etiam similitudinem pretiosi sanguinis bibis; ut nullus horror cruoris sit, et pretium tamen operetur redemptionis. Didicisti ergo quia quod accipis, corpus est Christi». Santo Ambrósio, «De Sacramentis», em *Collectio Selecta S. S. Ecclesiae Patrum: Pars II - Tractus Dogmatici*, ed. D. A. B. Caillau, vol. 7 (Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842), 59. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Sacramentos*, 4, 4, 20, PL 16, 443A.

²³⁵ Cf. Ambrosio Milán, *Explicación del símbolo; los sacramentos; los misterios*, trad. Pablo Barranco, 1ª ed., Biblioteca Patrística 65 (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2005), 9–13.

²³⁶ «Sic ergo peccatum dimittit Pater, sicut dimittit Filius, sic et Spiritus sanctus. In uno autem nomine baptizari nos iussit, hoc est, in nomine Patris, et Filii, et Spiritus sancti. Noli mirari quia dixit unum nomen, ubi est una substantia, una Divinitas, una majestas. Hoc est nomen de quo dictum est: “In quo oportet omnes salvos fieri”. In hoc nomine omnes salvati estis, redditi estis ad gratiam vitae.» Santo Ambrósio, «De Sacramentis», em *Collectio Selecta S. S. Ecclesiae Patrum: Pars II - Tractus Dogmatici*, ed. D. A. B. Caillau, vol. 7 (Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842), 45. Ambrósio, *Acerca dos Sacramentos*, 2, 8, 22, PL 16, 430A.

A estrutura do *De sacramentis* é elencada por seis livros: os quatro primeiros dizem respeito aos sacramentos da Iniciação Cristã e os últimos dois livros introduzem o fiel à oração, em que o tema fundamental é a explicação do Pai-Nosso.²³⁷ Nos dois primeiros livros os textos levam-nos para os episódios do Antigo e Novo Testamento onde são explanadas figuras bíblicas²³⁸ que estão presentes nestes escritos. A partir desse quadro são explicados os ritos pré-batismais, a *apertio*, o exorcismo, a bênção da água e o sacramento do Batismo.²³⁹

No terceiro livro são apresentadas as noções referentes ao sacramento do Batismo e aos restantes sacramentos, bem como os ritos que deles derivam: a unção pós-batismal, o lava-pés e a imposição da veste branca.²⁴⁰

O quarto e quinto livros são dedicados à Eucaristia que é explicada à luz das tipologias veterotestamentárias – e à Oração do Pai-Nosso. Mais propriamente, o quinto livro aborda os ritos eucarísticos e mergulha mais profundamente no tema da participação no mistério da Igreja e no sentido místico do vinho nas Escrituras, sobretudo, através de um comentário proferido ao Cântico dos Cânticos e ao Salmo 22. Ainda neste mesmo livro, temos o comentário à Oração Dominical: Pai-Nosso.²⁴¹

Por último, o sexto livro aborda a realidade da presença de Cristo nas espécies eucarísticas, bem como, a eficácia sacramental da Eucaristia. Conclui-se com os temas que concernem à Oração do Pai-Nosso, bem como as disposições que o neófito deve ter ao rezar.²⁴²

De mysteriis

A obra *De mysteriis*, à semelhança da obra *De sacramentis*, nasceu das catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão, por isso tem um estilo característico de pregação. Ambas as obras evidenciam linhas de continuidade, bem como de diferenciação.

Nesta obra encontramos um estilo mais organizado, coerente, pensado, estruturado e um género literário mais cuidado. Tais diferenças existem pelo facto da obra *De mysteriis* ter sido redigida para ser publicada, ou seja, para ter um alcance mais amplo e vasto, ao contrário da obra *De sacramentis*.

²³⁷ Cf. André Benedito, «O Espírito Santo nos sacramentos do Batismo e da Confirmação nas catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão», *Revista de Cultura Teológica*, n.º 96 (2020): 182, <https://doi.org/10.23925/rct.i96.47251>.

²³⁸ Dilúvio, passagem pelo Mar Vermelho, cura de Naaman e a piscina de Betzató.

²³⁹ Cf. Milán, *Ambrosio de Milán*, 18.

²⁴⁰ A imposição da veste branca, pelo Bispo, era realizada logo após o momento do lava-pés, como nos relata Santo Ambrósio: «Depois disto [lava-pés] recebeste a veste branca.» Cf. Benedito, «O Espírito Santo nos sacramentos do Batismo e da Confirmação», 101. Cf. Bernardo, «Simbolismo e tipologia do baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio», 93–113.

²⁴¹ Cf. Milán, *Ambrosio de Milán*, 18–19.

²⁴² Cf. Ambrósio de Milão, *Os Sacramentos e os Mistérios*, 5:17–18.

É uma obra composta por cinquenta e nove números. Os primeiros quarenta e dois números são dedicados, essencialmente, aos sacramentos do Batismo e do Crisma; ou seja, entre os números um e sete, o autor refere-se aos fundamentos dos ritos pré-batismais e dos próprios sacramentos; entre os números oito e dezoito temos presente o poder da água batismal, sendo explanado a partir de figuras do Antigo Testamento, como por exemplo o Espírito Santo que agia nas águas primordiais,²⁴³ o dilúvio,²⁴⁴ a nuvem no deserto,²⁴⁵ a fonte de Mara,²⁴⁶ a cura de Naamã;²⁴⁷ entre os números dezanove e vinte e oito o autor explica a presença da Santíssima Trindade na santificação das águas do Batismo, aludindo ao rito do mesmo sacramento; nos números de vinte e nove a trinta e três, segue a explicação da unção pós-batismal e o rito do lava-pés; entre os números trinta e quatro e quarenta e um aborda o rito da imposição da veste branca, tendo como base o comentário ao livro do Cântico dos Cânticos; por último, no número quarenta e dois, Ambrósio desenvolve a explicação do rito da unção pós-batismal.²⁴⁸

Entre os números quarenta e três e cinquenta e oito temos presente a catequese sobre a Eucaristia, bem como os seus vários momentos litúrgicos. Entre os números quarenta e três e quarenta e nove é abordada a procissão que os neófitos realizam em direção ao altar, enquanto se canta o Salmo 22; em seguida, entre os números cinquenta e cinquenta e nove discorre-se acerca do poder da palavra que o sacerdote tem, onde, mais uma vez, se recorre a figuras que se podem encontrar no Antigo Testamento e onde se conclui com uma síntese acerca da Encarnação de Nosso Senhor, bem como com a união da alma com o divino.²⁴⁹

A relação entre as obras *De sacramentis* e *De mysteriis*

A mistagogia ambrosiana estava intimamente relacionada com a pastoral litúrgica de então e também com a entrada dos neófitos na comunidade orante que os acolhia. O sentido

²⁴³ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 3, 9, PL 16, 391-392.

²⁴⁴ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 3, 10, PL 16, 392.

²⁴⁵ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 3, 12-13, PL 16, 392-393.

²⁴⁶ A “Fonte de Mara” ou “Águas de Mara” evoca a experiência angustiante dos hebreus no deserto. Mara significa *amargor*, daí Santo Ambrósio começar por explorar o simbolismo amargo daquelas águas. Para o bispo de Milão, as águas amargas simbolizam a condição corrompida de toda a criatura, isto é, a corrupção pelo pecado. Logo, a água que está corrompida representa, em si, o homem também corrompido. Portanto, toda a água que está corrompida não é capaz de eliminar o pecado. Logo, à semelhança das águas da “Fonte de Mara”, as águas amargas não são capazes de salvar o Homem do pecado, pois só as águas do Batismo o conseguem, só as águas do Batismo o destroem. Todavia, Deus continuou a salvar o seu povo, através de Moisés. Foi Moisés que, seguindo as indicações de Deus, lançou nestas águas amargas um madeiro tornando-as doces, propícias para o consumo. As águas foram transformadas e tornaram-se potáveis para o consumo devido ao “tempero” pela graça daquele madeiro. Assim, o povo já pode beber daquelas águas e continuar a sua peregrinação com um novo alento. Cf. Bernardo, «Simbolismo e tipologia do batismo em Tertuliano e Santo Ambrósio», 295–98. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 3, 14, PL 16, 393.

²⁴⁷ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos Mistérios*, 3, 16-17, PL 16, 393-394.

²⁴⁸ Cf. Claudio Basevi, *San Ambrósio: La iniciación cristiana (la explicación del símbolo, los sacramentos, los misterios)*, Clasicos de Espiritualidad 45 (Madrid: Rialp, 1977), 20–21.

²⁴⁹ Cf. Basevi, 21.

comunitário era crucial nesta época, pois a comunidade tinha uma função importante na formação dos catecúmenos e era através da “reunião comunitária” – o agir de todos os ministros e fiéis em torno do bispo – que os catecúmenos começavam a intuir o que era realmente a comunhão eclesial na liturgia.

Estes discursos tinham o intuito de auxiliar os neófitos a compreender e interpretar os ritos e a introduzi-los no cosmos da Sagrada Escritura,²⁵⁰ isto porque à luz das Escrituras se apresentavam e explicavam os gestos celebrados. Após o estudo destas duas obras podemos afirmar que existem vários pontos de convergência entre elas. Tanto o *De sacramentis* como o *De mysteriis* enumeram os ritos pré-batismais,²⁵¹ e a renúncia ao Diabo;²⁵² o ingresso no “santuário da regeneração” (batistério),²⁵³ a bênção da água,²⁵⁴ bem como as suas explicações;²⁵⁵ o Batismo de Jesus no rio Jordão;²⁵⁶ a profissão de fé no Deus Trino (Santíssima Trindade) e o Batismo por tríplice imersão;²⁵⁷ a unção pós-batimal;²⁵⁸ o lava-pés;²⁵⁹ a Confirmação (Crisma);²⁶⁰ o cortejo em direção ao altar;²⁶¹ as figuras da Eucaristia no Antigo Testamento;²⁶² a eficácia das Palavras na consagração;²⁶³ a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia;²⁶⁴ a explanação da união mística da Eucaristia à luz da palavra sagrada do

²⁵⁰ Cf. Benedito, «O Espírito Santo nos sacramentos do Batismo e da Confirmação», 193.

²⁵¹ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 1, 2-3, PL 16, 417-418. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 1, 3-4; PL 16, 389-390.

²⁵² Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 1, 5-8, PL 16, 419-420. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 2, 5-7; PL 16, 390-391.

²⁵³ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 3, 9-10, PL 16, 420. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 2, 5, PL 16, 390.

²⁵⁴ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 3, 9-10, PL 16, 420. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 3, 8; PL 16, 420.

²⁵⁵ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 5, 13-19; 1, 6, 20-23, PL 16, 421-424. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 3, 9-18; PL 16, 391-394.

²⁵⁶ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 2, 5, 14-15; 2, 6, 16-19, PL 16, 427-429. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 4, 19-25; PL 16, 394-396B.

²⁵⁷ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 2, 7, 20-23, PL 16, 429-430. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 4, 20-21; PL 16, 394-395.

²⁵⁸ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 2, 7, 24, PL 16, 430C. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 6, 29-30; PL 16, 398.

²⁵⁹ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 3, 1, 4-7, PL 16, 431-433. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 6, 31-33; PL 16, 398-399.

²⁶⁰ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 3, 2, 8-10, PL 16, 434C. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 7, 42; PL 16, 402B-403A.

²⁶¹ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 4, 1, 1-4; 2, 5-7; 3, 8, PL 16, 435D-438A. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 8, 43-44; PL 16, 403B-404A.

²⁶² Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 4, 3, 9-12, PL 16, 438A-439A. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 8, 44-49; 9, 51, PL 16, 403C-405B; 405C-406A.

²⁶³ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 4, 4, 13-20; 4, 5, 21-25; 6, 26-28, PL 16, 439A-443A; 443B-445A; 445A-446A. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 8, 47-49; 9, 50-54, PL 16, 404B-405A; 405A-407B.

²⁶⁴ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 4, 4, 13-20, PL 16, 439A-443A. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 9, 53-54; PL 16, 407A-407B.

livro do Cântico dos Cânticos:²⁶⁵ «comei, ó companheiros, bebei e embriagai-vos, ó bem amados» (Ct 5, 1).

Em síntese, ambos os discursos de Ambrósio são exemplo de uma pedagogia tanto indutiva como ativa. Indutiva porque o autor parte de uma realidade sensível e vai conduzindo, paulatinamente, para uma realidade invisível da graça. Contudo, a pedagogia é também ativa porque promove uma participação plena dos fiéis na ação litúrgica. Portanto, de acordo com o rito, os neófitos inserem-se na atualidade do Mistério de Cristo.

A liturgia ambrosiana

Os elementos litúrgicos na liturgia ambrosiana, de acordo com estas duas obras em análise, são, essencialmente, a romanidade e as influências orientais nomeadamente das influências alexandrinas.²⁶⁶

Na verdade, antes de se dar início à Vigília Pascal, tinham lugar ritos preparatórios para a receção dos sacramentos da Iniciação Cristã; ritos estes que concluíam a etapa catecumenal vigente. Esses ritos eram: o *effatá*²⁶⁷ – ainda fora do batistério – e a renúncia a Satanás, a unção no peito com o óleo e a oração de exorcismo – já celebrados dentro do batistério.²⁶⁸ De acordo com a visão de Ambrósio «os ritos pré-batismais e batismais não são vistos apenas no seu carácter de purificação, mas como participação nos sofrimentos de Cristo, o que confere ao batizado a filiação divina».²⁶⁹

Após a conclusão dos ritos pré-batismais, os sacramentos da Iniciação Cristã eram recebidos pelo catecúmeno. Primeiramente, o rito do sacramento do Batismo era composto por duas etapas: a consagração da fonte batismal e a imersão dos neófitos. Todavia, a consagração da fonte batismal tinha, *per se*, dois momentos: o exorcismo, bem como a invocação da Santíssima Trindade, para que a mesma pudesse santificar as águas e “autenticasse” o sacramento do Batismo. Por sua vez, o bispo de Milão não fornece nem os textos litúrgicos do exorcismo nem da bênção da água, estando fortemente o elemento da água presente na liturgia ambrosiana. Na obra *De sacramentis*²⁷⁰ é apresentada uma reflexão da água a partir das tipologias bíblicas.

Na liturgia batismal de Ambrósio, os elementos que a compõem adquirem um valor tanto simbólico como teológico. Destes elementos identificamos três locais primordiais, a saber: o

²⁶⁵ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 6, 2, 5-10, PL 16, 455B-456B. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 9, 55-58; PL 16, 407C-408C.

²⁶⁶ Cf. Pacheco, «Iniciação Cristã na Igreja Antiga», 173.

²⁶⁷ Cf. Pacheco, 173.

²⁶⁸ Cf. Matias Augé, *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*, trad. José Manuel Marques Pereira, Dessedantar 3 (Prior Velho: Paulinas, 2005), 113-14.

²⁶⁹ Augé, 179.

²⁷⁰ Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 3, 9, PL 16, 420B. Cf. Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 2, 5, 15, PL 16, 428A-B.

batistério, as portas e o altar eucarístico. A transição, o percurso e a permanência em cada um destes locais é notória em Ambrósio, como podemos comprovar: «Chegámos à fonte. Entraste. Foste ungido»;²⁷¹ de seguida: «aproximaste-te, viste a fonte e viste também o bispo junto a ela».²⁷² Para finalizar, o último movimento a ser realizado era em direção à mesa do banquete eucarístico, ou seja, em direção ao altar, após a receção das vestes brancas: «Lavado e com ricos ornamentos, o povo avança para os altares de Cristo, dizendo: “Entrarei até ao altar de Deus, ao Deus que alegra a minha juventude (SI 42, 4)».²⁷³

A tipologia que é aplicada à liturgia de Ambrósio não é senão a própria mistagogia, isto porque «a mistagogia não é se não uma forma de teologia sacramentária, ou melhor, de teologia litúrgica, capaz de garantir plena eficácia da ação litúrgica, porquanto se trata da mesma eficácia dos eventos da história da salvação».²⁷⁴ Com efeito, ao longo do estudo da liturgia ambrosiana, temos o conhecimento de que a mesma tem uma identidade na diversidade, isto porque é a essência da abordagem tipológica, método que o bispo de Milão usa frequentemente na sua mistagogia. Assim, a título de exemplo, em Ambrósio, podemos encontrar uma teologia dos sacramentos como “*similitudo*” e uma ligação entre a Sagrada Escritura e o sacramento, isto é, uma estreita ligação entre a Palavra e a celebração, entre a fé e o rito, como herança de uma tradição patente no método tipológico usado na mistagogia de Ambrósio.²⁷⁵

2.5.3. *Agostinho de Hipona*

Agostinho foi outra figura significativa na Igreja antiga. Estudar a mistagogia de Agostinho tem alguns desafios, visto que não existem obras sistemáticas sobre a mistagogia em Agostinho, mas encontram-se dispersas nos seus escritos.

Na sua vida, Agostinho foi muito marcado por Ambrósio. O futuro bispo de Hipona passou, aquando da sua decisão de ser batizado, pelo processo de Iniciação Cristã, proposto pelo catecumenado, afirmando:

Ainda em menino, eu ouvira falar da vida eterna que nos foi prometida na senda da humildade de Deus nosso Senhor, que desceu à nossa soberba; e já então era eu

²⁷¹ «Venimus ad fontem, ingressus es, unctus es». Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 2, 4, PL 16, 419B.

²⁷² «Deinde accessisti propius: vidisti fontem, vidisti et sacerdotem supra fontem». Ambrósio de Milão, *Acerca dos sacramentos*, 1, 3, 9, PL 16, 420B.

²⁷³ «His abluta plebs dives insignibus, ad Christi contendit altaria, dicens: “Et introibo ad altare Dei, ad Deum qui laetificat juventutem meam”». Ambrósio de Milão, *Acerca dos mistérios*, 8, 43, PL 16, 403B.

²⁷⁴ Mazza, *A mistagogia*, 67.

²⁷⁵ Cf. Mazza, 67–68.

persignado com o sinal da cruz, e recebia o condimento do teu sal²⁷⁶ já desde o ventre de minha mãe, que muito esperou em ti.²⁷⁷

Agostinho conta, na sua obra *Confissões*, que foi admitido como membro da Igreja, depois de ter sido submetido aos primeiros ritos do catecumenado, mas só após a instrução catecumenal completa é que podia ser admitido à receção dos sacramentos. Nesta época, a receção dos sacramentos era vista como uma transformação existencial na vida de quem os recebia, fundada na teologia paulina do Homem Novo. Por isso, Mónica, mãe de Agostinho, preferiu adiar o Batismo do seu filho para a sua maturidade para que este não manchasse a dignidade do Homem Novo, assumida pelo cristão:

E a mãe do meu corpo, porque mais custosamente dava à luz também a minha salvação sempiterna, de coração puro na tua fé, apressadamente diligenciava para que eu fosse iniciado nos teus sacramentos²⁷⁸ da salvação e fosse purificado, crendo em ti, Senhor Jesus, para a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente. Por isso, foi adiada a minha purificação, como se fosse necessário que eu me sujasse ainda mais, se escapasse, porque, depois do banho batismal, maior e mais perigosa seria a culpa nas imundícies do pecado.²⁷⁹

A instrução a partir dos sermões

Agostinho contribuiu notavelmente para a pedagogia, tornando-se este pedagogo um mestre da educação ocidental. Agostinho tem valiosíssimas obras nas quais aborda estes temas da instrução e transmissão da fé, são elas: *De Magistro*, *Confessionum*, *De Doctrina Christiana* e *De Catechizandis Rudibus*²⁸⁰ – A instrução aos catecúmenos. Sobre esta última versaremos mais adiante. Neste ponto, centrar-nos-emos nos sermões cuja génese está associada ao tempo quaresmal, no tempo em que decorriam as celebrações fortes do catecumenado.

²⁷⁶ Alusão aos ritos existentes do catecumenado: ser persignado com o sinal da cruz, receber o sal benzido e a imposição das mãos por parte dos ministros da Igreja.

²⁷⁷ «Audieram enim ergo adhuc puer de uita aeterna promissa nobis per humilitatem domini dei nostri descendentis ad superbiam nostram et singular iam signo crucis eius et condiebar eius sale iam inde ab utero matris meae, quae multum sperauit in te». Agostinho de Hipona, *Confissões*, 1, 11, 17, PL 32, 668-669.

²⁷⁸ Agostinho de Hipona utilizava o conceito de *sacramentum* com vários sentidos: mistério, sacramento, cerimónia, rito, milagre.

²⁷⁹ «Et conturbata mater carnis meae, quoniam et sempiternam salutem meam carius parturiebat corde casto in fide tua, iam curaret festinabunda, ut sacramentis salutaribus initiarer et abluerer, te, domine Iesu, confitens in remissionem peccatorum, nisi statim recreatus essem. Dilata est itaque mundatio mea, quasi necesse esset, ut adhuc sordidarer, si uiuere, quia uidelicet post lauacrum illud maior et periculosior in sordibus delictorum reatus foret». Agostinho de Hipona, *Confissões*, 1, 11, 17, PL 32, 669.

²⁸⁰ Uma vez que o bispo de Hipona pensava nos “rudes”, tinha interesse em compreender os rudimentos da fé, isto é, instruir-se, deixar de ser rude. Esta obra vai direto ao essencial do que Agostinho pretendia com este tratado: a formação do catecúmeno com vista à receção do Batismo. Este tratado também constitui a forma como a catequese era ministrada e devolve o tripé no qual era o fundamento da catequese nos primeiros tempos, a saber: instrução na fé, introdução na oração litúrgica e conversão dos costumes.

Estes sermões têm a sua génese associada ao tempo da Quaresma e têm por objeto a caridade fraterna. Os sermões proferidos no início da Quaresma (em diferentes anos) versaram sobre a oração e o jejum. Duas semanas antes da Páscoa, na época chamado Domingo da Paixão, havia a *Traditio Symboli* em que se profere um comentário diante dos competentes.²⁸¹

No Domingo de Ramos, ocorria a «*redditio* do símbolo seguida pela tradição da Oração do Senhor».²⁸² A explicação da oração dominical é realizada pela leitura e comentário de algumas perícopes da Sagrada Escritura (Mt 6, 7ss; Gl 2, 32; Rm 10, 13-15). Agostinho está sobretudo preocupado com a compreensão dos *competentes*, pois no seu pensamento os mesmos deviam primeiro aprender no que deviam crer e, posteriormente, no que deviam pedir.

Na Sexta-feira Santa, os cristãos realizavam o seu jejum e na basílica cantava-se o Salmo 21 e proclamava-se o Evangelho da Paixão segundo São Mateus.²⁸³

Na Vigília Pascal fazia-se a profissão de fé e a renúncia a Satanás. O sacerdote proferia a bênção da água acompanhado pelo sinal da cruz.²⁸⁴ De seguida, os candidatos dirigiam-se à piscina batismal onde se procedia ao Batismo com a imersão do catecúmeno na piscina. Assim, o sacramento do Batismo encerrava-se com a unção e imposição das mãos.²⁸⁵ O teólogo africano tinha o conhecimento da distinção que existe entre o rito do Batismo e do Crisma. É de salientar que o *Sermão 363* tem todos os elementos para ser considerado uma catequese batismal, proferida numa celebração de Batismo.²⁸⁶ Ainda no decorrer da Vigília Pascal, após o Batismo, dava-se a celebração eucarística onde os *neonatos*²⁸⁷ comungavam pela primeira vez o Corpo e Sangue do Senhor.

No domingo de Páscoa celebrava-se a Eucaristia onde os neófitos participam. Posteriormente, após o envio dos catecúmenos, Agostinho proferia uma catequese acerca da Eucaristia. É importante relembrar que os neófitos ainda não tinham recebido nenhuma catequese sobre este sacramento, por isso era importante instruí-los sobre a Eucaristia, no dia de Páscoa.²⁸⁸

Na semana da oitava da Páscoa, em cada dia, o bispo hiponense pregava aos recém-batizados que se encontravam na Eucaristia em conjunto com os restantes fiéis. Todavia, existia

²⁸¹ Cf. Mazza, *A mistagogia*, 190.

²⁸² A *redditio* transferida para o Sábado Santo. A *redditio* não é se não a recitação da oração dominical – Pai-Nosso – visto que essa oração poderia ser recitada pela primeira vez, somente, na liturgia batismal. Mazza, 191.

²⁸³ Cf. Mazza, 191.

²⁸⁴ Cf. Mazza, 191.

²⁸⁵ «Baptizatus est, sanctificatus est, unctus est, imposita est manus. Completis omnibus sacramentis, assumptus est». Agostinho de Hipona, Sermões 324, *PL* 38, 1447.

²⁸⁶ Cf. Agostinho de Hipona, Sermões 363, 1-4, *PL* 39, 1634-1638.

²⁸⁷ Agostinho chama *neonatos* ou, por outras palavras, infantes, àqueles que acabaram de ser batizados. Estes são instruídos no sacramento da Eucaristia na manhã de Páscoa, após terem recebido a comunhão eucarística, pela primeira vez, na Vigília Pascal.

²⁸⁸ Cf. Mazza, *A mistagogia*, 192.

um conjunto de sermões que iam de segunda a sábado, enquanto no domingo havia um sermão destinado exclusivamente para o dia do Senhor em memória dos santos. Os sermões relacionados com as leituras da liturgia tinham como fundamento a fé em Jesus ressuscitado. A razão pela qual Agostinho adotava este método era para completar a formação dos neófitos, pois muitos deles regressariam às suas casas e não teriam outra oportunidade para escutar o bispo. Tais sermões explicavam uma teologia acerca de Cristo, da Igreja e da Graça.

Nos sermões da oitava da Páscoa, Agostinho não demonstra muito interesse pelos ritos, uma vez que estes já tinham sido explicados anteriormente. Os sermões sobre a Eucaristia eram sobretudo catequese breves antes da comunhão e não propriamente as homilias.

Na época do bispo de Hipona, o conceito de mistagogia foi-se alterando para fazer face às necessidades que o povo de Deus exprimia. Na verdade, «todo o catecumenato já mudara e se encontra numa situação de decadência».²⁸⁹

No que concerne aos sermões sobre a Eucaristia, Agostinho proferia-os no dia de Páscoa, após a saída dos catecúmenos da igreja, devido à disciplina do arcano.²⁹⁰ Em alguns sermões há uma síntese do percurso da fé, bem como do desenvolvimento dos ritos do caminho catecumenal. Vejamos a interpretação que o autor faz do caminho que leva o catecúmeno do Batismo à Eucaristia:

Foste levado ao campo dominical: foste esmagado pelo trabalho dos bois, isto é, pelo Evangelho anunciado. Quando os catecúmenos foram separados, eles foram mantidos no celeiro e deram os seus nomes. Começaste com muitos jejuns e exorcismos. Depois, caminhaste até à água e foste aspergido. Por fim, tornaste-te um e começaste a receber o Pão do domingo. Vê o que recebeste.²⁹¹

Segundo Mazza, Agostinho usa a metáfora do pão e da sua confeção para explicar como o catecúmeno percorre o caminho do Batismo até à Eucaristia. O método de Agostinho é simples: «ele sabe que o batismo dá acesso à eucaristia, e, na doutrina agostiniana, há uma verdadeira identidade (ontológica) entre a eucaristia e a Igreja; com efeito, tanto uma como a outra são o corpo de Cristo».²⁹²

²⁸⁹ Mazza, 194.

²⁹⁰ Por causa da disciplina do arcano só os batizados é que tinham a possibilidade de conhecer esse mistério.

²⁹¹ «Ad aream Dominicam comportati estis: laboribus boum, id est annuntiatium Evangelium, triturtati estis. Quando catechumeni differebamini, in horreo servabimini. Nomina vestra dedististis; coepistis moli ieiuniis et exorcismis. Postea ad aquam venistis, et conspersi estis, et unum facti estis: accedente feruore Spiritus sancti cocti estis; et panis dominicus facti estis. Ecce quod accepistis». Agostinho de Hipona, *Sermões 229, PL 38*, 1103.

²⁹² Mazza, *A mistagogia*, 199.

Como tal, o objetivo dos ritos batismais, para Agostinho, é a transformação do catecúmeno no corpo de Cristo, do qual o pão sacramentado é o sacramento.²⁹³ Assim, uma vez encerrada a explanação do Batismo, o bispo hiponense inicia a explicação da Eucaristia, com a análise da anáfora e, por fim, a explicação da «ação de graças, a santificação dos elementos, a oração do Senhor e o rito da paz».²⁹⁴

Para explicar aos catecúmenos a transubstanciação,²⁹⁵ Agostinho aborda a oração eucarística e o rito da comunhão.²⁹⁶ De acordo com o seu pensamento, a salvação tem o seu cerne na pessoa de Cristo. Neste sentido, Enrico Mazza refere «passando ao evento de salvação descrito pela Bíblia, se sobe a um texto diretamente cristológico. Ou melhor, ao evento de salvação realizado por Cristo».²⁹⁷ Assim, com esta “subida” a Cristo, é necessária uma “descida” até ao rito. O método da mistagogia de Agostinho está subjacente no método dialético platónico.²⁹⁸ Para que tal “subida” aconteça é necessário que o *Logos* desça até nós para nos iluminar. Como a encarnação do Verbo, o mesmo participa da natureza humana e faz-nos participar da salvação divina: «Por isso, a iluminação é a nossa participação no Verbo, isto é, naquela Vida que é a luz dos homens».²⁹⁹

O tema da Eucaristia é caro na teologia agostiniana. Ele é abordado à luz do trecho da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios: «Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10, 17). A celebração da Eucaristia é um movimento do homem para Deus, contudo, segundo nos informa Enrico Mazza, «a definição de eucaristia como sacramento da unidade deve ser entendida em sentido estrito, ou seja, capaz de exprimir a natureza ontológica do sacramento».³⁰⁰ Neste sentido, a Eucaristia não é vista, no pensamento de Agostinho, como mimese, termo que evidencia o estado ontológico do próprio sacramento, porque a Eucaristia é sempre concebida e descrita

²⁹³ «Accedit ergo Spiritus Sanctus, post aquam ignis et efficitur panis quod est corpus Christi. Et ideo unitas quodam modo significatur». Agostinho de Hipona, *Sermões* 227, PL 38, 1100.

²⁹⁴ Mazza, *A mistagogia*, 200.

²⁹⁵ Corresponde à alteração da substância do pão e do vinho na substância de Corpo e Sangue de Cristo, no ato da consagração. A doutrina adotada pela Igreja Católica defende e acredita na presença real de Jesus Cristo, na Eucaristia.

²⁹⁶ «Audis enim, Corpus Christi; et respondes, Amen». Agostinho de Hipona, *Sermões* 272, PL 38, 1247.

²⁹⁷ Mazza, *A mistagogia*, 200.

²⁹⁸ «No platonismo, a análise dialética é o caminho para a subida em direção ao Um; além disso, “a participação é o termo técnico que nos ensina que, para a nossa reflexão, é impossível falar do Um sem misturar aí o ser, assim como chegar a perceber o fundo do ser sem ali encontrar a unidade. Além disso, em Agostinho, a participação está ligada à hierarquia do ser e tenta reforçar a coesão, mas, no seu pensamento sobre o nosso retorno a Deus, é unicamente Cristo que nos pode levar à unidade». Mazza, 201.

²⁹⁹ «Illuminatio quippe nostra participatio Verbi est, illius scilicet vitae quae lux est hominum». Agostinho de Hipona, *Acerca da Trindade*, 4, 2, 4, PL 42, 889.

³⁰⁰ Mazza, *A mistagogia*, 202.

como uma “subida” do Homem para Deus, assim, ela é sempre vista como sacramento de unidade.³⁰¹

Como tal, chegamos a mais um ponto da mistagogia agostiniana. Agostinho recorre ao texto bíblico para ter o «conhecimento do corpo de Cristo como via de salvação».³⁰² Nesta etapa, deve ser retirada da Sagrada Escritura uma teologia que, posteriormente, há de ser aplicada ao rito litúrgico, como podemos encontrar em 1Cor 12, 27: «Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro». Esta é uma teologia de difícil interpretação se somente considerarmos que se trata do método mistagógico, com a finalidade de anunciar a identidade do evento que se apresenta na Escritura com o rito litúrgico.³⁰³

Nas catequeses proferidas acerca da Eucaristia, tanto a Eucaristia como a Igreja são estudadas juntas e decifra-se uma real identidade entre si. É um princípio extraído do platonismo que é o «fundamento do realismo litúrgico, ou seja, da ontologia dos ritos».³⁰⁴

No pensamento de Agostinho, encontramos o mesmo método mistagógico explanado nos mistagogos anteriores, inclusive o princípio ontológico encontrado no platonismo – da identidade na diferença. Numa segunda argumentação, Agostinho recorre à composição do pão que é feita a partir de grãos de trigo reunidos após a sua moagem. É a partir daqui que ele elabora a sua doutrina sobre a Eucaristia – sacramento da unidade.

Batismo: porta de entrada na vida cristã

Para Agostinho, o sacramento do Batismo deve ser explicado a partir da palavra dos apóstolos³⁰⁵ e continua a sua explanação através do texto de 1Cor 10, 1-11. Portanto, é através da Sagrada Escritura que temos a fonte de conhecimento do Batismo. Este trecho de São Paulo concede-nos o conhecimento do batismo cristão. É no apóstolo que se encontra o princípio da tipologia dos eventos, logo, quer isso transmitir que os eventos do Antigo Testamento «são a figura da salvação do Novo Testamento»,³⁰⁶ visto que dela são participantes.

Por meio de outros textos do Novo Testamento, nomeadamente de gèneses paulina, Agostinho elabora uma teologia sobre a natureza e os efeitos do sacramento do Batismo. Após ter abordado a importância do Espírito Santo na divisão das águas, como meio de salvação, o bispo hiponense volta a trazer ao diálogo a noção de figura, que possui dois níveis: um ontológico e um funcional.

³⁰¹ Cf. Enrico Mazza, *A mistagogia - As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*, trad. Orlando Moreira, Liturgia (São Paulo: Edições Loyola, 2020), 202.

³⁰² Mazza, 203.

³⁰³ Cf. Mazza, 204.

³⁰⁴ Mazza, 204.

³⁰⁵ «Quis enim audeat aliter exponere sacramenta divina, quam corde atque ore apostolico praedicatum atque praescriptum est». Agostinho de Hipona, *Sermões* 343, 30, *PL* 39, 1634.

³⁰⁶ Mazza, *A mistagogia*, 196.

Agostinho vê o Batismo como algo que teve eficácia no passado e que terá eficácia no futuro, ou seja, no passado, o Batismo redimiou os pecados e, no futuro, será uma vida que se vive na esperança.³⁰⁷ Relativamente ao passado, Agostinho de Hipona utiliza a tipologia do Mar Vermelho, enquanto para o futuro utiliza a figura do deserto. De facto, para uma perspetiva de futuro, o bispo africano usa a Sagrada Escritura, especialmente o trecho paulino 1Cor 10, 1-11, em que faz uma síntese de três temas, a saber: «Batismo, vida como caminho e a Eucaristia como alimento».³⁰⁸

Em resumo, o Sermão 363 é um testemunho da catequese batismal agostiniana, onde se verifica o uso do método mistagógico. O bispo de Hipona, ao exemplificar o rito do Batismo, utiliza o método tipológico, isto é, a «tipologia bíblica aplicada à liturgia»,³⁰⁹ método frequentemente usado pelos outros mistagogos da época. Contudo, existe uma diferença entre Agostinho e os restantes mistagogos, ou seja, o bispo hiponense é mais retraído no uso da alegoria, tanto na escolha dos textos sagrados como na sua interpretação e aplicação.³¹⁰ Portanto, compreender o sacramento à luz da tipologia da Sagrada Escritura e vivê-lo de uma forma frutuosa (para subir até Deus) são problemas que Agostinho trata de uma forma conjunta.

Sacramentalidade aplicada ao rito litúrgico

O que a analogia dos grãos de trigo nos traz é mistério e sacramento de unidade, contudo, «se virmos bem, trata-se apenas de uma *semelhança* entre o corpo de Cristo e a natureza do pão e da uva (unidade de muitos grãos)».³¹¹

Assim, cabe interrogarmo-nos se a *semelhança*, presente em Agostinho, entre o corpo de Cristo e a natureza do pão é, apenas, uma *semelhança* exterior ou culmina no nível ontológico.³¹² Toda esta ambiguidade é devida ao problema da *sacramentalidade*. É de salientar que, para conseguirmos ter uma visão completa do problema em questão, devemos ter em conta que Agostinho usa o conceito de *semelhança* para a definição de sacramento: «Pois, se os sacramentos não tivessem alguma semelhança com as coisas das quais são sacramentos, não seriam sacramentos de forma alguma».³¹³ É certo que esta definição nos esclarece quanto à noção de *semelhança* fazer parte da natureza do próprio sacramento, mas, ao mesmo tempo,

³⁰⁷ Cf. Mazza, 197.

³⁰⁸ Mazza, 197.

³⁰⁹ Mazza, 198.

³¹⁰ Cf. Mazza, 198.

³¹¹ Mazza, 207.

³¹² É necessário colocar a questão porque ela não é resolvida pela conclusão de Agostinho de Hipona, como apresentamos de seguida: «E, quer no pão, quer no cálice, há o mistério da unidade». Mazza, 207.

³¹³ «Si enim sacramenta quaedam similitudinem earum rerum quarum sacramenta sunt non haberent, omnino sacramenta non essent». Agostinho de Hipona, *Acerca dos Ofícios Eclesiásticos: Livro Quarto*, 1, 24, PL 105, 1043C.

não esclarece se a “*similitudo*” faz parte da componente visível do rito litúrgico ou ao nível profundo do ser. Para podermos compreender o problema temos de recorrer a uma outra definição agostiniana de sacramento: «Estes irmãos são, portanto, sacramento, porque neles vê-se uma coisa e entende-se outra. O que se vê tem aparência física, o que se entende tem fruto espiritual».³¹⁴ Portanto, deve-se entender o sacramento como uma realidade a dois níveis: «um se situa no âmbito dos sentidos, o outro, porém, é o objeto somente do conhecimento intelectual».³¹⁵

Assim sendo temos um primeiro nível de sacramento que é a sua dimensão sensível, isto é, o aspeto exterior do rito; e temos um segundo estrato que se compreende ao nível do conhecimento intelectual, ou seja, «a realidade da salvação capaz de produzir uma eficácia sobre os que dele participam».³¹⁶ Logo, falar do sacramento como forma do conhecimento intelectual, é, portanto, afirmar que a sacramentalidade é da ordem da ontologia.

A pedagogia educacional de Agostinho de Hipona

Agostinho desenvolve o seu pensamento acerca da formação cristã e da instrução educacional em várias obras, mas a obra *De catechizandis rudibus* vai ser a nossa referência, como já foi anteriormente referido. Nesta obra o autor detém-se no método de como se deve propor a doutrina cristã aos que se aproximam da fé.

É importante tomar conhecimento que este projeto educacional é influenciado, sobretudo, pelas vicissitudes da época em questão, no que concerne a conflitos, disputas, crises políticas, sociais e económicas que levaram ao declínio do Império Romano. Logo, sem o Império, era a Igreja que era a grande responsável por orientar os caminhos de formação do Homem e da sua cultura.

No centro do pensamento agostiniano sobre a formação cristã e a instrução está a condição do homem. O bispo hiponense tem uma noção negativa da condição humana.³¹⁷ O homem é entendido como uma unidade de corpo e alma. Nesta simbiose, o corpo é para o ser humano um sinal de fraqueza, de pecado que influencia negativamente o conhecimento do próprio Homem.³¹⁸ No que concerne à alma, esta é a componente nobre e racional do Homem que lhe concede vida e que o anima, estando esta ligada às realidades divinas, tendo, assim, a posse do

³¹⁴ «Ista, frates, ideo dicuntur sacramenta, quia in eis aliud videtur, aliud intelligitur. Quod videtur, speciem habet corporalem, quod intelligitur, fructum habet spiritualementem». Agostinho de Hipona, *Sermões* 272, PL 38, 1247.

³¹⁵ Mazza, *A mistagogia*, 208.

³¹⁶ Mazza, 208.

³¹⁷ Cf. Wander Santos, «A educação cristã em Agostinho: O catecumenato ontem e hoje» (Goiânia, Pontifícia Universidade Católica de Góias, 2021), 62.

³¹⁸ Cf. Santos, 62.

conhecimento e da verdade.³¹⁹ Com efeito, a contemplação de Deus só pode ser efetuada quando o indivíduo se propõe a vencer as vontades materiais do seu corpo.³²⁰

O contributo do tratado *De catechizandis rudibus*

Esta obra foi redigida com o intuito de colaborar na instrução daqueles que desejavam conhecer a fé cristã. Agostinho fala aos “rudes”, não do campo, mas da cidade, sobretudo daqueles que se preparam para aderir ao cristianismo. Em alguns casos, a denominação de “rústico” pode opor-se a “cristão” pois é aquele que não partilha da mesma fé, do mesmo credo, ou aquele que se prepara para aderir a ele.³²¹ Esta obra toma a forma de um escrito com características práticas, onde as teorias e métodos são expostas para uma exposição cativante do catecumenado e posterior entrada no mistério da fé cristã.

Esta obra é também um instrumento de ajuda à vida cristã dos humanos, para que estes possam, cada vez melhor, viver na “cidade terrena” sem perder de vista a “cidade celeste”. O almejar a “cidade celeste” está no seio da educação de Agostinho, como processo de busca e interiorização.

Esta narrativa percorre as etapas figurativas do Antigo Testamento até chegar aos eventos que revelam Jesus Cristo, o centro da mensagem cristã. A busca da fé é uma atitude do amor. Esse amor é fruto da caridade divina que desperta e motiva o Homem. A pedagogia da fé à luz da Sagrada Escritura é importante, mas não pode prescindir do amor, como nos relata Agostinho: «o que quer que narres fá-lo de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia e, crendo, espere e, esperando, ame».³²²

Nesta obra, o autor utiliza o método alegórico, isto é, através de figuras leva o ouvinte a entender a necessidade de abandonar a vida quotidiana e começar a abraçar a vida divina. Assim, de uma forma explícita, o bispo de Hipona aborda os temas do abandono das coisas alheias à fé, da recusa das coisas temporais e, acima de tudo, fala abertamente da esperança cristã. Aqui se comprova que a Iniciação Cristã tem o seu fundamento no catecumenado, pois ele prepara o neófito para a vivência da fé.

A partir da Vigília Pascal o neófito nasce para a fé cristã através de ritos e símbolos que “sepultam” o “homem velho” para fazer surgir o “homem novo”. Na verdade, estes ritos e símbolos ficam gravados no coração do *neocristão*, para lhe inspirar a viver uma vida nova marcada com a esperança cristã, bem como com a esperança na vida eterna.

³¹⁹ Cf. Santos, 62–63.

³²⁰ Cf. Santos, 63.

³²¹ Cf. Agostinho de Hipona, *Acerca da Instrução aos Catecúmenos*, 16, 24, PL 40, 328-329.

³²² «Quo referas omnia dicis, quidquid narras ita narra, ut ille cui loqueris audiendo, credat, credendo speret, sperando amet». Agostinho de Hipona, *Acerca da Instrução aos Catecúmenos*, 4, 8, PL 40, 316.

CAPÍTULO 3 – MISTAGOGIA E EVANGELIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

3.1. A redescoberta contemporânea da mistagogia

Falar de mistagogia hoje, como método teológico, é algo já debatido por muitos autores contemporâneos, tanto a partir do ponto de vista litúrgico como do catequético. No entanto, abordar o tema da mistagogia na contemporaneidade, como se de um método se tratasse, requer à Igreja o *aggiornamento* introduzido pelo Concílio Vaticano II. Neste capítulo, teremos uma atenção especial ao aspeto pastoral da Igreja no âmbito da mistagogia, evangelização e secularização.

A reforma da Igreja no Concílio Vaticano II foi precedida por um movimento reformador/renovador que abarcava várias dimensões da vida da Igreja, nomeadamente a pastoral.³²³ Assim sendo, falar de uma corrente que influenciou a Igreja, como por exemplo o movimento litúrgico é, necessariamente, abordar a mistagogia. Por isso, é importante referir que os temas catequéticos e litúrgicos, sem excluir a pedagogia desenvolvida numa paróquia, são pontos importantes a ser abordados neste estudo, como será desenvolvido adiante.

3.1.1. A mistagogia do Concílio Vaticano II aos nossos dias

O Concílio Vaticano II, a partir do “movimento litúrgico”,³²⁴ convocou a pastoral catequética a «procurar novos caminhos lendo os sinais dos tempos e buscando escutar o Espírito Santo»³²⁵ para impulsionar uma renovação da catequese. Por isso, é impossível falar

³²³ Cf. Borobio, *La Iniciación Cristiana*, 214.

³²⁴ O “movimento litúrgico” refere-se ao processo de recuperação dos valores da vida litúrgica da comunidade cristã, que ocorreu entre os meados do século XIX e os princípios do século XX. Esse movimento desempenhou um papel fundamental preparação e maturação da reforma litúrgica que foi posteriormente aprovada pelo Concílio Vaticano II. Neste sentido é importante destacar alguns pontos importantes neste processo. O movimento litúrgico tem a sua origem em mosteiros e centros de estudo situados na Europa, sobretudo na Alemanha, Bélgica e Itália, com notáveis nomes associados a este movimento, essencialmente D. Guéranger (restaurador do Mosteiro de Solesmes), D. Lambert Bauduin, Pius Parsh, Odo Casel, José António Jungmann, Romano Guardini e Mário Righetti. Assim, torna-se interessante evidenciar algumas obras de referência que foram tendo um papel importante no desenvolvimento deste tema, a saber: as revistas *Les Questions Liturgiques* e *Paroissiales*, bem como a *Rivista Liturgica italiana*. No decorrer do processo do “movimento litúrgico”, os papas Pio X e Pio XII tiveram influência na reforma litúrgica devido à publicação de encíclicas relevantes - *Mystici Corporis* (1943) e *Mediator Dei* (1947) - que influenciaram a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, bem como o cuidado que se teve com o canto e da música litúrgica, enfatizando a participação ativa nos mistérios sagrados. Com o desenrolar do movimento litúrgico na Europa, Portugal foi também sendo influenciado, devido ao aparecimento dos Congressos Litúrgicos de Vila Real, Braga, Lisboa e Porto/Santo Tirso que forma refletindo esses temas. Contudo, houve algumas figuras importantes no renovamento litúrgico em Portugal que foram implementando o que no exterior se estava fazendo, são eles D. António Coelho (Mosteiro de Singeverga) e o Monsenhor Pereira dos Reis (Seminário dos Olivais). Na verdade, o movimento litúrgico desempenhou um papel crucial na renovação da liturgia católica, preparando o terreno para as alterações significativas promovidas pelo Concílio Vaticano II. Cf. José Aldazabal Larrañaga, «Movimento Litúrgico», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

³²⁵ Bruno Silva, «A mistagogia como método teológico da liturgia e sua contemporaneidade» (Florianópolis, Faculdade Católica de Santa Catarina, 2022), 47.

de mistagogia sem falar de Iniciação Cristã. De facto, é necessário que os ritos dos sacramentos da Iniciação Cristã sejam revistos de modo a formarem uma unidade e a haver uma íntima relação entre os sacramentos Iniciação Cristã, como nos recorda o documento magisterial da Igreja, *Sacrosanctum Concilium* (cf. SC 71). Contudo, o documento que melhor expressa a recuperação da Iniciação Cristã é o decreto *Ad Gentes*.

Assim sendo, o Concílio Vaticano II recomendou às Igrejas locais que procedessem à reformulação da Iniciação Cristã, tendo por base dessa renovação o catecumenado da Igreja primitiva, como evidencia o documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*:

restaure-se o catecumenado dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenado e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas (SC 64).

Para além da reformulação do catecumenado, o concílio sentiu também a necessidade de orientar os fiéis no percurso catequético sendo que, no decreto *Christus Dominus*, aconselhou a redação um documento de orientação catequética, para o povo de Deus, em forma de diretório de formação para a catequese, a saber:

Redijam-se ainda quer um Diretório especial sobre a cura pastoral dos grupos particulares de fiéis, segundo as circunstâncias de cada nação ou região, quer um Diretório sobre a formação catequética do povo cristão, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e também o modo de elaborar os livros acerca desta matéria. Na elaboração destes Diretórios tenham-se igualmente em conta as observações apresentadas tanto pelas Comissões como pelos Padres conciliares (CD 44).

O Concílio Vaticano II ao indicar a Iniciação Cristã como uma proposta catequética formativa (cf. AG 14; cf. CD 14), situou-a numa perspetiva mistagógica. Como tal, uma das suas principais metas é mergulhar a pessoa no “mistério” de Cristo. Esta imersão no “mistério” de Cristo, carece de uma interação entre fé e vida, que conduz a uma autêntica experiência e vivência cristã. De facto, o espírito do Concílio Vaticano II entende o tema da formação cristã como um acompanhamento, como uma pedagogia mistagógica. De acordo com o mesmo concílio, quando a pessoa mergulha no “mistério” de Cristo realiza-se a sua educação na fé.

Após o *terminus* do Concílio Vaticano II a Igreja redigiu diversos documentos, pelo que existe um grande acervo documental acerca dos vários assuntos debatidos, inclusive a catequese

para a qual se elaboraram o *Diretório Geral da Catequese* (1971)³²⁶ e o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (1973), entre outros documentos. No tema nevrálgico da mistagogia, como um primeiro esforço pós-conciliar com vista à recuperação e implementação do percurso catecumenal, destaca-se o RICA, documento inspirado na proposta da Igreja Primitiva.

Para além das reflexões realizadas e dos documentos elaborados ao longo de todo o concílio, o Sínodo extraordinário, realizado no ano de 1985, deu um grande impulso na catequética. Para além da reflexão necessária acerca da Palavra de Deus, os padres sinodais indicaram diversas sugestões para a renovação litúrgica, bem como caminhos para a introdução dos fiéis à vida litúrgica. Estas orientações tinham como base catequese mistagógicas, pensadas e realizadas ao estilo das catequese dos primeiros séculos da Igreja.³²⁷

De acordo com a *Gaudium et Spes*, o mistério de Deus revela-se em Cristo, ou seja, Ele é a «chave, centro e fim de toda a história humana» (GS 10). Por conseguinte, ser cristão é comprometer-se numa conversão de vida, fruto da experiência do encontro com Jesus Cristo. Por isso, ao redefinir a mistagogia não podemos pensar nela como uma conclusão ou consequência do catecumenado, dado que é o próprio núcleo do catecumenado.

Os papas pós-conciliares, sobretudo Bento XVI, concederam um tom mistagógico à catequese. Na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI abordou a mistagogia ao falar da «educação e da celebração da fé»,³²⁸ reforçando a ideia da necessidade de promover uma educação da fé eucarística junto dos fiéis para que estes a possam celebrar e viver, bem como de uma catequese mistagógica, pois, este é o método mais eficaz para fazer os crentes penetrar nos mistérios que celebram.

Relativamente ao percurso mistagógico, para Bento XVI o mesmo deve ser construído a partir de três pilares: a) interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, b) embutir o sentido dos sinais inclusos nos ritos, c) evidenciar o simbolismo dos ritos para a vida cristã (cf. SaC 64). Olhando para este triplo objetivo percebe-se uma síntese do modelo mistagógico dos Padres da Igreja.

3.1.2. A mistagogia como itinerário no RICA

A fé cristã é uma relação progressiva e consonante entre uma *μετάνοια* pessoal e um «aprofundamento do significado da opção da fé na globalidade da Revelação e propostas

³²⁶ Fazemos a ressalva de que o *Diretório Geral da Catequese*, no ano de 2020, foi substituído pelo *Diretório para a Catequese*. Apesar da sua descontinuidade a bibliografia que consultamos ainda tinha referência a este documento, por isso decidimos continuar a citá-lo para que a informação fosse mais fidedigna e coerente. Contudo, temos também, ao longo deste estudo, referência ao novo documento, *Diretório para a Catequese*, que se situa numa dinâmica de continuidade dos dois documentos que o precede.

³²⁷ Cf. Silva, «A mistagogia como método teológico da liturgia e sua contemporaneidade», 50.

³²⁸ Silva, 51.

cristãs».³²⁹ Este dinamismo de fé, onde vemos, antes de mais, um recetáculo de amor que é Jesus Cristo, após a sua encarnação, sob a influência da graça. Tal como João da Cruz, que procura incessantemente Deus, o Deus verdadeiro, que preenche o mundo interior do homem e da mulher, que dá sentido à existência humana, todo ser humano busca uma plenitude interior que culmina na certeza do encontro com o Senhor. Para tal, é necessário um «abandono confiante em Deus (*fides qua*³³⁰) e o consentimento de amor a tudo aquilo que Ele nos revelou (*fides quae*³³¹)» (DC 18). Daí ser tão importante a relação pessoal do crente com o próprio Jesus. Cada pessoa só crê verdadeiramente em Jesus quando O acolhe na própria vida e se confia a Ele, querendo o seu amor e seguindo-O no labirinto da vida, ou seja, tem de ser uma adesão de todo o ser (cognitiva, afetiva e ativa) (DC 18). É um caminho de muitos passos e seguir Jesus partindo de uma conversão e que tem como meta a maturidade de fé.

O itinerário desta Iniciação Cristã é um protótipo para a vida cristã, uma vez que alguém que percorreu o caminho de conversão à fé cristã é, a partir daí, levado não só ao Batismo, mas à maturidade de fé (cf. CIC 1248).

Para melhor clarificar toda dimensão ritual dos sacramentos da Iniciação Cristã, iremos, de seguida, elencar os passos, os momentos, as etapas que o catecúmeno vai recebendo e vivendo até chegar ao acolhimento da revelação de Deus na sua vida que é a graça de receber os sacramentos da Iniciação Cristã ou o “grande sacramento da Iniciação Cristã”.

Partindo do contexto da Igreja Antiga e da *praxis* que desde então se verifica, o RICA apresenta-nos um caminho de conversão ao Evangelho, para aqueles que têm o desejo de se tornarem cristãos. De facto, já desde o tempo dos Apóstolos são requeridos um caminho e uma iniciação com distintas etapas, uma vez que acolher a Boa Nova de Jesus implica, necessariamente, conversão e acolhimento à graça que Deus quer realizar em cada um de nós (cf. CIC 1228-1229). Todo este caminho de catecumenado atinge o seu auge numa celebração única dos três sacramentos (cf. CIC 1233).

A Iniciação Cristã de adultos distribui-se por diferentes degraus e por tempos próprios e, caso seja necessário, estes devem ser prolongados por alguns anos (cf. RICA 307). Os tempos próprios que o RICA nos indica são: a evangelização e “pré-catecumenado”, o catecumenado, o tempo da purificação e da iluminação, os sacramentos da Iniciação Cristã e a mistagogia;

³²⁹ Catequese de Lisboa, «Orientações para a Iniciação Cristã e Catequese de Adultos», março de 2018, n.º 11, https://catequese.patriarcado-lisboa.pt/site/docs/2022345orientacoes_para_a_iniciacao_crista_e_catequese_de_adultos.pdf.

³³⁰ Segundo o Papa Bento XVI, de uma forma muito sucinta, na «Audiência Geral de 17 Outubro de 2012», 17 de outubro de 2012, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.pdf, define *fides qua* como um modo de crer em Deus.

³³¹ De acordo com o mesmo Papa, *fides quae* são os conteúdos e verdades da fé.

relativamente aos degraus, estes são a admissão ao catecumenado, a eleição e a celebração dos sacramentos.

A evangelização e “pré-catecumenado”

O tempo que antecede o catecumenado alude aos inícios da fé. A Igreja é convocada a despertar e a acolher a fé daqueles que demonstram disponibilidade para aderir e acolher a fé no Evangelho de Jesus. Por vezes é do diálogo e convívio com os crentes, bem como do seu testemunho e verdade de vida que nasce a adesão à fé cristã, o acolhimento da Boa Nova de Jesus. Depois desta adesão e acolhimento nasce a primeira evangelização. Ela é anunciada com firmeza e constância para a salvação de todos, para que «movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, abracem a fé e se convertam ao Senhor, em adesão sincera àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida é capaz de satisfazer todos os seus anseios espirituais e até infinitamente os superar» (Preliminares RICA 9).

A duração desta etapa não está definida porque depende da condição espiritual dos candidatos. Há que estabelecer primeiramente um contato com a comunidade paroquial e deverá haver, também, um tempo de escuta do coração daqueles que desejam procurar e encontrar Cristo.

Catecumenado

O rito da admissão ao catecumenado é o primeiro degrau do caminho, do itinerário catecumenal na vida daquele que deseja encontrar Cristo. Aqueles que tomam a iniciativa de manifestar à Igreja a vontade de se tornarem seus membros, são publicamente acolhidos através deste degrau do catecumenado. É a partir desta celebração que a Igreja anuncia a chegada dos candidatos e a sua primeira consagração (cf. Preliminares RICA 14).

Antes do rito da admissão dos catecúmenos, é importante que os pastores que acolhem os candidatos se pronunciem acerca da idoneidade dos mesmos. Após o caminho já percorrido com os candidatos, os que desempenham o papel de garantes da fé têm o dever grave de se pronunciar, diante da comunidade paroquial, acerca da idoneidade dos candidatos a quem, para o acesso ao rito de admissão, se requer a presença de diversos elementos de vida espiritual e de vivência da doutrina cristã: fé, desejo de conversão e mudança de vida, início de uma relação pessoal de intimidade com Jesus e experiência de vida comunitária e vivência cristã (cf. Preliminares RICA 15).

Esta celebração do rito de admissão «far-se-á em dias determinados, no decurso do ano» (RICA 69), mas sempre com a participação da comunidade cristã. No rito está previsto o acolhimento dos candidatos à porta da Igreja, o fazer o sinal da cruz na testa e nos sentidos e,

necessário for, a imposição de um nome cristão àquele que vai ser admitido. A celebração, após estes ritos iniciais, prossegue com a entrada dos catecúmenos na Igreja com a Liturgia da Palavra e, caso seja possível, com a entrega dos Evangelhos e da cruz. Estes ritos, terminam com as preces pelos catecúmenos e a sua despedida. Após o término da celebração, regista-se no livro dos catecúmenos os nomes dos candidatos, do ministro e dos garantes, bem como o dia e local onde o rito foi celebrado.

Este rito é a primeira etapa litúrgica da Iniciação Cristã. Os candidatos são inseridos no grupo dos catecúmenos, são considerados cristãos, embora, de modo ainda imperfeito, e pertencentes ao amor da Mãe Igreja, pois «a partir deste momento, os catecúmenos que a Mãe Igreja agora trata como seus com todo o amor e carinho e que a ela ficam ligados, passam a fazer parte da casa de Cristo» (Preliminares RICA 18).

O tempo de catecumenado

Após o rito de admissão dos candidatos dá-se início ao catecumenado. É um tempo em que os catecúmenos crescem na fé e na experiência do amor de Deus e o tempo em que cada um toma consciência de ser convidado e chamado, pela voz do Senhor, a dar-Lhe uma resposta coerente e sem medo. É um tempo muito importante tanto para a vida espiritual como para a vida humana do candidato, que se estende por um tempo indeterminado, para que este possa adquirir a maturidade de fé. Este tempo depende, sobretudo, da graça de Deus, bem como do empenho do candidato e dos seus catequistas e garantes da fé.

O catecumenado é um tempo de instrução, de catequese. Deve ser uma catequese orgânica, progressiva e sistemática, pois tem como finalidade conduzir os catecúmenos ao conhecimento da verdade da fé cristã, à vivência de um verdadeiro discipulado com Jesus Cristo. Para que isso aconteça, a catequese deve auxiliar à conversão da vida e da mentalidade, de modo que a procura do seguimento de Cristo e de configuração a Ele seja radicada no amor.

É também um tempo litúrgico, ou seja, os catecúmenos são auxiliados no seu caminho de purificação e conversão pelas celebrações da Palavra, sempre adaptadas ao respetivo tempo litúrgico (cf. RICA 100). Para que esta ação catequética seja frutífera é necessário elaborar um plano fundado na Sagrada Escritura, na Liturgia, no Magistério, na Patrística e na Espiritualidade. Esta catequese pode ser feita em pequenos grupos, formados por catecúmenos, catequistas, garantes, alguns leigos e os padrinhos.

Neste processo catecumenal não se pode perder de vista o sentido eclesial proposto no acompanhamento destas pessoas, como nos aponta o decreto *Ad Gentes*: «a Iniciação Cristã realizada no catecumenado deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda

a comunidade dos fiéis» (AG 14). Na verdade, a comunidade eclesial suporta os catecúmenos com «o alimento da Palavra de Deus» e «os auxílios da liturgia» (Preliminares RICA 18).

A eleição e inscrição do nome

O passo que se segue é a eleição e a inscrição do nome dos candidatos, no livro dos catecúmenos. É um momento importante tanto para a Igreja, representada pela comunidade paroquial, como para o próprio candidato. É a celebração na qual o candidato é eleito, é chamado pelo nome, sinal da escolha e do chamamento de Deus e em que o seu nome é inscrito no livro dos catecúmenos, sinal do seu “sim”, da sua resposta.

Antes desta celebração é importante confirmar tanto a idoneidade dos candidatos, como a sua liberdade para querer fazer parte da Igreja, bem como a maturidade suas das motivações. É ainda importante realçar a consciência da importância do ministério do Bispo como garante da fé, tal como a figura dos padrinhos que exercem, pela primeira vez, o seu ministério diante de toda a comunidade eclesial.

O rito da eleição realiza-se, normalmente, no primeiro Domingo da Quaresma e é presidido pelo Bispo ou por alguém mandatado por ele. Após terminar a Liturgia da Palavra, os candidatos são apresentados ao Bispo, para que o mesmo os “eleja” para o primeiro sacramento da Iniciação Cristã, o Batismo, e que os seus nomes possam ser inscritos no livro dos catecúmenos, ou também designado por «livro dos eleitos» (Preliminares RICA 22). Na verdade, a celebração do rito da eleição é «o momento decisivo de todo o catecumenado» (Preliminares RICA 23) e, podemos afirmar, que é o acontecimento primordial de toda a comunidade eclesial para com os novos catecúmenos (cf. RICA 135). A partir deste instante o candidato adquire o nome de “eleito” e inicia-se o tempo de purificação e iluminação que iremos, de seguida, explicar.

O tempo da purificação e da iluminação

Após o rito de eleição, tem início o segundo degrau da Iniciação Cristã que é o tempo da purificação e da iluminação, ou seja, um tempo de preparação que antecede a celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã, do recém-eleito, que ocorre na Quaresma. Este é o período propício para «preparar mais intensivamente o espírito e o coração dos candidatos» (Preliminares RICA 22). Neste caminho de preparação tanto os eleitos como a comunidade eclesial local entram «em recolção espiritual, em ordem à preparação para as festas pascais e à iniciação pelos sacramentos» (RICA 152). É uma preparação que incide, principalmente, na conversão de vida, penitência e jejum, em ordem a acender o desejo de purificação e de redenção, e no qual os catecúmenos são, pouco a pouco, introduzidos no mistério do pecado,

do qual brota a ânsia de redenção do homem. Para que o Espírito Santo possa impregnar cada homem com a sua presença, ao longo da Quaresma os eleitos escutam passagens da Escritura alusivas a vários símbolos e momentos da salvação operada em Jesus Cristo, nomeadamente à água-viva (cf. Jo 4, 1-42), à luz (cf. Jo 9, 1-40) e à ressurreição e à vida (cf. Jo 11, 1-46). Pretende-se que ao longo dos escrutínios haja um progresso no «conhecimento do pecado e no desejo da salvação» (RICA 157).

Nos Domingos III, IV e V da Quaresma têm lugar os escrutínios³³² aos eleitos. É também neste tempo belo de preparação para os sacramentos que a Igreja lhes entrega os símbolos da fé e da oração – Credo e Oração dominical (Pai-Nosso). O Credo, que proclama as maravilhas de Deus, é entregue agora aos eleitos, como dom gratuito para que os mesmos possam professá-lo diante de toda a comunidade. A Oração dominical, por sua vez, pretende despertar nos eleitos a consciência da nova condição filial que irão receber no Batismo. Por último, no Sábado Santo realiza-se o rito do *Effatha*³³³ e a unção com o óleo dos catecúmenos (cf. RICA 193-202).

Ao longo deste tempo de preparação, a comunidade eclesial torna-se próxima e presente junto dos eleitos, que para ela significam a adesão à fé cristã pela conversão em ordem ao Batismo (cf. Preliminares RICA 41), pelo que representa para os fiéis o apelo à renovação das promessas batismais.

Os sacramentos da iniciação

O grande momento da Iniciação Cristã, a celebração única dos três sacramentos, dá-se na Vigília Pascal (cf. Preliminares RICA 8).

Após o momento do lucernário³³⁴ e da Liturgia da Palavra, momentos de suma importância, tanto para os eleitos, como para cada um dos fiéis, dado que neles são narradas as grandes etapas

³³² Escrutínios são celebrações que têm por objetivo «pôr a descoberto o que no coração dos eleitos possa haver de fraqueza, enfermidade ou malícia, para que seja curado, e o que há de bom, válido e santo, a fim de o fortalecer» (Preliminares RICA 25). Ao longo destas celebrações pede-se a Deus Pai para aqueles que já fizeram a experiência tentação do pecado que sejam purificados e preservados de todo o mal (cf. RICA 339).

³³³ *Effatha* tem a sua origem do aramaico que significa «abre-te». «É o título do quarto rito complementar do Ritual do Batismo das Crianças, que consiste na imposição das mãos do sacerdote e o voto para que a criança possa em breve entender a Palavra de Deus.» José Aldazabal Larrañaga, «Effatha», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007).

³³⁴ «É um rito de várias culturas e religiões e, em particular, do Judaísmo, sobretudo na entrada do *Sabbath* e das grandes festas. Consiste em acender as luzes, ritualmente, ao cair da tarde. Em latim, dizia-se *lucernare* (de lucerna, lâmpada). Os cristãos celebraram-no desde muito cedo, como no-lo descreve Hipólito, nos princípios do século III. No ágape comunitário, diziam-se orações de louvor a Deus, porque nos fez chegar ao início da noite «cheios da luz do dia, criada por Vós para nossa plenitude, e também porque agora, graças a Vós, não temos falta da luz do entardecer. Nós vos louvamos pelo vosso Filho Jesus Cristo...» Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, 65. Jogando com o rico simbolismo da luz, passa-se muito facilmente da luz cósmica à luz que é Cristo. Na liturgia bizantina e na ambrosiana ou milanese, ainda hoje, as Vésperas começam com um rito lucernar, com orações e cânticos referentes à luz. Na liturgia romana, a Vigília Pascal inicia-se assim mesmo com um solene rito lucernar, à volta do fogo novo, do qual se acende o Círio Pascal que, de seguida, comunica a sua luz aos círios particulares, como símbolo da nossa participação na luz de Cristo. O lucernário termina com o Precónio Pascal. Não estaria mal que, na oração vespertina familiar ou mesmo na oficial de Vésperas, o rito inicial fosse um lucernário,

da *Historia Salutis*, realiza-se a bênção da água lustral. Aqui os eleitos, após terem recebido a *Traditio*, proclamam a sua renúncia a Satanás e professam a fé na Santíssima Trindade. No Batismo, os eleitos, por meio da água, morrem para o pecado e ressuscitam para a vida eterna. De seguida recebem, pela imposição das mãos e a unção do Crisma, o Espírito Santo de Deus, que os consagra e fortifica para cumprirem a missão profética, sacerdotal e real de Cristo. Por fim, recebem o sacramento primordial do septenário, a Eucaristia, participando do sacrifício de Cristo juntamente com todo o povo de Deus e oferecendo-se a si mesmos como primícias de Cristo pela humanidade (cf. 1Cor 11, 26).

O tempo da “mistagogia”

Após a receção dos Sacramentos da Iniciação Cristã o eleito passa a ser “neófito” e inicia-se o tempo da mistagogia. Este tempo visa uma maior integração na vida da Igreja e uma intensificação do testemunho por parte do neófito. A mistagogia «aprofunda mais o mistério pascal e procura traduzi-lo cada vez mais na vida pela meditação do evangelho, pela participação da Eucaristia e pelo exercício da caridade» (Preliminares RICA 37). É um tempo de entrada e aprofundamento dos mistérios celebrados, que o neófito acabou de receber, bem como no crescimento da vida cristã. Cada comunidade é responsável por encontrar os melhores meios para favorecer a entrada dos neófitos na vida eclesial da própria comunidade.

Este é um tempo de festa e deve ser celebrado como tal. É um tempo de ação de graças que termina com o Pentecostes e que pode ser enriquecido pela inclusão dos neófitos na Oração Universal e mesmo nas homilias e, se for oportuno, com uma festa no final do Tempo Pascal, de acordo com os costumes da região. Devido ao valor e da experiência pessoal de cada neófito, tanto dos sacramentos como da comunidade eclesial, nas missas dominicais do Tempo Pascal, também denominadas por “Missas dos neófitos”, onde toda comunidade local será convidada a festejar juntamente com os neófitos e seus padrinhos (cf. Preliminares RICA 40).

3.1.3. Papa Francisco e a opção preferencial pela mistagogia em saída

Na sua primeira encíclica, *Lumen Fidei*, o Papa Francisco aponta-nos uma nova linguagem para falar adequadamente da verdade da fé cristã:

procurando formas apropriadas e pedagógicas para aproveitar o simbolismo da luz de Cristo, ao cair da tarde. O cântico mais apropriado seria Luz esplendente da santa glória, o antiquíssimo *Phos hilarón*, cantado a Cristo como luz esplendente do Pai». José Aldazabal Larrañaga, «Lucernário», em *Dicionário Elementar de Liturgia*, ed. Rui Oliveira, trad. José Manuel Marques Pereira, Biblioteca de Cultura Religiosa (Prior Velho: Paulistas, 2007), 170-71.

Se o amor tem necessidade da verdade, também a verdade precisa do amor; amor e verdade não se podem separar. Sem o amor, a verdade torna-se fria, impessoal, gravosa para a vida concreta da pessoa. A verdade que buscamos, a verdade que dá significado aos nossos passos, ilumina-nos quando somos tocados pelo amor. Quem ama compreende que o amor é experiência da verdade, compreende que é precisamente ele que abre os nossos olhos para verem a realidade inteira, de maneira nova, em união com a pessoa amada. Neste sentido, escreveu São Gregório Magno que o próprio amor é um conhecimento, traz consigo uma lógica nova. Trata-se de um modo relacional de olhar o mundo, que se torna conhecimento partilhado, visão na visão do outro e visão comum sobre todas as coisas (LF 27).

Nesta encíclica, em continuidade com a reflexão anterior relativa à verdade da fé cristã, o papa refere tanto a teologia como a experiência do mistério de Deus, visões caras à mistagogia patrística. No mesmo ano, Francisco escreve ainda a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, regressando a várias referências ao mistério de Deus e à *Historia Salutis*. Para este estudo interessa-nos, sobretudo, a seguinte reflexão acerca da mistagogia:

Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da Iniciação Cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (EG 166).

Podemos considerar Francisco um mistagogo, pois através do vigor dos sinais comunica o mistério de Deus que renova o homem integral, a sua relação com o próprio Deus, consigo mesmo e com a humanidade.³³⁵ Ele pretende devolver aos fiéis aquilo que era a importância e a força da mistagogia, tão essencial para a vida como para a experiência de fé porque:

³³⁵ Cf. Anderson Batista Monteiro, «A mistagogia profética do Papa Francisco: uma análise litúrgico-sacramental dos atos simbólicos realizados pelo Papa Francisco», *Pesquisas em Teologia* 4, n.º 7 (2021): 143, <https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2021v4n7p135>.

[...] significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da Iniciação Cristã (EG 166).

O pontificado de Francisco é muito marcado por imagens simbólicas que destacam a dimensão missionária da Igreja. O papa enfatiza a necessidade de uma Igreja ativa, de uma “Igreja em saída”,³³⁶ missionária, que se envolva com o mundo e não se feche sobre si mesma. Para o Santo Padre, a Igreja não pode ser “fechada”, mas sim “aberta”, pois, só assim encontra o sentido da sua existência, bem como da misericórdia de Deus. A pregação da Igreja deve ser a misericórdia, ou seja, o coração do Evangelho, que «revela a plenitude do mistério de Cristo que deve ser anunciado e testemunhado pela Igreja na vida de cada cristão».³³⁷ Avaliar os atos de Francisco sob um ponto de vista litúrgico-sacramental é entrar num novo percurso de reflexão sobre o seu pontificado. Francisco é um mistagogo que, como faziam os da Igreja Primitiva, orienta os cristãos para a vivência dos mistérios de Cristo, e aponta para a vinda do mesmo Cristo, como é relatado na sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*.

Nesta Carta Apostólica, pautada por um estilo meditativo, próprio do mistagogo, Francisco medita e propõe uma *lectio* que não tem como objetivo ensinar, mas incorporar os destinatários no contacto com a vida cristã através da liturgia. Na verdade, a dimensão própria da mistagogia não é o ensinar, mas introduzir, meditar o Mistério para tomar contacto com a Sua vida.

Assim, o povo crente ao ser iniciado no *Mysterium Fidei* é conduzido à compreensão de que a liturgia é, em primeiro lugar, um espaço divino porque nela o povo participa da salvação que Deus oferece. Neste caso, após esta compreensão, a comunidade é levada pelo mistagogo a perceber que a própria liturgia é mais divina do que humana, daí ela ser sagrada e bela (cf. DD 10, 21).

Deste modo, o Papa Francisco faz questão de evidenciar este argumento, evidenciando o que foi válido no Concílio Vaticano II, por iluminação do Espírito Santo. Deixar que a liturgia nos forme (cf. DD 61) é dispor-se à pedagogia divina e deixar que ela conduza a vida pessoal, mas colocar barreiras a isso, do ponto de vista teológico, é negar o Espírito de Cristo. Assim sendo, sem mistagogia a liturgia pode tornar-se incompleta, o que não irá corresponder à finalidade da mesma que é ser fonte para a formação e crescimento da vida cristã, como nos indica a *Sacrosanctum Concilium* (cf. SC 1 e SC 10).

³³⁶ Termo que surge a partir do movimento de “saída” como podemos observar nas vocações de Abraão, Moisés e Jeremias e, em particular, na missão que Jesus confia aos discípulos, dizendo: «Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho» (Mc 16, 15).

³³⁷ Monteiro, «A mistagogia profética do Papa Francisco», 144.

Francisco introduz os celebrantes no Mistério da Liturgia, onde ela foi «sempre a fonte primária da espiritualidade cristã» (DD 61). Assim, o Santo Padre, Papa Francisco, deixa claro que a liturgia tem uma dimensão pedagógica, mas não sendo o fator principal, não pode ser prescindida, pois vale necessariamente para o hodierno.

Em suma, o ministério de Francisco é marcado pelo axioma *lex orandi, lex credendi e lex agendi*.

3.2. Urgência de uma pastoral mistagógica em tempos de secularização

Apesar dos ventos de renovação pastoral oriundos do Concílio Vaticano II, a realidade pastoral está ainda marcada por um estilo tradicional de “cristandade”, onde os traços gerais abonam a uma prática litúrgico-devocional, sem cunho evangelizador e muito focada numa visão detentora da verdade, preocupando-se com os seus interesses e praticando uma atitude de defesa para com a sociedade mundial e cultura moderna, tendo em vista responder a uma sociedade que já não existe.³³⁸

Com o desenrolar do tempo, a sociedade sofreu diversas mutações relativamente à sua organização, vivência e identidade, como, por exemplo os fenómenos de diferenciação e individuação, ou seja, uma configuração de comunidades que passaram a organizar-se a partir de sociedades de indivíduos. A secularização e a nova religiosidade são realidades que se encontram, desde já, nas atuais sociedades através de um «laicismo militante, que procura a expulsão das instituições religiosas da vida pública e o indiferentismo, no qual a religião não tem qualquer significado na vida do Homem»³³⁹ e da centralidade do indivíduo.³⁴⁰

3.2.1. Secularização e nova religiosidade

Como conceito geral, secularização «designa um processo civilizacional de longa duração que caracteriza, em grande medida, as sociedades ocidentais no que respeita à perceção da realidade e ao lugar nesta da religião».³⁴¹ Embora o conceito geral verse sob o âmbito profano, o conceito de secularização tange tanto o âmbito profano como o sagrado, como sustenta o mesmo autor: «normalmente, esta expressão pretende descrever formas de reestruturação dos

³³⁸ Cf. Vasco Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011), 68.

³³⁹ Paulo Alves, «Catequese de Adultos: opções prioritárias» (Braga, Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia, 2019), 17.

³⁴⁰ Cf. Alves, 16–19.

³⁴¹ António Ferreira, «Secularização», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, ed. Carlos Azevedo (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001 de 2000), 195.

universos religiosos como processos que retiram o controlo social à mediação eclesiástica e, em determinadas circunstâncias, ao próprio religioso».³⁴²

Assim sendo, a secularização é vista como um processo de mudança, nomeadamente, da deslocação do religioso, ou seja, «processa-se na longa passagem da legitimação da confessionalidade sociopolítica para uma sociedade onde a religião se encontra em concorrência com outros princípios e com outras fontes de legitimação das práticas individuais e sociais»,³⁴³ isto é, a deslocação da religião da esfera pública para a esfera privada. Nos vários processos de secularização, nem o fator religioso desaparece ou é eliminado, nem as suas mediações encerram, simplesmente existe uma reorganização das suas funções, bem como das suas manifestações.³⁴⁴ Entender a secularização como um processo autónomo de distintos níveis legitimadores da sociedade, não implica que esta elimine, por completo, a religião da sociedade, mas que efetua uma relativização perante os restantes níveis de legitimação. Neste sentido, a secularização situa-se no debate do lugar e da função da religião no seio da sociedade moderna, como um «lento processo de afirmação de uma situação de pós-confessionalidade, também percebida e associada, muitas vezes, à descristianização».³⁴⁵ O conceito de secularização é assim apresentado como algo a que, à primeira vista, se renuncia, mas que simultaneamente se integra como um desafio da recomposição religiosa. Neste processo de recomposição opera-se uma diferenciação no seio da perspectiva cristã, onde se denota uma autonomia secular de uma vida moderna.³⁴⁶ Por isso, uma série de questões importantes se tornam centrais na «problemática da secularização, entendida como deslocação dos universos de sentido e das suas mediações, não já no simples contexto da confessionalidade».³⁴⁷

É de salientar que a secularização pode também ser vista como «afirmação do exercício da cidadania, traduzida no protagonismo cívico e político».³⁴⁸ No entanto, esta situação deu origem a tensões entre a relação Igreja-Estado na afirmação da legitimação da autoridade. Assim, a partir da intransigência da Igreja, o *ralliement* de Leão XIII consumou o acatamento da legitimidade do Estado, mas com uma colaboração dos católicos que os levou a serem inseridos na sociedade e a transformarem a realidade sociopolítica. Segundo Matos Ferreira, existe intrinsecamente uma relação entre secularização e democracia, ou seja, o aprofundamento da democracia compromete o crescimento da secularização, mas o inverso não é necessariamente verdadeiro.³⁴⁹ Logo, a secularização não afeta o desaparecimento, a eliminação da religião, mas

³⁴² Ferreira, 195.

³⁴³ Ferreira, 196.

³⁴⁴ Cf. Ferreira, 196.

³⁴⁵ Ferreira, 196.

³⁴⁶ Cf. Ferreira, 198.

³⁴⁷ Ferreira, 198.

³⁴⁸ Ferreira, 200.

³⁴⁹ Cf. Ferreira, 200–201.

sim o seu deslocamento, desde que a democracia siga um caminho de reconhecimento e valorização da pluralidade resultante do seio de cada sociedade.³⁵⁰ De facto, é importante evidenciar a secularização enquanto processo sociocultural, em que o «secularismo entra como interpretação ideológica parcial da secularização e a era secular enquanto momento histórico preciso em que o processo de secularização ocorreu, embora de maneiras distintas».³⁵¹

Perante a sociedade secularizada em que nos encontramos, várias dificuldades surgem na transmissão da fé, evangelização e catequese e onde a mistagogia tende a perder a sua presença. Segundo Francis Buckley, estas dificuldades surgem devido à mentalidade materialista e pragmática, em que a pessoa é valorizada a partir daquilo que produz e nunca a partir da sua dignidade; devido ao imanentismo, consumismo, utilitarismo e hedonismo, em que existe uma absoluta preocupação com o mundo; devido à resistência, à autoridade e à Igreja, em que existe uma repugnância a tudo o que é instituição «a quem se reprova qualquer tipo de posição moral»;³⁵² devido ao relativismo, em que se nega toda a verdade, bem como a todo valor absoluto.³⁵³

No entanto, nem tudo pode ser visto como negativo na secularização, como suprarreferido, uma vez que esta ajudou a repensar a evangelização na sociedade contemporânea, ou seja, a valorização das verdades e dos valores do mundo, iluminando e aprofundando a encarnação e a redenção; faz de contrapeso a teologias pessimistas e espiritualidades que negam o valor da cultura contemporânea; alerta para os limites da autoridade da Igreja; ajuda a Igreja a distinguir o que é realmente essencial e a sede espiritual do homem é fortalecida pela secularização pós-moderna.³⁵⁴

Neste momento fala-se já de uma era pós-moderna, ultrapassada a modernidade que não conseguiu levar “avante” as suas promessas, nem dar resposta aos anseios mais profundos do ser humano. Contudo, muitos autores abordam o regresso do religioso, neste tempo pós-moderno, como um fracasso dos ideais da modernidade.³⁵⁵ Aparentemente, o desenvolvimento

³⁵⁰ Cf. Ferreira, 201.

³⁵¹ Tomás Halík, *A tarde do cristianismo: O tempo da transformação*, trad. Paulo Ramos, 1ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2022), 125.

³⁵² Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 28.

³⁵³ Cf. Francis Buckley, «Una catequesis parroquial en una sociedad secularizada», em *Nuevos caminos para la catequesis hoy*, ed. Henri Derroitte, trad. José Cursach, 15 (Santander: Editorial Sal Terrae, 2008), 145–46.

³⁵⁴ Cf. Buckley, 146–47.

³⁵⁵ «Foi precisamente a crença de que as ciências naturais iriam preencher - e até mesmo mais do que isso - o vazio deixado no espírito humano pela decadência da religião e do sobrenaturalismo que constituiu uma das principais forças causadoras desta decadência. Para os filósofos do iluminismo, para os pensadores agnósticos e pragmáticos do século XIX, a ascensão das ciências - matemáticas, físicas, sociais, aplicadas - era causal e logicamente inseparável do declínio da religião. À medida que as antigas trevas do irracionalismo e da credulidade se dissipavam, a luz das ciências deveria irradiar. O “exaltado semblante” da descoberta científica, para usar a expressão de Wordsworth, substituiria a máscara infantil dos deuses, tornando-se num farol para o progresso humano. Auguste Comte e Marx chegaram mesmo a argumentar que a própria religião acabaria por mostrar-se pouco mais do que uma pré-ciência, uma maneira ingénuo e antropomórfica da espécie humana tentar compreender e tratar o mundo natural e os seus muitos enigmas. Ao abandonar as explicações espúrias da teologia e as técnicas

da modernidade está associado ao desaparecimento social e cultural da religião. Para explicar tal fenómeno, são elencados três traços específicos, a saber: a primazia da racionalidade, a autonomia do indivíduo e um tipo particular de organização das instituições.³⁵⁶

Muitos dos contemporâneos de hoje procuram na religião o que a cultura não lhes pode conceder, pois veem na religião,

o oásis de sentido que unifica a existência feita em pedaços. [...] Este critério, predominante na adesão religiosa, impedirá uma conversão real, uma vez que a fé é aqui reinterpretada num quadro de referências que lhe é estranho, e fomentará, sem dúvida, um ecletismo religioso – muito mais difundido do que se imagina – que leva o indivíduo a respigar dos diversos sistemas religiosos o que lhe interessa, reduzindo-os, deste modo, a bens de consumo, incapazes de dar uma estrutura à própria existência e produzindo com eles um cocktail religioso, feito ao seu gosto e imagem.³⁵⁷

Como tal, a secularização das sociedades modernas combina com «a perda de influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica a sua plena capacidade de orientar o seu destino e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitam a esta sociedade pensar-se a si própria como autónoma»,³⁵⁸ em que a religião passou a ser vista como uma “mundividência”, ou seja como uma área entre tantas outras.³⁵⁹

A pertença a uma comunidade está a deixar de fazer sentido para a sociedade atual. É necessário que tanto a crença como a pertença se “agarrem” uma à outra, pois se assim não for nenhuma instituição pode determinar aos seus indivíduos uma autoridade de normas. Isso não afeta que o processo de individualização e de crença elimine a realidade das identificações confessionais. Na verdade, a dispersão das crenças «coexiste com a preservação destas identidades».³⁶⁰ Assim sendo, não são os crentes indiferentes que caracterizam as sociedades,

estéreis do ritual, para se dedicar à genuína compreensão científica, o homem alcançaria apenas ganhos materiais imensos, satisfaria igualmente os desejos de verdade e da alma e do espírito humanos. Vista a partir desta perspetiva - uma perspetiva que vai desde Jefferson e os Humboldts até Darwin e Bertrand Russel - a ciência satisfaria, de forma muito superior à da religião revelada, as aspirações humanas à ordem, à beleza, à probidade moral. É-nos dito: “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). Mas pode a ciência aplacar a nostalgia, a fome de absoluto? Que estatuto possui, atualmente, o conceito de verdade?». George Steiner, *Nostalgia do absoluto*, trad. José Flores, Antropos 61 (Lisboa: Relógio d’Água, 2003), 70.

³⁵⁶ Cf. Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, ed. Guilherme Valente, trad. Catarina Nunes, 1ª ed., Religião Aberta 2 (Lisboa: Gradiva, 2005), 35–37.

³⁵⁷ Mário Miranda, «A volta do sagrado. Uma avaliação teológica», *Perspectiva Teológica*, n.º 83 (1989): 76.

³⁵⁸ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 42.

³⁵⁹ Cf. Halík, *A tarde do cristianismo*, 86.

³⁶⁰ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 57.

mas sim o facto desta crença «escapar muito largamente ao controlo das grandes igrejas e instituições».³⁶¹

3.2.2. A “crise” da transmissão e a pastoral dos “recomeçantes”

A época em que se vive atualmente «não é uma época de mudanças, mas uma verdadeira mudança de época»,³⁶² porque a importância do papel que as religiões desempenhavam nas diversas sociedades e culturas passou a ter um menor contributo para a vida da população devido à mutação existente.³⁶³ Neste contexto, com a disseminação das crenças, como se assegura a transmissão religiosa de uma geração a outra? A transmissão de princípios é, para qualquer sociedade, a sua sobrevivência, como o é também para a Igreja. A entrada para uma comunidade faz-se através de ritos, que «significam a incorporação social e simbólica dos novos iniciados no grupo».³⁶⁴ Estes ritos conferem a continuidade, a transmissão às futuras gerações. Contudo, os locais primordiais onde se podia encontrar esta continuidade de gerações, estão, atualmente, a perder importância, como por exemplo as escolas, universidades, partidos políticos, entre outros. Neste sentido, segundo Tomás Halík, é necessário a sociedade libertar-se das tentações do egocentrismo, clericalismo, do narcisismo coletivo e também de um isolamento, para um Deus que se revela na esperança e no amor.³⁶⁵ Onde se verifica uma mutação mais expressiva é na instituição de socialização por excelência, isto é, a família. Como nos recorda Danièle Léger, a organização da continuidade das gerações encontra-se completamente modificada. De facto, as instituições religiosas tentam aperfeiçoar o seu método de transmissão através da comunicação da sua mensagem, no entanto, é importante salientar que a crença pessoal não está dependente de uma obrigação de transmissão. Aliás, «a fecundidade e vitalidade futura da Igreja dependem de uma religação com a mais profunda dimensão espiritual e existencial da fé».³⁶⁶

Assim, a busca de uma religião à “escolha de cada um” onde «avança a experiência pessoal e a autenticidade de um percurso de procura, mais do que a preocupação com a conformidade às verdades religiosas»,³⁶⁷ implica uma certa maneira do ser humano pensar acerca de si mesmo, indagar e conquistar a sua identidade pessoal, para além de toda a identidade herdada pela geração anterior à sua. Para um melhor entendimento das transformações e mutações da religião ao longo de todo o Cristianismo, Tomás Halík, na sua obra *A tarde do cristianismo*, aborda três

³⁶¹ Hervieu-Léger, 47.

³⁶² Halík, *A tarde do cristianismo*, 9.

³⁶³ Cf. Halík, 9.

³⁶⁴ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 66.

³⁶⁵ Cf. Halík, *A tarde do cristianismo*, 11.

³⁶⁶ Halík, 11.

³⁶⁷ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 69.

fases de transformações da religião, bem como as mutações entre fé e religião,³⁶⁸ são elas: a *manhã*, em que se dedica ao tempo pré-moderno; o *meio-dia*, o tempo da secularização e a *tarde*, que se torna próxima do cristianismo em que se «anuncia nesta era pós-moderna a desintegração do mundo moderno».³⁶⁹

Pode-se verificar que, na viragem do milénio, houve uma diminuição dos crentes, nomeadamente do cristão militante, aquele que, para além da prática dominical da Eucaristia tem um compromisso regular com o movimento ou paróquia onde está inserido.³⁷⁰ À medida que o compromisso vai sendo menor também o é a identificação com a instituição eclesial, a ponto de se ver a aumentar os denominados crentes sem religião.³⁷¹

Existe uma saturação e desgaste das formas rotineiras de transmissão catequética, nas quais não se tem em conta o método, o conteúdo e o itinerário. Contudo, vai-se percebendo que a crise não está, primeiramente, nos meios de transmissão disponíveis, mas sim, no conteúdo que é transmitido, uma vez que o século XX foi uma época de diversas descobertas psicopedagógicas. Na verdade, a “crise” catequética é sobretudo naquilo que é transmitido. A sociedade contemporânea já não se interessa por aquilo que se transmite porque tudo isso foi perdendo relevância para o mundo hodierno. Neste sentido, podemos definir três públicos diferenciados no que à carência da Iniciação Cristã diz respeito, a saber: cristãos rotineiros,³⁷² cristãos afastados³⁷³ e os “não crentes”, onde, por vezes se encontram muros intransponíveis e até inabaláveis, em algumas situações, num mundo multifacetado e em constante mudança.³⁷⁴ Por isso, «a vida espiritual do indivíduo e da sociedade é um dinâmico campo de energia que está em constante mudança».³⁷⁵

A comunidade paroquial torna-se para muitos, sobretudo adultos, uma “porta de entrada” para a Igreja católica. O querer pertencer a uma comunidade torna-se cada vez mais frequente, particularmente entre universitários, pois aqui podem receber os sacramentos da Iniciação Cristã. Segundo Halík, o crescente número de universitários que uma comunidade teve não se

³⁶⁸ Para um aprofundamento mais exaustivo do assunto aconselha-se a consultar a obra de Tomás Halík *A tarde do cristianismo*.

³⁶⁹ Halík, *A tarde do cristianismo*, 73.

³⁷⁰ Cf. Luís Rodrigues, «Iniciação de adultos: processos e tempos», em *A iniciação cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, ed. António Canavarró, 1ª ed. (Porto: Universidade Católica Editora, 2021), 131.

³⁷¹ Cf. Alfredo Teixeira, ed., «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas», 2012, 6.

³⁷² «Aqueles que participam ocasionalmente na vida da comunidade cristã, mantêm alguma sensibilidade religiosa, não têm dúvida em considerar-se cristãos, mas sem capacidade para dar razões da sua esperança. [...] Mas não se pode dizer que estas pessoas estão afastadas da fé ou que não têm uma fé minimamente solidificada». Rodrigues, «Iniciação de adultos», 132.

³⁷³ «É muito similar ao anterior, só que o seu afastamento da comunidade eclesial foi consumado. Embora ainda se considerem como cristãos, não praticam. [...] No nosso contexto, um número considerável de pais que pedem a catequese para os seus filhos pode inscrever-se nesta categoria». Rodrigues, 132.

³⁷⁴ Cf. Halík, *A tarde do cristianismo*, 27.

³⁷⁵ Halík, 27.

deve apenas às homilias proferidas nas Eucaristias, mas a três pilares da existência cristã: o cultivo de uma fé refletida sendo capaz de um diálogo intelectual com a sociedade agnóstica e anticlerical (mas não ateísta); o cultivo de um constante crescimento pessoal espiritual, isto é, uma abordagem mais contemplativa; e o cultivo do compromisso dos cristãos na sociedade civil.³⁷⁶

Concluindo, a catequese, com o auxílio da mistagogia, terá um árduo trabalho para entrar nesta esfera societária e cumprir com a sua função principal - evangelizar. Como a função primordial da transmissão da fé é fazer despertar em cada pessoa o desejo de conhecer a pessoa de Jesus Cristo, é notória a decadência do sistema tradicional catequético. Como tal, é necessário repensar este modelo para que vá ao encontro das pessoas e das sociedades secularizadas em que hoje vivemos. Há que ter em vista uma “nova reforma”, como nos relata Tomás Halík, como uma «resposta necessária ao atual estado da igreja – e, na medida em que a família de crentes está entrelaçada com todo o tecido da sociedade humana, inevitavelmente transformará a família humana como um todo».³⁷⁷ Por isso, a reforma católica do século XVI que vários místicos³⁷⁸ produziram na Igreja Católica, que se baseia na conversão de espírito e consciência, pode servir de exemplo e inspiração.

A verdadeira reforma deve ser o seguimento de Cristo, buscando sempre Jesus Ressuscitado. Para que isto aconteça é necessário existir «uma evangelização verdadeiramente nova, digna desse nome, tem hoje uma tarefa difícil: buscar o Cristo universal, cuja grandeza muitas vezes é ocultada pelas limitações da nossa visão, pelas nossas tão estreitas perspectivas e categorias intelectuais».³⁷⁹

3.3. Uma proposta de mistagogia na contemporaneidade: A catequese de adultos

Atualmente está-se a refletir acerca das causas que fizeram da Iniciação Cristã dos adultos um tema central da evangelização da Igreja que, a partir das suas preocupações e interesses, atenta aos sinais dos tempos e à leitura da sociedade hodierna pensa um itinerário de Iniciação Cristã de adultos.³⁸⁰

3.3.1. Um novo paradigma de evangelização: uma catequese de adultos de iniciação

³⁷⁶ Cf. Tomás Halík, *O tempo das Igrejas vazias*, trad. Karin Sousa, 1ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2021), 8–9.

³⁷⁷ Halík, *A tarde do cristianismo*, 304.

³⁷⁸ Teresa de Ávila, João da Cruz e Inácio de Loyola, bem como por bispos, como por exemplo, Carlos Borromeu.

³⁷⁹ Halík, *A tarde do cristianismo*, 304.

³⁸⁰ Cf. Rodrigues, «Iniciação de adultos», 129.

A terminologia “catequese de adultos” é, por vezes, muito desprezada, pelo uso do termo clássico de catequese, no entanto, esta pode concretizar-se de diferentes formas: «privadas e públicas, espontâneas e institucionalizadas, sistemáticas e ocasionais».³⁸¹

A verdadeira catequese de adultos é um aprofundamento de fé, daí exigir-se uma “adulter” catequética e não uma catequese superficial, parcial, ocasional ou infantilizada.³⁸² Na verdade, é neste sentido, que a catequese de adultos deve entrar num contexto global de uma ação educacional e pastoral, de modo que haja uma verdadeira conversão e se note a redescoberta do *kerygma* e dos itinerários catecumenais, procurando um novo modelo catequético centrado na comunidade eclesial. O corpo místico de Cristo, a própria existência da Igreja, tem uma estreita ligação ao processo de iniciação, como comunidade de fé.³⁸³

No ponto anterior evidenciamos que o método, conteúdo e itinerário catequéticos se encontram saturados, sendo que, o novo modelo de catequese – catequese de adultos – tem a exigência de descobrir um novo caminho, um novo percurso, bem como um novo entendimento para a catequese na Igreja e na sociedade, onde se passe de uma catequese de sacramentalização, para uma catequese de iniciação, ou seja, de evangelização.³⁸⁴ A catequese de adultos, sendo um modelo catequético, deve ser um caminho de catecumenado batismal que leve o adulto convertido à confissão da fé cristã que recebe no sacramento do Batismo.³⁸⁵ Por isso, o modelo mais adequado de catequese é aquele que introduz o crente «numa experiência viva, pessoal e comunitária de fé».³⁸⁶

Aos olhos de muitos, o facto de se ter frequentado a catequese na adolescência e ir à Eucaristia ao Domingo, é o suficiente para um longo caminho de fé. Na verdade, existe um número reduzido de cristãos que pretendem aprofundar a sua fé «através da oração, retiros, peregrinações, formação, leitura pessoal»,³⁸⁷ o que faz com que os alicerces da vida cristã de cada um cedam e não demonstrem a solidez que é esperada. A “Iniciação Cristã” tem sido ignorada até ao ponto de «na comunidade cristã se constatar que um número considerável de cristãos não tem a sua identidade e opção cristãs devidamente alicerçadas».³⁸⁸ Este leque reduzido de cristãos coloca na sua hierarquia como o momento mais importante de formação espiritual o tempo da homilia ou o tempo de sermão em dias de festa. Com efeito, muitos dos

³⁸¹ Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 164.

³⁸² Cf. Gonçalves, 163.

³⁸³ Cf. Bernardino Costa, «Ritual da Iniciação Cristã de Adultos: uma leitura dos Praenotanda», em *A iniciação cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, ed. António Canavarro, 1ª ed. (Porto: Universidade Católica Editora, 2021), 124.

³⁸⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 152.

³⁸⁵ Cf. Rodrigues, «Iniciação de adultos», 134.

³⁸⁶ Rodrigues, 135.

³⁸⁷ Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 152.

³⁸⁸ Rodrigues, «Iniciação de adultos», 130.

que ajudam nas paróquias de onde são originários não têm formação e sentem que não existe necessidade para tal, mesmo aqueles com responsabilidades pastorais.³⁸⁹

É importante consciencializar estas pessoas da insuficiência da “boa vontade” e da importância da formação para um adequado desempenho das suas funções, não se podendo dar por adquirida a fé e a tradição da Igreja, mas iniciar um percurso pedagógico

do anúncio de Cristo e do Evangelho, isto é, pensar num processo contínuo de crescimento e amadurecimento na fé, onde a iniciação já não é entendida no sentido tradicional, como preparação para os sacramentos de iniciação, mas como processo de introdução e aprofundamento da vida batismal, onde os próprios sacramentos de iniciação participam dessa mesma função.³⁹⁰

Assim sendo, a iniciação nos mistérios de Cristo deve ter um carácter permanente, pois a realidade em que a sociedade se encontra atualmente alterna entre momentos de fé, de dúvida, de procura pelo religioso, bem como de momentos de grande indiferença.³⁹¹

Nos dias de hoje, a expressão “iniciação à vida cristã” é sobretudo usada não tanto para referenciar à iniciação aos sacramentos, «mas à proposta de percursos adaptados às várias idades e experiências das pessoas»,³⁹² evidenciando a importância da aprendizagem pessoal de cada um e considerando a catequese como proposta e não como algo obrigatório. Deve haver uma catequese atenta aos iniciantes, bem como aos que recomeçam uma vida de fé, seja qual for a faixa etária, concebendo uma ligação vital com a comunidade cristã.³⁹³

A sociedade é convidada a olhar para o catecumenado, bem como tudo o que o constitui, como referência para o que pretende ser uma catequese missionária e «capaz de propor itinerários de iniciação que ajudem à reapropriação personalizada da fé».³⁹⁴ De facto, como sublinha o *Diretório Geral da Catequese*: «a catequese pós-batismal, sem que tenha que decalcar a configuração do catecumenado batismal e reconhecendo aos catequizandos a sua realidade de batizados, deverá inspirar-se nesta “escola preparatória da vida cristã”, deixando-se fecundar pelos principais elementos que a caracterizam» (DGC 91). Assim, a inspiração catecumenal leva a que o olhar se volte para o setor adulto, percebendo que, apesar da atividade catequética ser para todas as idades, «a catequese das diferentes etapas da vida tem de ter como referência essencialmente a Catequese de Adultos».³⁹⁵

³⁸⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 152.

³⁹⁰ Gonçalves, 153.

³⁹¹ Cf. Gonçalves, 153.

³⁹² Gonçalves, 153.

³⁹³ Cf. Gonçalves, 153.

³⁹⁴ Gonçalves, 153.

³⁹⁵ Gonçalves, 154.

3.3.2. *Comunidade eclesial e a evangelização como pilares da catequese de adultos*

De acordo com a realidade hodierna, cada vez mais a comunidade eclesial tem de ser «origem, lugar e meta da catequese» (DC 133). A comunidade é o seio primordial onde se pode realizar uma experiência cristã e onde se nasce para a fé, onde se cresce como crente e onde se pode comprovar uma «fé adulta se a mesma for vivida no Corpo de Cristo».³⁹⁶ Como a experiência de fé é uma experiência de comunhão e esta deriva de um dinamismo comunitário, a experiência de fé é uma descoberta paulatina do mistério da vida em comunidade. Assim, toda a comunidade se torna responsável por inserir e proporcionar a quem o deseja a imersão na experiência cristã (cf. AG 14). Neste sentido, deve haver uma «ação permanente da inteira comunidade cristã, onde ganha a importância do “crescer juntos”, num tempo marcado pela privatização da fé».³⁹⁷

A ligação entre ação catequética e comunidade, missão e iniciação deve ter uma relação duradoura, pois uma pastoral da iniciação deve ter a disponibilidade de acompanhar o movimento de fé de todos aqueles que irão estar na caminhada para os sacramentos, bem como na descoberta e no aprofundamento da fé ao longo da sua vida cristã. Fala-se de um processo onde a fé se possa transmitir, acima de tudo, através do testemunho à maneira de uma experiência vivencial partilhada.

Na verdade, um novo modelo catequético, não querendo referir que seja um modelo estanque como a única solução para a questão em aberto da evangelização nos dias de hoje, deve oferecer uma catequese que olhe para a comunidade eclesial, tenha como pilar a educação para a comunhão e a participação na vida eclesial da própria comunidade. Assim, a catequese de adultos não é vista como algo estanque e isolado, mas integral e integrada dos «vários processos educativos, segundo o ritmo das pessoas».³⁹⁸ O novo modelo catequético desafia a que se passe da noção de catequese que inicia para os sacramentos à noção de que os sacramentos contribuem para essa iniciação e que fazem parte dela.³⁹⁹ Com isto não se quer dizer que haja um divórcio entre catequese e liturgia mas, pelo contrário, é na lógica da iniciação que a catequese e a liturgia se integram e se complementam, pois, «se verdadeiramente a Eucaristia é fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, temos de concluir, antes de mais, que o caminho de Iniciação Cristã tem como ponto de referência tornar possível o acesso a tal

³⁹⁶ Gonçalves, 154.

³⁹⁷ Gonçalves, 154.

³⁹⁸ Gonçalves, 155.

³⁹⁹ Cf. Gonçalves, 156.

sacramento» (SaC 17), isto porque «é a participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa, em nós, o que recebemos no Batismo» (SaC 17).

Assim sendo, uma catequese de adultos centrada na vida litúrgica da comunidade cristã, que «procure integrar o ensino da catequese, a descoberta experimental da vida cristã e a celebração eucarística»,⁴⁰⁰ vem dar resposta ao desafio que Bento XVI propõe na *Sacramentum Caritatis*: «que o cristão seja ajudado, pela ação educativa das nossas comunidades, a amadurecer cada vez mais até chegar a assumir na sua vida uma orientação autenticamente eucarística, de tal modo que seja capaz de dar razão da própria esperança de maneira adequada ao nosso tempo» (SaC 18).

É evidente que a catequese de adultos terá de ser pensada num quadro pastoral, tendo como profundo objetivo renovar interiormente a humanidade de cada pessoa, no interior da própria comunidade eclesial, partindo de uma evangelização não geográfica, mas antropológica, dado o facto de as culturas serem as novas missões nos dias de hoje, mas nunca esquecendo o modelo mistagógico. Não se pode olhar para um simples “remendar” pastoral, mas sim «projetar para uma nova forma de agir, apontando numa autêntica conversão pastoral».⁴⁰¹

De facto, o foco, atualmente, e neste estudo, são os adultos porque nos dias de hoje a própria evangelização é maioritariamente na fase adulta, sempre com um modelo adaptado à idade, mas, como referido supra, nunca esgotando os modelos paroquiais, aliás, partindo sempre do modelo mistagógico da Igreja Primitiva. Contudo, como nos relata o RICA, é necessário ressaltar que, no âmbito da evangelização, nunca se deve retirar da “equação” um anúncio a jovens e crianças.

A incidência na fase adulta é simples, visto que a experiência da catequese dita “normal”, ou seja, a frequência nos dez anos de catequese, está a entrar em decadência; daí estarem a surgir novas linhas catequéticas de evangelização – primeiro anúncio -, nomeadamente na fase adulta, como é o caso dos grupos *Alfa*, *Caminho Neocatecumenal*, entre outras.

A catequese tem vivido “em esforço” devido à carência da primeira evangelização que tradicionalmente era assegurada pela família, em casa, e que nos dias de hoje não acontece. De facto, comprova-se que, hoje, os meios de comunicação social, a escola e, muitas vezes, a própria família, estão aliados em conflito com a fé cristã, pelo que não se pode ter a ilusão que «basta juntar qualquer coisa à catequese para a tornar de novo eficaz: é todo o processo do tornar-se cristão que deve ser repensado».⁴⁰²

⁴⁰⁰ Gonçalves, 156.

⁴⁰¹ Gonçalves, 158.

⁴⁰² Sergio Lanza, *La parrocchia in un mondo che cambia situazioni e prospettive*, 1ª ed., Appunti di Teologia (Roma: Editrice OCD, 2004), 119.

Assim, a catequese de todas as idades, onde a catequese de adultos se inclui, deve ser pensada não de uma forma isolada, mas no seio de uma pastoral de educação cristã para toda a comunidade eclesial, porque a catequese ganha força se trabalhar em sinergia tanto com a escola, como com a família e nos demais âmbitos de educação. A catequese deve ser, cada vez mais, personalizada, surgindo assim a urgência em pensar um modelo catequético que «disponha e capacite para uma opção de fé livre, consciente e pessoal».⁴⁰³ Deve-se levar ao encontro dos fiéis uma pedagogia em que eles possam aprender a discernir a realidade humana à luz do Evangelho.

3.3.3. *Catequese de adultos como testemunho e compromisso em favor do Reino de Deus*

A Conferência Episcopal Portuguesa insere a catequese de adultos no contexto de «nova evangelização»,⁴⁰⁴ conferindo-lhe uma existência vital,⁴⁰⁵ uma profunda renovação pastoral, dado que, é missão da catequese «iniciar os cristãos para um compromisso evangelizador, tendo presente que se trata de possibilitar que eles sejam efetivamente crentes».⁴⁰⁶

Por conseguinte, para uma renovação pastoral e catequética, é necessária a deslocação do centro de atenção do praticante para a promoção do mesmo, tendo como objetivos a maturação da fé e o seu testemunho, dispendo a Igreja em permanente evangelização.⁴⁰⁷ Num mundo cada vez menos cristão, é necessária, para a Igreja, uma proposta de dinâmica missionária focada sobretudo no “primeiro anúncio” – *kerygma* -, o que implica um voltar-se para o fundamental da fé.⁴⁰⁸ Neste sentido, uma catequese de adultos em chave de evangelização procurará amadurecer a opção fundamental por Jesus Cristo em ordem a uma fé adulta.

Testemunho

A proposta da fé realiza-se através da transmissão do conteúdo Revelação, desdobrado no «testemunho da fé dos apóstolos e das comunidades».⁴⁰⁹ No entanto, as respostas devem ir ao encontro das interpelações que os “sinais dos tempos” nos oferecem (cf. GS 4). É assim que as comunidades eclesiais devem ser iniciadoras e testemunhas da fé cristã, não podendo ser somente *depositum fidei*, mas também transmissoras daquilo que receberam, pois a transmissão

⁴⁰³ Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 160.

⁴⁰⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», 2017, n.º 49.

⁴⁰⁵ Cf. Emilio Alberich e Ambroise Binz, *Catequesis de adultos: elementos de metodología*, 1ª ed. (Madrid: Editorial CCS, 2005), 35.

⁴⁰⁶ Alves, «Catequese de Adultos», 123.

⁴⁰⁷ Cf. Alves, 123.

⁴⁰⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», n.º 49.

⁴⁰⁹ Rodrigues, «Iniciação de adultos», 143.

da fé «implica que quem recebe se torne, ele próprio, um transmissor»,⁴¹⁰ como nos recorda São Paulo «transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi» (1Cor 15, 3).

De facto, as comunidades cristãs tornam-se testemunhas quando alguém comunica a pessoa Cristo, através das suas ações, gestos, palavras. Neste caso, «pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical» (SaC 85). A Igreja é sacramento de Cristo, por isso, pelo seu testemunho divulga o amor salvífico do Filho de Deus, bem como a sua redenção.

Recorrendo à *Mensagem ao Povo de Deus* de Paulo VI, do Sínodo de 1977, a mesma declara que a catequese, entendida como processo de iniciação, é Palavra, Memória e Testemunho (cf. AAS 69). Assim sendo, o testemunho das comunidades cristãs atesta o testemunho que Cristo dá do Pai, e vice-versa, por via das obras que Jesus realiza, no Espírito Santo. Não obstante, o testemunho cristão das comunidades passa de uma vivência comunitária para uma profissão de fé. Neste sentido, a autoridade da transmissão será tanto maior quanto maior for a configuração à vida e aos sentimentos de Jesus dos membros das comunidades cristãs.

Compromisso

A integração de uma comunidade cristã na sociedade torna presente a *Historia Salutis* no meio do mundo, o que faz de ambos locais onde Deus continua a mostrar a sua presença. O tema e a expressão “sinais dos tempos” recorda que o crente tem e deve ter sobre o mundo um olhar penetrante e profundamente evangélico para o poder compreender em profundidade, bem como a renovação evangélica de que este necessita.

Neste sentido, o Concílio Vaticano II inaugura um modo novo da Igreja estar presente no meio dos humanos, como se percebe nos vários documentos redigidos ao longo deste concílio, particularmente através da expressão já mencionada dos “sinais dos tempos”, definida de modo eloquente na *Gaudium et Spes*:

para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático (GS 4).

⁴¹⁰ Rodrigues, 143.

Apesar desta expressão remontar a Jesus, no Evangelho, no Concílio ganhou uma nova camada de sentido. A primeira alteração aconteceu relativamente à sua autocompreensão, entendendo-se a comunidade cristã como serva da Palavra de Deus, aquela que busca sempre a Verdade⁴¹¹ e se coloca à disposição para acompanhar todos aqueles que a querem conhecer.

Através dos “sinais dos tempos” a Igreja percebe que é pobre, e que a sua riqueza deve ser a solidariedade das comunidades; percebe que deve deixar de se apresentar como Mestra, pois há um só Mestre, Jesus Cristo (cf. Mt 23, 10); e descobre-se a si mesma, bem como um novo modo de se posicionar entre as culturas e as sociedades. Os “sinais dos tempos” conduzem a Igreja a um posicionamento e compromisso mais universal, em que vai ao encontro das aspirações humanas de toda a sociedade. O discernimento destes “sinais” pode ser, também, considerado um local onde poderá existir o diálogo entre o crente e o não-crente, onde os “sinais” devem «criar consenso»,⁴¹² e em que o não-crente é também capacitado para um compromisso coerente onde se veja a verdade acerca do homem e sobre a criação.

3.3.4. *Importância da catequese mistagógica hoje*

Como já referido, a catequese de adultos de inspiração catecumenal tem por objetivo promover uma iniciação à vida cristã, devendo estar ambientada em contexto litúrgico, com destaque para a celebração eucarística. O episcopado português enfatiza a importância da vivência da liturgia para a catequese mistagógica, isto é, «o conhecimento vivencial dos ritos e símbolos, do silêncio, da linguagem e do canto que, nas celebrações, nos põem em contato com o mistério da presença de Cristo».⁴¹³ Assim, através da mistagogia os catequizandos podem interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, compreendendo o seu significado nas diferentes dimensões da vida cristã. Esta abordagem permite um maior e melhor aprofundamento no conhecimento do mistério de Cristo.

A catequese de adultos é uma catequese mistagógica que procura cimentar a ligação da pessoa a Cristo mediante o aprofundamento do sacramento do Batismo que «rasgará novos horizontes de interpretação e expressão de vida».⁴¹⁴ Após uma experiência vital com Cristo, a mistagogia conduz a um aprofundamento, reflexão e partilha, convergindo num encontro com

⁴¹¹ «Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não são capazes de as compreender por agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há de vir. Ele há de manifestar a minha glória, porque receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer» (Jo 16, 12-15).

⁴¹² Rodrigues, «Iniciação de adultos», 149.

⁴¹³ Conferência Episcopal Portuguesa, «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», 27.

⁴¹⁴ Alves, «Catequese de Adultos», 141.

peças de diversas idades,⁴¹⁵ daí que favoreça a inserção no mistério e descoberta de Deus, a partir do encontro com o Verbo Encarnado.⁴¹⁶

Para que uma catequese de adultos se possa configurar como mistagógica tem de se centrar num encontro, profundo e autêntico, com Cristo, não somente ao nível da compreensão, mas de um encontro vital, num caminho catequético vivido em comunidade.

3.3.5. *Sugestões de realização da catequese de adultos*

Tendo presente a opção do modelo da catequese de adultos, mas sem esquecer que é apenas uma solução entre tantas outras, para onde devem convergir as práticas catequéticas, exporemos linhas de reflexão pastoral catequética que poderão originar elementos para um melhor entendimento e enquadramento da própria catequese de adultos. De facto, os diferentes modelos catequéticos que as experiências cristãs revelam podem ser *inputs* importantes para o discernimento de novos itinerários que a catequese pode tomar,⁴¹⁷ tendo sempre presente e partindo sempre do modelo mistagógico da Igreja Patrística.

Por conseguinte, a catequese de adultos não aporta um só modelo de catequese, visto que existem diversos percursos e formas de proporcionar o aprofundamento da fé aos adultos, a partir da sua situação concreta de vida de cada um⁴¹⁸ ou como podemos verificar com o modelo dos grupos Alfa, através da experiência missionária de primeiro anúncio que é o *Caminho Neocatecumenal*, entre outros. Neste sentido, apresentaremos três sugestões de reflexão e prática catequética, a saber: a catequese intergeracional, a catequese de inspiração catecumenal e a catequese generativa.⁴¹⁹

Estas propostas não serão desenvolvidas de forma exaustiva, sendo explanadas apenas as características principais de cada linha de pensamento, que procuram responder à “crise” de transmissão existente na sociedade de hoje, bem como ao fenómeno da secularização.

Catequese intergeracional

Antes de qualquer reflexão é necessário clarificar dois termos usados adiante: o termo *intergeracional* e *catequese intergeracional*. No que concerne ao termo *intergeracional* este consiste na «interação de pessoas de idades muito diferentes»,⁴²⁰ ao passo que *catequese*

⁴¹⁵ Cf. Tiago Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé: A urgência da pastoral de gestação* (Prior Velho: Paulinas, 2016), 252–53.

⁴¹⁶ Cf. Luc Aereus, *La catequesis del camino: Una apuesta práctica familiar, comunitaria e intergeneracional*, trad. José Cursach (Santander: Sal Terrae, 2007), 30.

⁴¹⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 135.

⁴¹⁸ Cf. Gonçalves, 77.

⁴¹⁹ Cf. Alves, «Catequese de Adultos», 61.

⁴²⁰ Allan Harkness, «Una catequesis intergeneracional», em *Nuevos caminos para la catequesis hoy*, ed. Henri Derroitte, trad. José Cursach, 15 (Santander: Editorial Sal Terrae, 2008), 60.

intergeracional «é aquela que se realiza em condições onde os que participam representam grupos de idade diferentes, nos quais se favorece a igualdade e reciprocidade».⁴²¹

Como referido anteriormente, o modelo tradicional catequético, com a divisão por idades, tem sido insuficiente, pelo que muitos dos esforços de renovação catequéticos devem passar por uma experiência de catequeses intergeracionais onde a catequese de adultos poderá ter maior sucesso sem a exclusão dos adultos das demais faixas etárias.⁴²² De facto, a opção pela intergeracionalidade fundamenta-se no facto de que a comunidade é, *per se*, intergeracional, sendo a liturgia um local primordial de catequese e iniciação à fé.⁴²³ Deste modo o ensino catequético deverá ser um ensino permanente, suprimindo a sectorização das faixas etárias.⁴²⁴

Neste sentido, é importante referir que o conceito de *intergeracionalidade* não é somente um encontro entre pessoas de idades diferentes, mas sim um encontro de vivências, num grupo intergeracional, em que existe um processo consciente onde os diversos membros do grupo desempenham ações através das suas experiências e aprendizagens, de modo que haja um crescimento humano e espiritual no seio do grupo.⁴²⁵

Assim sendo, não basta chamar um grupo com pessoas de idades diferenciadas, mas estimular «diferentes elementos de interação nesses grupos».⁴²⁶ É certo que o grupo apresentará pessoas com diferentes níveis de maturidade de fé, o que não é uma desvantagem, pois os níveis mais elevados de maturidade podem ser “motores” para que outros possam ter horizontes de interpretação da vida à luz da fé e, assim, constituir um enriquecimento para todos de forma a que a fé possa criar dinâmicas de criação permanente.⁴²⁷

Neste sentido, uma catequese intergeracional não se condensa a um «método pastoral e catequético, mas oferece a ocasião para se refletir de forma ampla sobre a maneira de se fazer Igreja e comunidade, com a finalidade de se abrir caminho a uma nova evangelização descomplexa e radiante».⁴²⁸

Catequese de inspiração catecumenal

⁴²¹ Harkness, 60. Todas as citações foram por nós traduzidas.

⁴²² Cf. Aerens, *La catequesis del camino*, 67.

⁴²³ Cf. Maria Isabel Oliveira, *Catequese Intergeracional: Desafios e propostas para comunidades e famílias* (Porto: Edições Salesianas, 2007), 9.

⁴²⁴ Cf. Oliveira, 15.

⁴²⁵ Cf. Oliveira, 9.

⁴²⁶ Alves, «Catequese de Adultos», 69.

⁴²⁷ Cf. Alves, 69.

⁴²⁸ Alves, 72.

A apresentação deste modelo de catequese, no contexto atual, pode ser uma solução para a renovação pastoral catequética, ilustrando um «caráter comunitário e intergeracional, que pretenda constituir o centro de toda a prática pastoral de cada comunidade cristã».⁴²⁹ De facto, esta reflexão catequética congrega potencialidades de um embrionário modelo de catequese, mas também uma inspiração para uma catequese familiar.⁴³⁰

Neste sentido, este modelo catequético conduz a um processo de renovação da própria catequese, com a urgência de implementar uma catequese de adultos caracterizada pela intergeracionalidade. Deste modo, a catequese de adultos, tendo por base a proposta basilar de uma «liberdade de escolha pessoal da fé»,⁴³¹ pode ser uma forte possibilidade para cada adulto aprofundar a sua fé e descobrir a Palavra de Deus, fora de um modelo fechado e incapaz de comunicar, como tem sido a catequese tradicional.

O *Diretório Geral da Catequese* evidencia a necessidade de um projeto diocesano que envolva a comunidade paroquial, na sua totalidade, num pensamento homogéneo de catequese, apresentando um modelo de catequese que o oriente para um itinerário, apontando fundamentos prioritários que fundamentam o bom empreendimento do caminho catequético.⁴³²

Um dos caminhos a ter em conta é a apresentação de um convite que conduza a Jesus Cristo através da Palavra de Deus, que pode ter origem através da própria comunidade paroquial, constituindo assim uma estrutura comunitária de catequese.⁴³³ Embora seja denominada como catequese de adultos, é uma catequese aberta a toda a comunidade, na qual a participação é voluntária, não havendo a obrigação de comparecer com uma regularidade definida.⁴³⁴ Apesar de ser um grupo em que o foco é o texto bíblico, também se podem oferecer atividades que tenham como horizonte a Eucaristia, a formação litúrgica, bem como o serviço caritativo.⁴³⁵

Um outro caminho possível é o estabelecimento de uma catequese familiar em que os adultos são acompanhados pela comunidade paroquial nas práticas de fé que realizam em família. Por isso, é importante ter uma especial atenção aos pais jovens, dos 25 anos aos 40 anos, e aos filhos, dos primeiros anos aos 6 anos,⁴³⁶ sem esquecer os avós, criando uma catequese de caráter familiar que envolva toda a comunidade num espírito de relação fraterna.⁴³⁷

⁴²⁹ Alves, 77.

⁴³⁰ Cf. Vasco Gonçalves, *A catequese familiar: reflexões e propostas de trabalho*, Educação ao longo da vida 3 (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011), 32.

⁴³¹ Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 136.

⁴³² Cf. Gonçalves, *A catequese familiar*, 34.

⁴³³ Cf. Aeren, *La catequesis del camino*, 71.

⁴³⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos*, 138.

⁴³⁵ Cf. Gonçalves, *A catequese familiar*, 35.

⁴³⁶ Cf. Gonçalves, 35.

⁴³⁷ Cf. Aeren, *La catequesis del camino*, 72.

Uma outra prioridade é a criação de “lugares-espaço” onde se possam intensificar os laços afetivos, ou seja, locais de convívio, de encontro, de partilha, com vista ao aprofundamento do sentido da vida humana e religioso,⁴³⁸ sendo um serviço que a comunidade paroquial oferece à sociedade, neste caso em particular, à paróquia.⁴³⁹

Uma outra prioridade importante, que é necessário ter em conta, é o desenvolvimento de um catecumenado batismal, no qual pertence à comunidade paroquial o acolhimento e acompanhamento, bem como a formação dos adultos que se aproximam do cristianismo em busca de sentido das suas vidas.⁴⁴⁰ Deste modo, será conveniente a criação de um serviço diocesano cuja principal missão seria conceber e acompanhar este novo projeto catequético.⁴⁴¹

Esta reflexão catequética orienta-se, em primeiro lugar, para os adultos, e assenta na possibilidade que todos têm de ter um encontro com Cristo, valorizando a importância da comunidade paroquial; a promoção de uma catequese familiar, tendo a sua ação como ponto central no adulto e na sua família, permitindo um diálogo entre catequese e liturgia, Bíblia e serviço caritativo, valorizando também os locais simbólicos de uma primeira evangelização.⁴⁴²

A catequese de inspiração catecumenal é, por um lado, um projeto que deve englobar a conversão da comunidade na sua totalidade de forma que o anúncio do Evangelho chegue a todos, principalmente àqueles que estão à margem; por outro lado, “esta” catequese altera de forma profunda o processo tradicional catequético, bem como os processos tradicionais de preparação dos sacramentos da Iniciação Cristã, colocando a catequese em diversos âmbitos: comunitário, intergeracional e permanente.⁴⁴³ Cabe à comunidade oferecer aos adultos encontros de preparação catequéticos para a receção dos sacramentos, podendo ainda a comunidade oferecer ajuda na reflexão acerca dos próprios sacramentos.

Catequese generativa

Ao longo deste estudo, temos demonstrado como as diversas mutações sociais, culturais e religiosas levaram a uma urgência de conversão pastoral nos teólogos, nos agentes pastorais e no Magistério, procurando novas perspetivas pastorais.⁴⁴⁴ Todas estas mutações têm apontado para a necessidade de uma transformação, ou seja, tem-se procurado compreender o momento de crise eclesial. Por um lado, há uma rutura com a forma tradicional do cristianismo que enfrenta uma crise profunda; por outro lado, podemos evidenciar que esta crise eclesial é

⁴³⁸ Cf. Gonçalves, *A catequese familiar*, 35.

⁴³⁹ Cf. Aerens, *La catequesis del camino*, 73.

⁴⁴⁰ Cf. Aerens, 75.

⁴⁴¹ Cf. Gonçalves, *A catequese familiar*, 36.

⁴⁴² Cf. Gonçalves, 36–37.

⁴⁴³ Cf. Alves, «Catequese de Adultos», 83.

⁴⁴⁴ Cf. Maria Matteo e Francisco Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito: fundamentos de uma pastoral de geração*, trad. Artur Guerra (Prior Velho: Paulinas, 2016), 14.

um espaço de generatividade, pois não se trata do *terminus* da fé cristã, mas sim de uma reconfiguração nas sociedades hodiernas. Vários teólogos sugerem adotar uma nova vertente pastoral, que é a *pastoral de gestação*. Esta nova vertente envolve cultivar um estilo baseado em relações interpessoais marcadas por gratuidade, amor e reciprocidade, tendo por objetivo principal o desenvolvimento da identidade humana e espiritual.⁴⁴⁵

Não obstante, esta urgência de renovação na transmissão da fé requer também uma renovação catequética, pelo que passa a existir a transição de uma pastoral de reprodução e enquadramento para uma pastoral de gestação. Essa mudança não visa apenas a conservação de práticas tradicionais, mas também a promoção de uma pastoral generativa, que se coloca ao serviço do que está por nascer. Assim, a pastoral de gestação encontra inspiração na convicção de que é necessário deixar-se “germinar” para uma vida nova, graças à Palavra de Deus.⁴⁴⁶

Os autores nesta linha de reflexão pastoral, nomeadamente teólogos da zona francófona, ligados à espiritualidade inaciana, destacam que o termo “gestação” está repleto de significados relacionados à existência humana e referentes ao dom da vida, à complementaridade entre os géneros masculino e feminino, entre outros.⁴⁴⁷ O estilo pastoral associado à gestação da vida envolve um discernimento da ação de Deus tanto na sociedade como na vida das pessoas.⁴⁴⁸ De facto, a fé cristã está a passar por um recomeço generalizado, com a morte de uma forma tradicional de cristianismo e o surgimento de novas maneiras de vivenciar a fé. Trata-se de um tipo de pastoral que ouve as aspirações presentes e se coloca ao serviço, em que os cristãos são convidados a adotar mudanças de perspetiva, permitindo que as opções pastorais se tornem mais significativas no futuro próximo.⁴⁴⁹

A pastoral generativa é caracterizada pela estreita relação entre a gestação da vida e a gestação da fé, pois a transmissão da vida está intrinsecamente ligada à transmissão da fé.⁴⁵⁰ Por isso, a comunicação da fé não se limita à mera transmissão de doutrinas, mas circunda um processo espiritual e mistagógico. Assim, adotando uma posição de discernimento, devemos aprender a olhar para o quotidiano de uma forma diferente, isto porque a convicção fundamental é que a transmissão da fé ocorre principalmente através da experiência pessoal de Deus, não por meio de discursos eloquentes sobre Ele.⁴⁵¹

⁴⁴⁵ Cf. Alves, «Catequese de Adultos», 86.

⁴⁴⁶ Cf. Alves, 86.

⁴⁴⁷ Cf. Philippe Bacq, «Para uma pastoral de gestação», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, trad. Maria Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2004), 19–20.

⁴⁴⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé: A urgência da pastoral de gestação*, 178.

⁴⁴⁹ Cf. Odil Dumas e Philippe Bacq, «Palavra de Deus e pastoral de gestação», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, trad. Maria Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2004), 132.

⁴⁵⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé: A urgência da pastoral de gestação*, 213.

⁴⁵¹ Cf. Pierrette Daviau, «Espiritualidade de gestação e praxis pastoral», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, trad. Maria Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2004), 182–83.

A catequese “tradicional” tem enfrentado desafios face às mutações socioculturais. Contudo, a tentativa de mudança envolve o uso de uma linguagem adequada a tornar a mensagem compreensível.⁴⁵² É importante abandonar a linguagem moralizante e redescobrir elementos que fortaleçam a mensagem evangélica, sendo a busca por criatividade uma resposta à crise da transmissão da fé, mas não sendo uma garantia absoluta.⁴⁵³

Em suma, no contexto da pastoral generativa, a crise que afeta a catequese é vista como uma oportunidade. Desta forma, a catequese passa a ser vista como um laboratório onde se enfrentam dificuldades, resistências e surpresas ao criar condições para gerar e apropriar-se da fé. Assim sendo, neste cenário, surge um novo paradigma de catequese, inspirado no estilo de pastoral generativa «voltando a atenção ao princípio evangélico que abandona o pessimismo e destrói as seguranças das estruturas tradicionais»,⁴⁵⁴ protegendo a liberdade de adesão à fé individual colocando em evidência os sinais da presença de Deus.

3.3.6. *Síntese: Um encontro com os três modelos catequéticos*

O Magistério da Igreja tende a ter uma opção de conversão pastoral, passando da prática catequética tradicional, típica na época da cristandade, para uma prática pastoral evangelizadora, que tem como centro uma catequese de adultos. Os três modelos catequéticos apresentados são uma possível resposta, ao modelo tradicional de catequese. Todos eles partem da confirmação de que o atual modelo de catequese está em crise, entrevedo que os modelos de catequese de adultos têm na comunidade cristã e na intergeracionalidade os seus fundamentos. Assim, são apresentadas diversificadas propostas de catequese que podem ser implementadas nas comunidades cristãs, segundo uma orientação de cada modelo catequético.

A catequese intergeracional, promovida e desenvolvida por Isabel Oliveira, na Diocese do Porto, escolhe um paradigma pneumático; combinando pedagogia da iniciação com catequese permanente, visa o crescimento pessoal e comunitário da fé. A catequeta portuense propõe que a comunidade cristã seja o local central da catequese, incentivando a participação de todas as gerações, bem como a partilha das experiências de fé.

Por sua vez, a catequese de inspiração catecumenal, baseada nas reflexões de Henri Derroitte e Luc Aereus, busca uma transição do modelo tradicional para uma abordagem comunitária e intergeracional. Essa proposta visa promover o crescimento na fé no interior da comunidade, permitindo que pessoas de todas as idades e condições participem livremente.

⁴⁵² Cf. Alves, «Catequese de Adultos», 94–95.

⁴⁵³ Cf. Alves, 95.

⁴⁵⁴ Alves, 95.

Por fim, a catequese generativa pretende reler o tempo atual como uma oportunidade de anúncio do Evangelho, partindo da necessidade de ultrapassar o modelo de pastoral de enquadramento para uma pastoral em que possa haver geração de fé na vida das pessoas e uma vida autêntica, estando aberto à surpresa do Espírito. Assim, cabe à família ser o local intergeracional e o âmago da comunidade, para que esta seja geradora, nos seus filhos, de fé e da vida nova em Cristo.

3.4. O impacto da catequese de adultos na nova evangelização

De acordo com o vasto número de adultos a aderirem/voltarem à fé, a importância da catequese de adultos, nos dias de hoje, ao ritmo de uma «nova evangelização»,⁴⁵⁵ a opção pela evangelização concede à catequese de adultos um testemunho vital provocando uma autêntica renovação pastoral, dando à catequese novas ações evangelizadoras, sem retirar os jovens e crianças como o RICA propõe e que muitas paróquias do nosso país aderiram,⁴⁵⁶ bem como dioceses da Conferência Episcopal Francesa que decidiram adotar os modelos de catequeses familiares e catecumenais/primeiro anúncio, como é proposto pelo RICA (cf. Preliminares RICA 19).

Por conseguinte, uma catequese de adultos ao ritmo da nova evangelização requer-se que seja «adaptada ao nível de conhecimento e vivência da fé dos seus destinatários e das circunstâncias de vida em que se encontram».⁴⁵⁷ Logo, a diversidade de caminhos pessoais faz com que a catequese trabalhe a partir de diversas pedagogias,⁴⁵⁸ porque o adulto não é uma “tábua rasa” que se apresenta à Igreja como alguém que necessita de ser preenchido com conteúdos doutrinários e experiências, mas sim, como alguém que pretende renovar o que já sabe.

Devido aos diferentes estados de vida das pessoas que se apresentam à Igreja, a catequese deve descobrir caminhos diversificados que possam cruzar as vidas destas pessoas e que permitam que a mensagem cristã seja transmitida, através de uma pedagogia de fé adequada. Todavia, é importante que a catequese valorize a pessoa na sua singularidade, procurando encontrar-se com cada uma e criando uma forma de anúncio individual que ressoe na vida de cada um de uma maneira significativa.

De facto, uma experiência catequética em que não sejam consideradas as interrogações e necessidades das pessoas, que apresente a doutrina cristã como um absoluto e que dispense

⁴⁵⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», 41.

⁴⁵⁶ Como podemos encontrar nos modelos catequéticos de Vasco Gonçalves, autor que seguimos na abordagem ao tema da mistagogia na “nova evangelização”.

⁴⁵⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», 40.

⁴⁵⁸ Cf. Alves, «Catequese de Adultos», 125.

complementos, está em risco de falhar o objetivo de formar pessoas adultas na fé.⁴⁵⁹ Por outro lado, uma catequese em que esteja subjacente a diversidade, que parta da realidade de cada pessoa e do grupo, possibilita que os destinatários possam iniciar um percurso de fé encarnado na História de Salvação de cada um, constituindo-se assim num conjunto de atividades, sob uma pedagogia pastoral customizada e personalizada.⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ Cf. Alves, 126.

⁴⁶⁰ Cf. Aereus, *La catequesis del camino*, 63. Toda a informação consultada foi por nós traduzida.

CONCLUSÃO

Neste trabalho de investigação tentou-se reconhecer a íntima e significativa relação entre mistagogia e evangelização evidenciadas pelo testemunho contido as catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão e de Cirilo de Jerusalém, bem como no estudo e trabalho mistagógico de Agostinho de Hipona. A par destes conceituados Padres da Igreja Primitiva, os estudos produzidos, pelos teólogos relacionados com a evangelização, secularização, a teologia dos sacramentos da Iniciação Cristã e a todo o processo catecumenal dos crentes, foram entradas para uma boa compreensão da experiência mistagógica a ser implementada e conduzida na contemporaneidade. Assim, a riqueza que está subjacente à complexa relação entre mistagogia/experiência mistagógica e evangelização foi a linha condutora que este estudo pretende conduzir até ao seu cume que é o encontro com Cristo.

No primeiro capítulo desta dissertação – *Ao encontro do Mistério* – pretendeu-se desenvolver conceitos como “Iniciação Cristã”, “catequese”, “mistagogia” e “catecumenado”, que permitem chegar à experiência vital do encontro com Cristo Ressuscitado. Deparámo-nos então com a dicotomia: *Do Mistério celebrado ao Mistério vivido*, ou seja, a necessidade de o crente transpor para a vida quotidiana o que celebra na Eucaristia, o banquete onde se celebra o sacrifício da cruz de Cristo, sinal que cada batizado deve ter intrínseco em si.

No que à “Iniciação Cristã” se refere, esta necessidade foi descrita como um processo que inclui os sacramentos da Iniciação Cristã, essenciais para a integração na comunidade cristã, uma experiência pedagógica comunitária de fé, manifestada através da liturgia, testemunho e serviço. A “catequese” foi apresentada como uma pedagogia sistemática da fé cristã, fundamental para a educação cristã e para a vida sacramental, que envolve a pregação da palavra e a instrução necessárias para a conversão e transformação da vida do fiel. No que à “mistagogia” diz respeito, esta foi definida como o aprofundamento da fé através de uma compreensão existencial e experiencial dos sacramentos, um caminho de fé que leva os fiéis a uma vivência mais profunda dos mistérios de Cristo Ressuscitado, ou seja, o caminho que conduz até à Páscoa anual da Ressurreição para depois caminhar até à Páscoa eterna. Como nos recorda o Cónego Luís Manuel, presbítero do Patriarcado de Lisboa, a «mistagogia é a introdução ao mistério, é o caminhar progressivo no mistério para o entender e para o saborear, e depois para o bem viver».⁴⁶¹ Refere o mesmo autor que o local ideal, privilegiado, o momento único onde a receção dos sacramentos da Iniciação Cristã toma a «plenitude da sua significação é a noite santa da Páscoa, é a Vigília Pascal».⁴⁶² Por fim, o “catecumenado” foi descrito como

⁴⁶¹ Silva, *Nascemos da Páscoa*, 314.

⁴⁶² Silva, 7.

um processo essencial para a formação e amadurecimento na fé dos novos membros da comunidade que culmina na celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã.

Este capítulo estabeleceu as bases para uma compreensão da mistagogia, bem como a sua importância na iniciação e educação cristã da vida de cada fiel, preparando o terreno para a discussão mais aprofundada nos capítulos seguintes.

O segundo capítulo incidiu na evolução da estrutura das comunidades cristãs nos séculos III e IV, um período marcado pelo Império Romano, com as perseguições e heresias. A partir da paz Constantiniana e consequente consolidação do cristianismo, o combate de diversas heresias, entre as quais o arianismo, foi um desafio que as comunidades cristãs tiveram de enfrentar e combater. A Igreja Nascente – tal como a Igreja nos nossos dias – teve de se adaptar a novos modelos catequéticos e a novos modelos de evangelização, tanto de adultos como de jovens e crianças. Assim, o próprio catecumenado também sofreu alterações. O mesmo foi descrito como um processo de Iniciação Cristã, estruturado em ordem à formação e maturação da fé. Como pudemos ver, o catecumenado, «ou tempo de Iniciação Cristã, é um período através do qual o catecúmeno percorre um caminho de conversão a Jesus Cristo. Esta conversão há de levar a que a pessoa se entregue livre e totalmente a Deus».⁴⁶³

Padres como Ambrósio de Milão, Cirilo de Jerusalém e Agostinho de Hipona, tiveram um papel fundamental na transmissão da fé, da compreensão dos mistérios de Cristo devido às suas experiências mistagógicas. Deste modo, a importância das catequeses mistagógicas era significativa porque as mesmas traduziam-se em ensinamento e aprofundamento da vida de fé dos catecúmenos. As catequeses eram também explicativas dos ritos subjacentes nos sacramentos a receber/já recebidos.

Verificou-se que a Igreja enfrentou desafios internos e externos, como o gnosticismo e o arianismo, mas conseguiu consolidar a sua doutrina e as práticas através de concílios e sínodos, pelo que se pode afirmar que a defesa teológica e a perseverança de muitos líderes eclesiais foram cruciais para esta consolidação.

No terceiro capítulo, partindo da base do que era o método mistagógico da Igreja Primitiva, mostrou-se importante perceber como a mistagogia, elemento nevrálgico na vida de fé dos crentes, tem de estar inserida nos programas pastorais paroquias e diocesanos, dado o seu papel essencial para enfrentar os desafios da secularização e da “nova religiosidade”. O Concílio Vaticano II reforça muito este ponto em vários documentos, como a *Sacrosantum Concilium*, mas também muitas intervenções papais, como é o caso de Francisco na sua

⁴⁶³ Rodrigues, «Iniciação de adultos», 138.

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Por isso, é importante e urgente uma reflexão da pastoral mistagógica. Neste caso, podem surgir diversas possíveis soluções, como é o caso apresentado neste estudo defendido por Vasco Gonçalves, que se foca, essencialmente, na catequese de adultos. Não obstante, é importante referir que, existem efetivamente outros modelos possíveis para colmatar a ausência de mistagogia encontrada nas paróquias, tais como os *Grupos Alfa* e as comunidades do *Caminho Neocatecumenal*, entre outros. Este modelo apresentado é somente uma solução viável para um novo paradigma de evangelização para fazer face a um possível esgotamento do percurso catequético existente nas várias dioceses.

Destacou-se assim, a catequese de adultos como um novo modelo de evangelização, enfatizando a importância de uma comunidade eclesial comprometida, na qual a mistagogia tem um impacto significativo na nova evangelização, promovendo uma catequese que, primeiramente emerge do encontro com Cristo, integra fé e vida, e que responde aos desafios contemporâneos com uma abordagem comprometida.

Podemos, por isso, afirmar que:

A Liturgia é a grande porta para o Mistério. A pastoral mistagógica dos sacramentos, na qual gravita a Liturgia, é hoje nitidamente uma pastoral missionária. Na verdade, a arte mistagógica é um desafiante caminho: ver uma coisa e acreditar noutra é a dinâmica sacramental da fé da Igreja.⁴⁶⁴

⁴⁶⁴ Silva, *Nascemos da Páscoa*, 7.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e documentos

- Agostinho de Hipona. *A Instrução dos Catecúmenos*. Traduzido por Maria Novak. Vol. 7. 14 vols. Fontes da Catequese. Petrópolis: Vozes, 1984.
- . *Acerca da Instrução aos Catecúmenos*. PL 40, 310-347.
- . *Acerca dos Ofícios Eclesiásticos: Livro Quarto*. PL 105, 994-1242.
- . *Acerca do Símbolo: Sermão aos catecúmenos*. PL 40, 628-668.
- . *Acerca da Trindade*. PL 42, 819-1098.
- . *Confissões*. PL 32, 659-868.
- . *Sermões*. PL 38, 23-1484.
- . *Sermões*. PL 39, 1493-1718.
- Ambrósio de Milão. *Acerca dos Mistérios*. PL 16, 389-410.
- . *Acerca dos Sacramentos*. PL 16, 417-462.
- . «De Mysteriis». Em *Collectio Selecta S. S. Ecclesiae Patrum: Pars II - Tractus Dogmatici*, editado por D. A. B. Caillau, 7:3–25. Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842.
- . «De Sacramentis». Em *Collectio Selecta S. S. Ecclesiae Patrum: Pars II - Tractus Dogmatici*, editado por D. A. B. Caillau, 7:27–82. Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842.
- . *Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação Cristã nos Primórdios*. Traduzido por Paulo Arns. 2ª ed. Vol. 5. 14 vols. Fontes da Catequese. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- Bento XVI. «Audiência Geral de 17 Outubro de 2012», 17 de outubro de 2012. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.pdf.
- . «Carta Encíclica *Deus Caritas Est*». Em AAS 98,3: 217-252. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 2006.
- . «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*». Em AAS 99,3: 105-180. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 2007.
- Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2015.
- Catecismo da Igreja Católica*. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016.

- Catequese de Lisboa. «Orientações para a Iniciação Cristã e Catequese de Adultos», março de 2018. https://catequese.patriarcado-lisboa.pt/site/docs/2022345orientacoes_para_a_iniciacao_crista_e_catequese_de_adultos.pdf.
- Cirilo de Jerusalém. *As Catequeses Mistagógicas*. Traduzido por Frederico Vier. Vol. 12. 14 vols. Fontes da Catequese. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- . *Catequeses Mistagógicas*. PG 33, 1065-1128.
- «Codex Iuris Canonici». Em AAS 75 II: 1-324. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1983.
- Código de Direito Canónico*. 4ª ed. rev. Braga: Editorial A.O., 2007.
- Conferência Episcopal Portuguesa. «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo». Moscavide: Secretaria Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2017.
- Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*. 11ª edição. Documentos Conciliares 1. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1992.
- Concílio Ecuménico Vaticano II. «Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*». Em AAS 56: 97-138. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1964.
- . «Declaração Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*». Em AAS 57: 5-71. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1965.
- . «Declaração sobre a Liberdade Religiosa *Dignitatis Humanae*». Em AAS 58: 929-946. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.
- . «Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja *Ad Gentes*». Em AAS 58: 947-990. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.
- . «Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja *Christus Dominus*». Em AAS 58: 673-701. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.
- Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Diretório para a Catequese*. Traduzido por Ricardo Freire. 1ª ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- Cordeiro, José, ed. «Instrução Eucharisticum mysterium, sobre o culto do mistério eucarístico». Em *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, 2ª ed. rev. e Aumentada., 212–40. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014.
- Francisco. «Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus». Em AAS 114: 799-825. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 2022.
- . «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*». Em AAS 105: 1019-1137. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 2013.

Hipólito de Roma. *Tradição Apostólica*. SCh 11 bis.

———. *Tradição Apostólica*. Exsultet 13. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020.

João Paulo II. «Audiência geral de 16 de maio de 2001». vatican.va, 16 de maio de 2001.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010516.html.

———. «Carta Encíclica sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário *Redemptoris Missio*». Em AAS 83: 249-340. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1991.

———. «Exortação Apostólica ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja sobre a Catequese do nosso tempo *Catechesi Tradendae*». Em AAS 71: 1277-1340. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1979.

———. «Instrução *Eucharisticum Mysterium*». Em AAS 72: 113-148. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1980.

Lamelas, Isidro, ed. *Didaché e Doctrina apostolorum*. Traduzido por Manuel Marques. Vol. 5. Philokalia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004.

Tertuliano. *Acerca do Baptismo contra Quintillam*. PL 1, 1331.

Mistagogia a partir do documento da CNBB n.107. São Paulo. Editora Paulinas, 2021.

Paulo VI. «Alocução *Die denique 29 mensis Octobris, exeunte Episcoporum Synodo, hanc Summus Pontifex allocutionem habuit*». Em AAS 69: 631-35. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1977.

———. «Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis*». Em AAS 58: 728-739. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.

———. «Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*». Em AAS 57: 90-112. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1965.

———. «Decreto sobre o Ministério e Vida dos Sacerdotes *Presbyterorum Ordinis*». Em AAS 58: 991-1024. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.

———. «Exortação Apostólica aos Bispos, Sacerdotes e todos os fiéis da Igreja Católica *Evangelii Nuntiandi*». Em AAS 68: 5-76. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1976.

———. «Solene Profissão de Fé». Em AAS, 60: 433-45. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1968.

Pio XII. «Carta Encíclica *Mediator Dei*». Em AAS 39: 521-95. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1947.

Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos. 3ª ed. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 2014.

Sagrada Congregação para o Clero. «*Directorium Catechisticum Generale*». Em AAS 64: 97-176. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1972.

- Tertuliano. «De Baptismo». Em *Collectio Selecta S.S. Ecclesiae Patrum*, editado por D. A. B. Caillau, Vol. 1. Paris: Paul Mellier, Bibliopolam, 1842.
- . «De Resurrectione Carnis». Em *Collectio Selecta S.S. Ecclesiae Patrum: Patres Tertii Ecclesiae Saeculi*, editado por D. Caillau e D. M. N. S. Guillon, Vol. 6. Paris: Méquignon-Havard, Editorem, 1829.
- Zilles, Urbano. *Didaqué: Catecismo dos primeiros cristãos*. 3ª Edição. Fontes da catequese 1. Petrópolis: Vozes, 1970.

Estudos e ensaios

- Aerens, Luc. *La catequesis del camino: Una apuesta práctica familiar, comunitaria e intergeneracional*. Traduzido por José Cursach. Santander: Sal Terrae, 2007.
- Alberich, Emilio, e Ambroise Binz. *Catequesis de adultos: elementos de metodología*. 1ª ed. Madrid: Editorial CCS, 2005.
- Álvarez, Tomás. «Mística y mistagogia». *Teresianum: Rivista della Pontificia Facoltà Teologica e del Pontificio Istituto di Spiritualità «Teresianum»* 52, n.º 1–2 (2001): 735–43.
- Alves, Paulo. «Catequese de Adultos: opções prioritárias». Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia, 2019.
- Arnau-Garcia, Ramón. *Tratado general de los sacramentos*. BAC 4. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- As raízes da sabedoria*. Cadernos bíblicos 28. Paulinas, 1983.
- Augé, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. Traduzido por José Manuel Marques Pereira. Dessedentar 3. Prior Velho: Paulinas, 2005.
- Bacq, Philippe. «Para uma pastoral de gestação». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, traduzido por Maria Pernas, 7–34. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- Basevi, Claudio. *San Ambrósio: La iniciación cristiana (la explicación del símbolo, los sacramentos, los misterios)*. Clasicos de Espiritualidad 45. Madrid: Rialp, 1977.
- Baus, Karl, Hans-Georg Beck, Eugen Ewig, e Hermann Josef Vogt. *Manual de Historia de la Iglesia*. Editado por Hubert Jedin. Vol. II. VIII vols. Sección de Historia 77. Barcelona: Editorial Herder, 1980.
- Benedito, André. «O Espírito Santo nos sacramentos do Batismo e da Confirmação nas catequese mistagógicas de Ambrósio de Milão». *Revista de Cultura Teológica*, n.º 96 (2020): 180–95. <https://doi.org/10.23925/rct.i96.47251>.

- Bernardo, Bonifácio. «Simbolismo e tipologia do baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio». *Didaskália*, Fundamenta, 1988, 453. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1988.898>.
- Bollin, Antonio, Francesco Gasparini, e Georgino Rocha. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. Traduzido por Maria Graça Ferrão Maia da Rocha. Crescer na fé 8. Lisboa: Paulinas, 1996.
- Borobio, Dionisio. «Catecumenado». Em *Nuevo diccionario de liturgia*, editado por Domenico Sartore e Achille M. Triarca, 298–319. Madrid: Ediciones Paulines, 1987.
- . *La Iniciación Cristiana: Bautismo, Educacion familiar, Primera eucaristia, Catecumenado, Confirmacion, Comunidad cristiana*. Tercera edicion. Lux Mundi 72. Salamanca: Ediciones Siguime, 2009.
- . *Pastoral dos Sacramentos*. Traduzido por Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- Borriello, Luigi. «Note sulla mistagogia: o dell'introduzione all'esperienza di Dio». *Ephemerides Carmeliticae* 32, n.º 1 (1981): 35–89.
- Buckley, Francis. «Una catequesis parroquial en una sociedad secularizada». Em *Nuevos caminos para la catequesis hoy*, editado por Henri Derroitte, traduzido por José Cursach, 145–62. 15. Santander: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Cabecinhas, Carlos. *No coração da Igreja: Eucaristia, comunidade e missão*. 1ª ed. Lisboa: Paulus, 2020.
- Cabié, Robert. «La iniciación cristiana». Em *La Iglesia en oración: introducción a la liturgia*, editado por Aimé Martimort, 4ª ed. atualizada e Aumentada., 572–665. Sección de Liturgia 58. Barcelona: Herder, 1992.
- Carvalho, Joaquim. «Espaços e tempos para a celebração batismal». Em *A Iniciação Cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, 1ª ed., 79–116. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.
- Costa, Bernardino. «Ritual da Iniciação Cristã de Adultos: uma leitura dos Praenotanda». Em *A Iniciação Cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, editado por António Canavarro, 1ª ed., 117–28. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.
- Costa, Rosemary Fernandes. «O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos». *HORIZONTE* 10, n.º 27 (3 de outubro de 2012): 831–53. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n27p831>.
- Daniélou, Jean. *Bible et liturgie: la theologie biblique des sacrements et des fêtes d'après les pères de l'Église*. 2ª ed. rev. Lex Orandi 11. Paris: Cerf, 1958.
- . «Historia de la salvación y formación litúrgica». *Liturgia*, n.º 45 (1965): 243–53.

- . *La catequesis en los primeros siglos*. Burgos / Nápoles: Monte Carmelo / Grafite Ediciones, 1998.
- Daviau, Pierrette. «Espiritualidade de gestação e praxis pastoral». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, traduzido por Maria Pernas. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- Dias, Manuel. *A Iniciação Cristã: catequese sobre os sacramentos*. Crescer na fé 10. Lisboa: Paulinas, 1996.
- Dujarier, Michel. *Breve Historia del Catecumenado*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1986.
- Dumas, Odil, e Philippe Bacq. «Palavra de Deus e pastoral de gestação». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho para uma pastoral de gestação*, traduzido por Maria Pernas, 111–34. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- Esteves, José Fernando Caldas, e José Manuel Garcia Cordeiro. *Liturgia da Igreja*. Estudos teológicos 29. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.
- Federici, Tommaso. «La Mistagogia della Chiesa: Ricerca Spirituale». Em *Mistagogia e Direzione Spirituale*, por Autori vari, 167–245, 1ª ed. Milano: Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum – Edizioni O.R., 1985.
- Ferreira, José. *Os mistérios de Cristo na liturgia*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.
- Fischella, Rino. *A fé como resposta de sentido: abandonar-se ao mistério*. Traduzido por António Maia da Rocha. 1ª ed. Ensaio 13. Prior Velho: Paulinas, 2006.
- Floristán, Casiano. *Para compreender o catecumenado*. Traduzido por Abílio Cardoso e Jorge Cardoso. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.
- Forte, Bruno. *Introdução aos sacramentos*. Traduzido por António Rocha. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.
- . *La Teología como compañía, memoria y profecía*. Verdad e imagen 118. Salamanca: Sígueme, 1990.
- Francisco Taborda. *Nas fontes da vida cristã: Uma Teologia do Batismo-Crisma*. Nas fontes da vida cristã. Theogica 4. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- Frezzato, Anderson. «Gnosticismo: Um resgate conceitual motivado pela Exortação Apostólica Gaudete et Exultate». *Revista Eletrônica Espaço Teológico* 12, n.º 22 (2018): 43–53. <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2018v12i22p43-53>.
- Giraud, Cesare. *Num só Corpo: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia*. Traduzido por Francisco Taborda. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2022.
- Gonçalves, Vasco. *A catequese familiar: reflexões e propostas de trabalho*. Educação ao longo da vida 3. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011.

- . *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- Halík, Tomás. *A tarde do cristianismo: O tempo da transformação*. Traduzido por Paulo Ramos. 1ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2022.
- . *O tempo das Igrejas vazias*. Traduzido por Karin Sousa. 1ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.
- Haller, Mario. «La experiencia catecumenal en la época patristica. Un ejemplo de integración de la fe, la celebración y la vida». *Cuadernos Monásticos*, n.º 203 (2017): 411–35.
- Harkness, Allan. «Una catequesis intergeneracional». Em *Nuevos caminos para la catequesis hoy*, editado por Henri Derroitte, traduzido por José Cursach, 59–78. 15. Santander: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Editado por Guilherme Valente. Traduzido por Catarina Nunes. 1ª ed. Religião Aberta 2. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Hoornaert, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Teologia e Libertação 3. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Jaeger, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Traduzido por Teresa Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991.
- Jungmann, Josef. *Catequética: Finalidad y método de la instrucción religiosa*. Traduzido por Francisco Payeras. 2ª ed. Sección de Pedagogía 32. Barcelona: Editorial Herder, 1961.
- Lamelas, Isidro. «Una domus et ecclesia Dei in saeculo: Leitura sócio-antropológica do projecto de ecclesia de S. Cipriano de Cartago». *Didaskalia* 36, n.º 1 (2006): 95–99. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2006.36.1>.
- Lanza, Sergio. *La parrocchia in un mondo che cambia situazioni e prospettive*. 1ª ed. Appunti di Teologia. Roma: Editrice OCD, 2004.
- Laurentin, André, e Michel Dujarier. *El catecumenado: fuentes neotestamentarias y patristicas la reforma del Vaticano II*. Traduzido por José del Palacio. Colección Teshuva. Burgos: Grafite, 2002.
- . *El Catecumenado. Fuentes neotestamentarias y patristicas. La reforma del Vaticano II*. Editado por José Luis del Palacio. Colección Teshuva 11. Bilbao: Grafite Ediciones, 2002.
- Lelo, A. F. «Mistagogia: participação no mistério da fé». *Revista Eclesiástica Brasileira*, n.º 257 (janeiro de 2005): 64–81.
- Matteo, Maria, e Francisco Amherdt. *Abrir-se à fecundidade do Espírito: fundamentos de uma pastoral de gestação*. Traduzido por Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas, 2016.

- Mazza, Enrico. *A mistagogia - As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*. Traduzido por Orlando Moreira. Liturgia. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- . *La celebración eucarística. Génesis del rito e sviluppo dell'interpretazione*. Bologna: EDB, 2003.
- . *La mistagogia: una teologia della liturgia in epoca patristica*. Bibliotheca Ephemerides Liturgicae 46. Roma: C.L.V. - Ed. Liturgiche, 1988.
- Messias, Teresa. «A fé como experiência existencial». Em *A fé da Igreja*, editado por João Lourenço, 285–381. Teologia portuguesa. Lisboa: Paulus, 2014.
- Milán, Ambrosio. *Ambrosio de Milán: Explicación del símbolo, los sacramentos, los misterios*. Traduzido por Pablo Barranco. Biblioteca de Patrística 65. Madrid: Ciudad Nueva, 2005.
- . *Explicación del símbolo; los sacramentos; los misterios*. Traduzido por Pablo Barranco. 1ª ed. Biblioteca Patrística 65. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2005.
- Miranda, Mário. «A volta do sagrado. Uma avaliação teológica». *Perspectiva Teológica*, n.º 83 (1989): 71–83.
- Monteiro, Anderson Batista. «A mistagogia profética do Papa Francisco: uma análise litúrgico-sacramental dos atos simbólicos realizados pelo Papa Francisco». *Pesquisas em Teologia* 4, n.º 7 (2021): 135–57. <https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2021v4n7p135>.
- Neto, Tiago. *Hora de mudança na transmissão da fé: A urgência da pastoral de gestação*. Prior Velho: Paulinas, 2016.
- Oliveira, Maria Isabel. *Catequese Intergeracional: Desafios e propostas para comunidades e famílias*. Porto: Edições Salesianas, 2007.
- Pacheco, Luis. «Iniciação Cristã na Igreja Antiga». *PARALELLUS - Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, n.º 2 (dezembro de 2010): 161–81.
- Padovese, Luigi. *Introducción a la teología patristica*. Verbo Divino 2. Estella: Ed. Verbo Divino, 1996.
- Pavés, José. «Liturgia y Catequesis en los Padres de la Iglesia. Apuntes para el estudio». *Teología y catequesis*, n.º 80 (2001): 32.
- Rahner, Karl. *O desafio de ser cristão: Textos espirituais*. Traduzido por Álvaro Machado da Silva. Petropolis: Vozes, 1978.
- Rocchetta, Carlo. *Los sacramentos de la fe: estudio de teología bíblica de los sacramentos como «eventos de salvación» en el tiempo de la Iglesia*. Traduzido por Fernando Antoñanzas. Vol. 2. Sacramentología bíblica especial. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002.

- . *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como «maravilhas de salvação» no tempo da Igreja*. Traduzido por Álvaro Cunha. Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas, 1991.
- Rodrigues, Luís. «Iniciação Cristã de adultos: processos e tempos». Em *A Iniciação Cristã em tempos de secularização: Jornadas de Teologia 2020*, editado por António Canavarro, 1ª ed., 129–59. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.
- Santos, Wander. «A educação cristã em Agostinho: O catecumenato ontem e hoje». Pontifícia Universidade Católica de Góias, 2021.
- Schreiber, Mílton. «Mistagogia: Comunicazione e vita spirituale». *Ephemerides Carmeliticae* 28, n.º 1 (1977): 3–58.
- Silva, Bruno. «A mistagogia como método teológico da liturgia e sua contemporaneidade». Faculdade Católica de Santa Catarina, 2022.
- Silva, Luís. *Nascemos da Páscoa: O memorial do mistério pascal*. Editado por Carlos Pinto e Ricardo Jacinto. 1ª ed. Hodie 4. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.
- Steiner, George. *Nostalgia do absoluto*. Traduzido por José Flores. Antropos 61. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.
- Teixeira, Alfredo, ed. «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas», 2012.
- Tena, P., e Dionisio Borobio. «Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação». Em *A celebração na Igreja: Sacramentos*, editado por Dionisio Borobio, traduzido por Luiz Gaió, 2:23–144. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- Terra, J. E. Martins. *História da catequese*. Bíblia e catequese 2. São Paulo: Loyola, 1982.

Dicionários e Enciclopédias

- Aldazabal Larrañaga, José. «Effatha». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 320. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- . «Iniciação». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 145–46. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- . «Lucernário». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 170–71. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.

- . «Mistagogia». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 183-84. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- . «Movimento Litúrgico». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 188-89. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- . «Neófito». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 193-94. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- . «Oitava». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*, editado por Rui Oliveira, traduzido por José Manuel Marques Pereira, 202-203. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulistas, 2007.
- Coenen, Lothar. «Mensaje». Em *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*, editado por Mario Sala e Araceli Herrera, III:54–68. Salamanca: Sígueme, 1993.
- Ferreira, António. «Secularização». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Azevedo, IV:195–201. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001 de 2000.
- Lacoste, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: PUF, 1998.
- Lampe, G. W. H., ed. «Κατηχέω - Κατήχησις». Em *A Patristic Greek Lexicon*, 732–33. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- Marsili, Salvatore. «Sacramentos». Em *Dicionário de Liturgia*, editado por Domenico Sartore e Achille M. Triacca, traduzido por Isabel Fontes Leal Ferreira, 1058–69. Dicionários EP. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- Nocent, Adrien. «Iniciação Cristã». Em *Dicionário de Liturgia*, editado por Domenico Sartore e Achille M. Triacca, traduzido por Isabel Fontes Leal Ferreira, 593–606. Dicionários EP. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- Ramos, M. «Evangelização e Liturgia». Em *Dicionário de Liturgia*, editado por Domenico Sartore e Achille M. Triacca, traduzido por Isabel Fontes Leal Ferreira, 423–26. Dicionários EP. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- Sartore, Domenico. «Catequese e Liturgia». Em *Dicionário de Liturgia*, editado por Domenico Sartore e Achille M. Triacca, traduzido por Isabel Fontes Leal Ferreira, 175–83. Dicionários EP. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.